

Literatura - 18

J. R. R. Tolkien

The Lord of the Rings

A Viagem e a Transformação

Maria do Rosário Ferreira Monteiro



Instituto Nacional de Investigação Científica

**Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas
Modernas da Universidade Nova de Lisboa**

**Lisboa
1992**

TÍTULO

THE LORD OF THE RINGS: A VIAGEM E A TRANSFORMAÇÃO

1.^a edição — Abril de 1992

Série: Literatura - 18

ISBN 972-667-290-2

AUTOR

Maria do Rosário Ferreira Monteiro

EDIÇÃO

Tiragem: 1 000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Arranjo gráfico de Mário Vaz a partir de «Taniquetil»

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

BARBOSA & XAVIER, LIMITADA

Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-C — 4700 Braga

DISTRIBUIÇÃO

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

Rua Marquês de Sá da Bandeira, n.º 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 54957/92

Copyright © Maria do Rosário Ferreira Monteiro

Ao João e ao Nuno Miguel

HIER ROLLTE GOLD...

*Hier rollte Gold, hier spielte ich mit Gold
— in Wahrheit spielte Gold mit mir — ich rollte!*

F. NIETZSCHE

NOTA PRÉVIA

Este livro, agora publicado pelo INIC, é o resultado de um trabalho de investigação realizado entre 1985 e 1987 para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários Comparados pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A literatura fantástica é uma área da literatura mundial que recebeu nas últimas décadas um grande interesse por parte da comunidade científica internacional. A multiplicação das associações, reuniões e congressos, a par da crescente produção teórica e científica, dão prova da vitalidade desta área da crítica literária. Parte deste movimento foi precisamente despoletado pelo interesse provocado pela obra de J. R. R. Tolkien e de outros autores como C. S. Lewis, Charles Williams, etc.

Este fenómeno internacional não teve ainda reais desenvolvimentos em Portugal. Cinco anos volvidos sobre a realização deste trabalho verificamos que ele é um dos primeiros (senão o primeiro) editado entre nós que, de uma forma sistemática e científica, analisa a obra de Tolkien, abordando ainda, embora de forma breve, a problemática da ficção fantástica contemporânea.

Temos, porém, consciência de que este livro não é perfeito e enferma de algumas limitações próprias de um primeiro trabalho desta envergadura. Corrigir esses aspectos levaria à reestruturação de parte substancial do texto. Optámos, por isso, por fazer apenas pequenas correcções de pormenor, deixando para um trabalho posterior o desenvolvimento dos aspectos que aqui nos parecem insuficientemente discutidos.

Não queremos concluir esta nota sem deixar expressos os nossos sinceros agradecimentos à Professora Doutora Yvette Kace Centeno Moreira pela interessada orientação e constante estímulo e amizade de que sempre deu prova ao longo destes anos. Desejo ainda agradecer a Lynda Ballinger, da Harper Collins Publishers, pelo interesse demonstrado pelo nosso trabalho e pelo seu empenhamento pessoal para que nos fossem outorgadas as autorizações para citar excertos das obras de Tolkien e para reproduzir as gravuras e mapas sem os quais o livro ficaria inegavelmente mais pobre.

Não posso, também, deixar de dar testemunho da amizade e incentivo que sempre recebi dos meus colegas do Departamento de Estudos Alemães. Finalmente o nosso agradecimento vai para o Instituto Nacional de Investigação Científica, instituição de que sou bolseira e que promoveu e possibilitou esta edição.

Lisboa, 1992

MARIA DO ROSÁRIO C.V. FRADE FERREIRA MONTEIRO

I

INTRODUÇÃO

Ao propor-me apresentar uma análise da trilogia *The Lord of the Rings*, de Jonh Ronald Reuel Tolkien, tenho consciência de estar a abordar uma obra que só muito recentemente alcançou o « grande público » e os próprios meios académicos portugueses. Este facto condicionou a organização do trabalho, levando-me a ter sempre em atenção o fio narrativo da obra, e a recorrer a várias citações e mesmo paráfrases que permitam uma comparação imediata entre as teorias por mim apresentadas ou defendidas e a própria trilogia.

Se analisarmos as datas de publicação desta segunda obra narrativa de Tolkien ¹ vemos que, desde a primeira edição em 1954/55 até 1966 (data da segunda edição), foram feitas dezenas de reimpressões, tanto no Reino Unido como nos Estados Unidos da América. Em 1965 registou-se um novo impulso nas vendas com a entrada no mercado das edições em *paperback*. O enorme interesse que esta obra despertou levou mesmo a que, em 1956, fosse feita a sua primeira tradução.

Deste conjunto de informações podemos tirar várias conclusões. Uma é a de que a obra de Tolkien despertou rapidamente o interesse do público, tornando-se num êxito editorial extremamente duradouro. Uma segunda conclusão é a de que o mercado editorial português deixou passar três décadas até apresentar uma tradução (com alguns defeitos) que permitisse o acesso do grande público a esta obra ².

Se é verdade que o êxito da trilogia *The Lord of the Rings* é uma realidade desde a primeira edição, também é verdade que isso não estava nas previsões do autor ou mesmo da sua editora, a prestigiada George Allen & Unwin. De facto, a atmosfera reinante era de receio que a obra se tornasse num *fiasco* editorial. Para se precaverem

¹ Humphrey CARPENTER, *J. R. R. Tolkien: A Biography*. London: Unwin Paperback, 1978, p. 271.

² A primeira tradução para língua portuguesa data de 1975, editada no Brasil.

dessa possibilidade, que parecia tão forte dado a « estranheza » e extensão da trilogia, os editores propuseram a Tolkien que o pagamento dos direitos de autor fosse substituído por uma divisão de lucros, os quais só surgiriam se os custos da edição fossem cobertos³. Para além disso, a primeira edição não ultrapassou as três mil e quinhentas cópias, o que é um número manifestamente reduzido para o mercado inglês, mesmo em 1954⁴.

Como se pode então justificar o êxito desta obra quando editores responsáveis e experientes temiam um fracasso? Sem dúvida que as primeiras críticas foram, de um modo geral, favoráveis mas, mesmo num país onde a qualidade e importância da crítica literária são reconhecidas por autores, editores e público, os pareceres favoráveis justificam apenas um certo impulso nas vendas, e não os índices que esta obra registou.

A verdadeira razão terá de ser procurada na própria trilogia, no seu valor intrínseco como texto literário. Uma análise, mesmo que superficial, do mercado editorial mostra que o êxito de vendas (normalmente associado ao termo *best-seller*) é, muitas vezes, um mero processo publicitário que utiliza o livro não pela sua real valia literária e cultural, mas pelo seu valor de troca. Assim, o livro é lançado no mercado logo com essa classificação, a que se junta uma campanha publicitária diversificada e uma tiragem inicial reduzida para justificar uma rápida segunda impressão (já previamente preparada) que, ao ser anunciada na capa do livro, funciona como mais um elemento publicitário.

Este processo continua até à sua « morte natural » que tem como causa a saturação do mercado. Esta situação surge normalmente porque a procura foi inferior às expectativas e, para isso, encontramos um leque variado de razões como o baixo poder de compra do público leitor, o seu baixo nível cultural ou (e esta é, normalmente, a razão mais forte) o facto de a obra não ter a qualidade literária suficiente para sobreviver por si mesma. Nestes casos, os processos publicitários não são mais do que « balões de oxigénio » que lhes prolongam artificialmente a vida até que, num período de tempo mais ou menos reduzido, ficam esquecidas nas prateleiras das livrarias.

³ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 219.

⁴ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 223.

Ora, curiosamente, não foi isso que sucedeu com a trilogia *The Lord of the Rings*. O seu sucesso, não só no Reino Unido e nos Estados Unidos da América mas em todos os países onde foi traduzido⁵, tem sido constante desde há mais de trinta anos. A sua publicação agitou adeptos e opositores que o elogiaram e atacaram com igual fervor e o seu exemplo abriu as portas à ficção fantástica contemporânea. Mais uma vez, só podemos encontrar justificação para esta situação no valor intrínseco da *fantasia* do Professor Tolkien, pois ninguém tem dúvidas de que o tempo é, ainda hoje, um dos grandes juizes do valor literário.

Uma das dificuldades levantadas para a publicação da trilogia residia no facto de a obra cair fora dos parâmetros « normais » da produção literária, isto é, *The Lord of the Rings* não era declaradamente dirigida a um público específico, no sentido em que não era nem um conto de fadas, nem um romance, nem poesia, mas tudo isso simultaneamente. O único elemento « seguro » que a obra dava à tentativa de catalogação era a de se tratar de um *texto literário*.

Porém, todos nós sabemos como é « perigosa » esta definição de *texto literário*, quase tanto como a própria tentativa de definir *literatura*. Esta existe desde os primórdios da humanidade, foi defendida por muitos, banida por outros, enaltecida e denegrida, mas a tudo sobreviveu, resistindo aos « atestados de óbito » e expulsões. Ainda hoje, muitos se interrogam sobre o que é, de facto, a *literatura*. Em 1984, Augusto Abelaira escrevia: « Que é que nos leva a dizer de certas obras que são literatura, negando a outras tal classificação? Falar na qualidade nada resolve como se sabe. »⁶ Também nada resolve falar de estilo, de género ou de escola. Estes conceitos tornam-se estereis quando utilizados para definir *literatura* ou *textos literários*. A obra *The Lord of the Rings* foge a estas tentativas de catalogação. Isto foi o que muitos críticos não compreenderam e, no entanto, foi como universo literário que esta trilogia se impôs ao público e sobreviveu ao tempo. Porquê? Atentemos, por um momento,

⁵ As traduções desta obra rondam actualmente as duas dezenas de línguas, como se conclui da lista apresentada em *J. R. R. Tolkien: A Biography*, pp. 271-272.

⁶ Augusto ABELAIRA, « Ao pé das Letras », *J.L.*, nº 104, Ano IV, 1984.

na definição de *texto literário* enunciada por Yvette Centeno numa das suas obras:

O *Texto Literário* resulta de uma vontade de comunicação. Mas aquilo que o define é, mais do que a vontade de comunicação, a sua capacidade de significar (...) *Texto Literário* é aquele em que a comunicação não se opera e não actua ao nível só consciente, mas a outro nível, que podemos chamar simbólico, proveniente de e dirigindo-se ao inconsciente. Ao outro eu, não racional, de sombra, ao Eu Universal (no sentido de Self, de Soi, de Selbst) que se contrapõe (e o abarca, por ser mais vasto do que ele) ao eu individual⁷.

Todos nós temos consciência que a vida de um texto literário reside na sua capacidade de, independentemente do tempo, moda, estilos e culturas, actuar no espírito dos leitores.

Um texto literário não é ditado exclusivamente por opções conscientes do autor, sejam elas políticas, religiosas ou outras. Se assim fosse, o resultado final seria uma escrita panfletária e não necessariamente literatura. O texto literário provém das estruturas mentais conscientes e inconscientes do autor e tem por destino as estruturas equivalentes presentes em todos os seres humanos. Como diz Jung:

Do mesmo modo que os nossos corpos conservam em numerosos órgãos os resíduos de antigas funções e estados, também o nosso espírito, não obstante parecer ter ultrapassado [as] tendências arcaicas, traz nele as marcas da evolução percorrida e repete o passado longínquo pelo menos nos seus sonhos e fantasias⁸.

Assim, para alcançar essas « marcas » guardadas no seu espírito, o autor faz apelo à imaginação criativa e, uma vez as estruturas activadas, encontram eco no leitor, numa zona da sua *psyche* que Jung designou por *inconsciente colectivo*. Este « não deve (...) a sua existência à experiência pessoal e não é, consequentemente, uma aquisição pessoal »⁹. É nessa zona que se encontram os conteúdos

⁷ Yvette Kace CENTENO, *A Alquimia do Amor*. Lisboa: Regra do Jogo, 1982, p. 55.

⁸ Carl Gustav JUNG, *Métamorphoses de l'Âme et ses Symboles*. Genève: Librairie de l'Université, Georg & Cie. S.A., 1953 (1978), p. 80.

⁹ Carl Gustav JUNG, *The Archetypes and the Collective Unconscious*. Cito de *A Alquimia do Amor*, p. 56.

inconscientes comuns a toda a humanidade — os arquétipos, que o texto literário activa, ultrapassando, deste modo, o carácter meramente individual e temporal da escrita/leitura. É nisto que reside a universalidade e atemporalidade do texto literário pois, quanto mais do inconsciente colectivo provier, mais actuante, mais literário será.

Em minha opinião a especificidade da trilogia *The Lord of the Rings* só pode ser abarcada convenientemente se a análise se regular pelos princípios que temos vindo a apresentar. A psicologia Jungiana é o corpo teórico que nos dá mais pistas para a compreensão desta obra, uma vez que se trata de uma narrativa eminentemente simbólica que se integra num vasto universo mitológico. Quando a interpretamos dentro desta perspectiva vemos o texto organizar-se em torno de um símbolo normalmente associado à ideia de transformação: o símbolo da viagem. A trilogia *The Lord of the Rings* exprime um desejo profundo de mudança, de transformação num estado superior de perfeição. Isso é feito através da narração de uma viagem na qual o Homem luta pela obtenção desse estado « de graça » que se encontra dentro dele próprio. Será esta a perspectiva que irei adoptar para analisar a obra de Tolkien.

II

JOHN RONALD REUEL TOLKIEN: VIDA E OBRA

1. ALGUNS ASPECTOS DA SUA VIDA PESSOAL E ACADÊMICA

John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 1892 em Bloemfontein, capital do Estado Livre de Orange, actualmente uma província da República da África do Sul. Seu pai, Arthur Tolkien, era descendente de alemães, estabelecidos em Inglaterra há várias gerações como fabricantes de pianos, negócio que falira havia umas dezenas de anos. Arthur empregou-se como bancário e foi com esta profissão que partiu para o Estado Livre de Orange em busca de melhores oportunidades. Estas surgiram e, em pouco tempo, ascendeu ao cargo de gerente de uma filial bancária em Bloemfontein. Obteve, então, autorização para contrair matrimónio com Marbel Suffield, descendente de uma família originária das Midlands, que ficara em Inglaterra enquanto Arthur procurava uma situação financeira estável.

Se é verdade que em termos económicos a vida da jovem família Tolkien estava equilibrada, o mesmo já não se pode dizer quanto à adaptação à vida em África de alguns dos seus membros, nomeadamente de John Ronald, o filho mais velho, e Marbel. Foi precisamente para fugir por algum tempo ao rigor do clima sul-africano que Marbel e os seus dois filhos (Hilary nasceu em 1894) partiram, em 1895, para umas férias em Inglaterra. John Ronald recuperou rapidamente com a mudança para um clima mais temperado, mas não mais voltaria à África do Sul pois seu pai faleceu no início de 1896, na sequência de complicações provocadas por uma febre reumática.

Com a morte do marido, Marbel herdou um pequeno rendimento e, com a ajuda financeira da família, estabeleceu-se em Sarehole, pequena povoação de Birmingham ¹. Foi nesse ambiente, então quase

¹ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, pp. 25-27.

exclusivamente rural, que se encarregou da educação dos seus filhos, preparando-os para a admissão na King Edward School.

Marbel Tolkien foi, sem dúvida, uma pessoa que marcou profundamente a personalidade de John Ronald, apesar da sua morte prematura². Os ensinamentos que lhe ministrou durante os anos passados em Sarehole (1896-1900), nos quais se incluíram o Latim, Francês, Alemão e princípios de etimologia, estão na base do interesse que Tolkien manifestaria posteriormente pela linguística. Outros ensinamentos maternos dessa época disseram respeito ao desenho e pintura, dois domínios que Tolkien nunca abandonou. As técnicas de desenho foram-lhe úteis para a criação de alfabetos e também como suporte físico para as línguas por ele inventadas³, enquanto o gosto pela pintura o levou a representar pictoricamente alguns episódios das suas obras⁴ e a ilustrar as histórias que criou para entretenimento dos seus filhos⁵. Tolkien teve consciência da influência exercida pela mãe relativamente à orientação tomada pela sua vida profissional e artística. Ele próprio reconheceu esse facto numa carta dirigida a dois jornalistas que o entrevistaram em 1967⁶.

A educação ministrada por Marbel não se limitou a matérias teóricas, incluindo também um aspecto considerado hoje em dia indispensável no período de formação da criança: a leitura. Durante os anos passados em Sarehole, Tolkien teve acesso a um bom número de obras que lhe despertaram o gosto pela leitura, nomeadamente de lendas e contos de fadas (no sentido de *Fairy-Tales*). Algumas das obras que o interessaram particularmente foram histórias de índios, os livros de George MacDonald, as lendas do Rei Artur e os *Fairy Books* de Andrew Lang, principalmente o *Red Fairy Book*⁷.

O fascínio que este tipo de literatura exerceu em J. R. R. Tolkien não desapareceu com a passagem da infância, tal como o interesse

² Marbel faleceu em 1904, quando Tolkien contava 12 anos.

³ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, pp. 45, 107 e 243.

⁴ Christopher TOLKIEN (ed.), *Pictures by J. R. R. Tolkien*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1979.

⁵ As obras que Tolkien escreveu e ilustrou para os seus filhos foram: *The Father Christmas Letters*. (London: George Allen and Unwin Ltd., 1976), *Mr. Bliss*. (London: George Allen and Unwin Ltd., 1982).

⁶ Humphrey CARPENTER (ed.), *The Letters of J. R. R. Tolkien*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1981, p. 377.

⁷ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 30.

pelas línguas não diminuiu com o contacto com outras disciplinas. Ao longo de toda a sua vida profissional e artística, Tolkien seria dominado por estas duas vertentes — a linguística e a literatura, que se interpenetraram e fizeram com que as suas aulas e conferências, bem como a sua obra literária, tivessem um cariz muito particular. Uma e outra vertentes, no seu jogo de interdependências, conduziram Tolkien a um aprofundamento constante de conhecimentos e, assim como se interessou pelas línguas dos povos nórdicos, também teorizou sobre literatura nos seus vários campos, entre os quais as lendas e os contos. Neste domínio, é particularmente interessante o seu ensaio *On Fairy-Stories*⁸, datado de 1938 e apresentado num ciclo de conferências sobre Andrew Lang na Universidade de St. Andrews. Nesse ensaio encontramos a confirmação da influência profunda exercidas pelas leituras da infância, pois não só a conferência era dedicada ao autor que mais o tinha impressionado nesse período⁹, como o próprio autor afirma nesse texto, ser um apaixonado pelos contos de fadas desde que aprendeu a ler¹⁰.

Outro aspecto importante da vida de J. R. R. Tolkien é que tem a ver com as marcas profundas deixadas pela mãe, diz respeito à sua religiosidade. Em 1900, Marbel tornou-se membro da Igreja Católica Apostólica Romana o que teve como consequência directa o repúdio dos seus familiares, pois quer os Suffield quer os Tolkien eram profundamente anti-católicos. Este corte com a família significou também o fim da ajuda económica que alguns parentes lhe prestavam.

O início do século marcou, assim, uma viragem brusca na vida calma de Sarehole. O corte com os familiares e os problemas financeiros coincidiram com a entrada de John Ronald para a King Edward's School e a mudança para a cidade. Seguiram-se quatro anos de insegurança e de constantes mudanças de residência, até que, em 1904, Marbel morreu vítima de diabetes. Os filhos ficaram, então, sob a protecção de um padre católico amigo de Marbel, Padre Francis

⁸ John Ronald Reuel TOLKIEN, *The Monsters and the Critics and Other Essays*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1983, pp. 109-161.

⁹ Neste ensaio Tolkien critica, porém, a concepção que Andrew Lang tinha dos contos de fadas e que o tinham levado a incluir na sua colectânea obras que não deveriam ser classificadas como tal.

¹⁰ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 109.

Morgan, que financiou os estudos de John Ronald e Hilary e lhes arranhou alojamento.

Para John Ronald Tolkien a morte da mãe não mais foi dissociável da religião católica e, a pouco e pouco, a imagem que dela guardou no seu espírito foi-se transformando até a conceber como uma mártir morta ao serviço de Deus. Esta ideia, que ganhou forma durante o período da adolescência, permaneceu para sempre na sua mente tendo-a transmitido, posteriormente, aos seus filhos¹¹.

A partir de 1904 a vida de John Tolkien e seu irmão entrou num certo equilíbrio, contrastando com o período agitado dos quatro anos anteriores. Durante os estudos na King Edward School, a atracção de Tolkien pelas línguas foi fortalecida por constantes descobertas ligadas a obras literárias importantes. Assim, nos primeiros anos aprendeu Grego e, mais tarde, Middle-English e Old-English. A estes dois períodos da língua inglesa estão associadas duas obras importantes, que impressionaram Tolkien de modo particular — refiro-me a *Beowulf* e *Sir Gawain and the Green Knight*.

A tendência natural que demonstrava para o estudo de línguas e o entusiasmo que punha nas suas pesquisas, foram encorajados por alguns professores que lhe foram abrindo novos horizontes culturais. Assim, ao terminar o curso pré-universitário, Tolkien falava fluentemente várias línguas germânicas. Era ainda detentor de uma bolsa de estudos que lhe abria as portas da Universidade onde deu entrada em 1911, com 19 anos, para estudar línguas e cultura clássicas.

A vida em Oxford tinha todas as condições para agradar profundamente a este jovem oriundo da classe média, habituado a mover-se num ambiente exclusivamente masculino onde as discussões e trocas de ideias constituíam o pólo aglutinador. Ainda na King Edward School, Tolkien tinha formado, com três outros colegas — Christopher Wiseman, Robert Q. Gilson e Geoffrey B. Smith, o T.C.B.S. (Tea Club and Barrovian Society), grupo em cujas reuniões discutiam animadamente pintura, música e literatura e onde Tolkien entretinha os seus colegas com recitações algo dramatizadas de excertos de *Beowulf*,

¹¹ Tolkien escreveu, em 1941, uma carta a seu filho Michael onde afirma que Marbel tinha sido uma mártir ao serviço de Deus. Conforme *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 54.

Pearl, Sir Gawain and the Green Knight e da *Völsungsaga*¹². Os laços que uniam os quatro membros principais deste « clube » permaneceram muito fortes, tendo sobrevivido à sua saída da King Edward School e só viriam a ser definitivamente cortados com a morte de Robert Gilson e Geoffrey Smith na Primeira Guerra Mundial.

A experiência com o T.C.B.S. predispunha o então jovem John Ronald a integrar, ou mesmo formar, grupos onde o pólo aglutinador fosse o intercâmbio de ideias e gostos, dentro de um espírito algo gregal. Grupos deste tipo não eram raros entre os estudantes de Oxford. Assim, ajudou a fundar os *The Apolausticks*, grupo que organizava debates, publicava artigos e se reunia em dispendiosos jantares. Mais tarde, já como professor, Tolkien não perdeu o gosto por reuniões deste tipo, tendo ajudado a fundar em Leeds, com E. V. Gordon, um grupo para estudantes, chamado *Viking Club*, onde se liam sagas e poemas e se bebia muita cerveja¹³. De regresso a Oxford seria de sua iniciativa a fundação do *Coalbitters*, onde o pretexto eram as sagas Islandesas, para formar mais tarde, com C. S. Lewis e Charles Williams, os *Inklings*, onde estes três escritores liam e criticavam mutuamente as suas obras¹⁴.

Durante os primeiros anos em Oxford Tolkien estudou línguas e cultura clássica. Porém, sob conselho do reitor de Exeter, Dr. Farnell, e dado o interesse que manifestava pela filologia¹⁵, mudou para o curso de Língua e Literatura Inglesa no qual obteve a licenciatura em 1915 com a classificação mais elevada (First Class Honours). Os seus estudos incluíram para além do *curriculum* normal do curso, a disciplina de Nórdico Primitivo (*Old Norse*) que lhe permitiu ler no original sagas islandesas como a *Prose Edda* e a *Elder Edda*. Após a licenciatura Tolkien dominava fluentemente quase uma dezena de línguas e tinha conhecimentos um pouco menos profundos de Finlandês, mas suficientes para lhe permitirem a leitura no original do *Kalevala*.

¹² J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 54.

¹³ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 112.

¹⁴ Para o estudo desta fase da vida de Tolkien, é particularmente interessante a consulta de: Humphrey CARPENTER, *The Inklings: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, Charles Williams and Their Friends*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1979.

¹⁵ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 70.

Tolkien tinha uma classificação final e disfrutava de um prestígio na faculdade que lhe abriam as portas da vida académica. Mas estávamos em 1915, em plena Guerra Mundial. Tolkien tinha pedido adiamento no seu recrutamento até terminar os estudos mas, uma vez estes concluídos, o alistamento era inevitável. Em 1916, poucos meses antes de partir para França, casou com Edith Bratt, uma jovem que conhecera aos dezasseis anos. Em França tomou parte na batalha de Somme mas, nos finais desse ano, adoeceu vítima da « febre das trincheiras »¹⁶ e foi transferido para um hospital em Inglaterra. As sucessivas recaídas impediram-no de voltar à frente de combate, tendo sido colocado em regimentos estacionados na Grã-Bretanha até à assinatura do Armistício.

Em 1918, a vida do jovem casal, já com um filho (John), começou a adquirir, pela primeira vez, uma certa estabilidade. Tolkien foi, então, convidado a participar no projecto do Oxford English Dictionary. Sem dúvida que este convite era um reconhecimento da sua capacidade como filólogo, mas o rendimento que auferia era manifestamente insuficiente para garantir o sustento da família que, nos finais de 1920 foi aumentada com o nascimento do segundo filho. Isto levou-o a aceitar alunos particulares até 1921, ano em que foi admitido como assistente na Universidade de Leeds.

Estavam abertas as portas para a carreira universitária. Em Leeds, onde se manteve até 1925, publicou os seus dois primeiros trabalhos académicos: *A Middle English Vocabulary* (um glossário para a obra *Fourteenth Century Verse and Prose* de Kenneth Sissam)¹⁷ e uma edição de *Sir Gawain and the Green Knight*, em colaboração com Eric Valentine Gordon¹⁸. Como resultado da publicação da primeira obra, Tolkien obteve o grau de Professor de Língua Inglesa, tornando-se o mais jovem professor a obter a cátedra na Universidade de Leeds. As obras publicadas neste período e também o óptimo trabalho desenvolvido com os alunos, valeu a Tolkien ser

¹⁶ « Febre das trincheiras » era o nome atribuído durante a Primeira Guerra Mundial à febre recorrente. Os seus efeitos raramente são fatais, mas provocam febre alta e confusão mental que levam, muitas vezes, à hospitalização.

¹⁷ John Ronald Reuel TOLKIEN, *A Middle English Vocabulary*, Oxford: Clarendon Press, 1922.

¹⁸ John Ronald Reuel TOLKIEN, Eric Valentine GORDON (eds.), *Sir Gawain and the Green Knight*, Oxford: Clarendon Press, 1925.

nomeado, em 1925, Professor de Old English em Oxford, universidade a que se manteve ligado até à reforma.

Se o regresso a Oxford correspondia em tudo às aspirações de Tolkien, já o mesmo não se podia dizer em relação a Edith que se sentia mais a vontade no ambiente menos formal e menos elitista de Leeds. Mas à mudança concretizou-se e o casal instalou-se com os seus três filhos (Christopher nascera em 1924) numa casa próxima da universidade.

Em Oxford a actividade normal de Tolkien, tal como a dos outros professores, dividia-se entre as aulas e a sua preparação, a orientação dos alunos em período de pós-graduação, as funções administrativas e os encontros com os colegas nos grupos a que pertencia. Porém, em 1929, a família era já muito numerosa pelo que o ordenado de Professor era insuficiente. Este problema fez com que Tolkien aceitasse trabalho extra como a correcção de provas de exame de outras universidades e aulas a alunos particulares para, deste modo, equilibrar as finanças domésticas.

Estas actividades tão diversificadas ocupavam-lhe muito do tempo dedicado à investigação. Neste aspecto está, segundo alguns críticos, a razão pela qual Tolkien não atingiu uma notoriedade equiparável à sua popularidade artística. No entanto algumas das críticas provinham de colegas que, não pondo em causa a excelência dos seus trabalhos de investigação, não compreendiam que estes fossem em número tão reduzido. Alguns esqueciam (ou desconheciam) os problemas resultantes de se ter uma família, pois tinham passado poucas décadas desde a abertura da universidade a professores leigos não celibatários.

Outro dos aspectos que contribuíram para o reduzido número de trabalhos publicados, teve a ver com a própria maneira de ser de Tolkien, nomeadamente com o seu desejo de perfeição que o obrigava a ter uma atitude profundamente crítica para com o seu trabalho. Como afirmou C. S. Lewis:

O [seu] nível de auto-crítica era tão elevado que a mera sugestão da publicação o levava a encetar uma revisão no decurso da qual lhe ocorriam tantas ideias novas que, quando os seus amigos esperavam ver a versão final de um trabalho antigo, encontravam o primeiro rascunho de um trabalho novo¹⁹.

¹⁹ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 143.

A actividade académica de Tolkien prolongou-se até 1959, ano em que se reformou. Ao longo desses anos manteve a qualidade de ensino que o tornou popular entre os estudantes. Podemos, no entanto, considerar como particularmente ricos em termos de produção teórica os anos de 1925 a 1940. Foi nesse período que Tolkien conseguiu ver aprovadas as alterações por ele propostas para uma reestruturação curricular da Oxford English School, onde reinava uma dicotomia profunda entre os estudos linguísticos e os estudos literários. Com base na sua paixão pela literatura e na sua experiência em Leeds, Tolkien defendeu que o estudo teórico da língua devia ser acompanhado pelo estudo de textos literários. Esta concepção de interdisciplinaridade foi aprovada em 1931, pondo termo a uma atitude « conflituosa » que o tempo tinha institucionalizado.

Dentro das suas funções académicas Tolkien organizava regularmente seminários sobre textos medievais. Do trabalho para a apresentação destes seminários resultou uma interpretação inovadora no panorama da crítica literária de obras da literatura medieval inglesa: *Beowulf* e *The Fight at Finnesburg*. Disto mesmo nos dá conta o Professor Alan Bliss, um estudioso deste período da Literatura Inglesa, no prefácio de *Finn and Hengest: The Fragment and the Episode*

Há cerca de 20 anos apresentei na Dublin Medieval Society uma dissertação (*paper*) intitulada « Hengest and the Jutes ». Mais tarde, em conversa com colegas, descobri que quase todas as minhas conclusões tinham sido antecipadas há muitos anos em conferências pelo falecido Professor J. R. R. Tolkien (...). Quando li as conferências de Tolkien, tornou-se óbvio que não poderia utilizar o seu trabalho em qualquer trabalho meu; ele tinha não só antecipado quase todas as minhas ideias, como tinha ido muito para além delas em direcções que eu nunca tinha pensado. Por outro lado, parecia igualmente óbvio que as conferências tinham de ser publicadas pois mostravam claramente a mistura de erudição filológica e imaginação poética que distinguiram Tolkien de outros eruditos²⁰.

Tolkien colaborou ainda dentro deste período nas revistas *The Year's Work in English Studies*, *Essays and Studies by members of the English Association*, e *Oxford Magazine* com diversos artigos

²⁰ John Ronald Reuel TOLKIEN, *Finn and Hengest: The Fragment and the Episode*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1984, p. V.

resultantes do trabalho de investigação dirigido para especialistas ²¹. Porém, os seus dois ensaios mais importantes são, sem dúvida, *Beowulf: The Monsters and the Critics* de 1936 ²² e *On Fairy-Stories* de 1939 ²³.

No primeiro a que nos referimos, apresentado à *British Academy* nas *Sir Israel Gallanz Memorial Lecture*, o autor opõe-se à crítica tradicional que tendia a considerar *Beowulf* não como um poema mas uma série de episódios tematicamente pouco interessantes, pelo que o seu valor residiria apenas no estilo. Sendo assim, estaríamos, no entender de W. P. Ker e do Professor Chambers, perante uma obra desproporcionada « que coloca as irrelevâncias no centro e as coisas importantes nas extremidades » ²⁴. Tolkien opõe-se a esta posição, defendendo que esta obra vale como poema e, como tal, é constituído por conteúdo e forma que são indissociáveis. Sendo assim, o erro estaria nas críticas que, essas sim, tinham tendência para tomar como centro da sua análise as coisas irrelevantes. Esta análise de Tolkien ²⁵ teve repercussões profundas na crítica beowulfiana, como afirma Jane Chance Nietzsche pois « alterou definitivamente a nossa compreensão do poema » ²⁶.

O outro ensaio importante a que nos referimos acima como pertencendo ao período particularmente produtivo da vida académica do Professor Tolkien não tem a ver directamente com a linguística e literatura inglesas como disciplinas. No ensaio *On Fairy-Stories*, apresentado na conferência sobre Andrew Lang que teve lugar na Universidade de St. Andrews em 1939 ²⁷, o autor disserta de facto

²¹ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, pp. 267-270.

²² *The Monsters and the Critics and Other Essays*, pp. 5-48.

²³ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, pp. 109-161.

²⁴ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 11.

²⁵ A interpretação de Tolkien foi apresentada de uma forma muito sintética, pois pretendi apenas dar uma imagem do posicionamento do autor face à crítica tradicional e não proceder a uma análise da problemática beowulfiana, o que cairia fora do âmbito deste trabalho. É de salientar, na interpretação de Tolkien, a ênfase dada à indissociabilidade entre a forma e o conteúdo de uma obra, posição ainda hoje defendida pela crítica literária.

²⁶ Jane Chance NITZSCHE, *Tolkien's Art: A Mythology for England*. Hong Kong: The Macmillan Press Ltd., 1979, p. 8.

²⁷ Este ensaio foi publicado pela primeira vez em: C. S. LEWIS, *Essays Presented to Charles Williams*. London: Oxford University Press, 1947, pp. 38-89.

sobre um assunto que tem muito mais a ver com o seu gosto literário pessoal: os contos. Tolkien aproveita esta conferência, onde analisa a origem e características dos contos, para criticar a ideia de que este tipo de literatura é exclusivamente destinado às crianças. Em sua opinião, os contos não têm um destinatário único pois apresentam, por vezes, situações que apenas os adultos podem entender completamente. Diz Tolkien:

Se os contos (...) valem a pena ser lidos, então valem a pena ser escritos e lidos por adultos. Eles darão, certamente, ao conto e tirarão dele mais do que as crianças podem fazer ²⁸.

E acrescenta mais à frente:

... se escritos com arte, o principal valor dos contos será simplesmente aquele que, como literatura, compartilham com as outras formas literárias. Mas os contos oferecem ainda, num grau ou modo peculiar, o seguinte: Fantasia, Recuperação, Fuga, Consolação, todas as coisas de que as crianças têm, em regra, menos necessidade do que os adultos ²⁹.

Estas concepções provocaram, sem dúvida, estranheza em quem as ouviu ou leu nos anos trinta. É mesmo possível que ainda hoje provoquem essa mesma estranheza no corpo amorfo da opinião pública. De facto, a ideia de que os contos são bons para as crianças, mas uma perda de tempo para os adultos, é uma ideia generalizada com tendência para se tornar tradicional. Esta não é, porém, a minha opinião e devo confessar que me provocou uma certa admiração ver antecipada de tantos anos a ideia de que os contos pertencem a um género literário cuja principal função é a de restabelecer um certo equilíbrio psíquico que se perdeu na erosão da realidade quotidiana. Esta concepção de Tolkien ecoa, de certo modo, a que vemos ser tomada pela escola Jungiana, para quem « os contos têm uma função compensadora em relação à atitude colectiva dominante » ³⁰.

²⁸ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 137.

²⁹ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 138.

³⁰ Marie Louise von FRANZ, *La Voie de l'Individuation dans les Contes de Fées*. Paris: La Fontaine de Pierre, 1978, p. 210.

Dentro do conceito de conto que Tolkien defende há ainda um ponto que julgo merecer especial destaque. Este autor, numa atitude coerente, nega a legitimidade das adaptações dos contos ou mesmo da escrita própria para crianças, porque na primeira situação as histórias originais são « apaziguadas e expurgadas »³¹ e na segunda existe, normalmente, um tom condescendente.

Estas afirmações ganham maior importância por *On Fairy-Stories* ter sido apresentado depois da publicação de *The Hobbit*³², uma história para crianças publicada por Tolkien e onde o autor pode, de facto, ser acusado de « cair » em alguns dos defeitos que ele próprio criticou mais tarde, como seja a presença de um tom condescendente, usado sobretudo pelo narrador.

Vemos, assim, que o pensamento de Tolkien sofreu uma evolução, que o levou a fazer estas afirmações na conferência sobre Andrew e posteriormente a uma recusa de certos aspectos formais e estruturais do conto *The Hobbit*. Num rascunho de uma carta datada de 1959 na qual responde a um convite para participar num simpósio sobre literatura infantil, este autor afirma, a dado passo, o seguinte:

Já disse tudo o que tinha para dizer sobre a literatura para crianças na minha contribuição *On Fairy-Stories* para os *Essays Presented to Charles Williams*. (...) Escrevo textos que podem ser considerados como contos não porque deseje dirigir-me às crianças (as quais não creio estarem particularmente interessadas neste tipo de literatura) mas porque desejo escrever este tipo de histórias e não outro³³.

Comparando estes dois documentos de datas diferentes (o ensaio *On Fairy-Stories* e o rascunho da carta) vemos que as ideias apresentadas em 1939 estão na base da produção literária deste autor, sendo isso um elemento a ter em atenção quando pretendemos fazer uma análise crítica das suas obras.

Os trabalhos académicos do Tolkien não se ficaram pela elaboração de ensaios e artigos. Nele se incluiu também a escrita de prefácios para obras de outros autores, a maioria sobre textos

³¹ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 136.

³² John Ronald Reuel TOLKIEN, *The Hobbit*. London: Unwin Paperbacks, 4th ed., 1981.

³³ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 297.

medievais adaptados para o inglês moderno. Trabalhou ainda nas traduções de *Ancrene Wisse*³⁴, de *Sir Gawain and the Green Knight*, de *Pearl* e de *Sir Orfeo*³⁵. A sua actividade de tradutor levou-o a colaborar também na tradução da Bíblia de Jerusalém³⁶.

Em 1959 Tolkien reformou-se, tendo permanecido na sua casa nos arredores de Oxford. Porém, a idade avançada e as consequentes enfermidades obrigou o casal a procurar lugares mais calmos e com outras comodidades. Mudaram-se então para Bournemouth, na costa sul de Inglaterra onde disfrutaram do conforto oferecido pelas estâncias de veraneio. Aí permaneceram até à morte de Edith em 1971. Tolkien regressou posteriormente a Oxford tendo-lhe o Merton College oferecido o alojamento. Em 1972 foi nomeado Doutor Honoris Causa em Literatura pela Universidade de Oxford, título oferecido com base na sua contribuição para os estudos filológicos.

Em 1973, durante uma visita a um amigo em Bournemouth, o Professor Tolkien adoeceu tendo falecido no dia 2 de Setembro desse ano.

2. O UNIVERSO LITERÁRIO DE J. R. R. TOLKIEN

A produção literária de Tolkien pode ser dividida em duas vertentes: uma que consiste na criação e desenvolvimento do universo fantástico da Terra Média (*Middle-Earth*), enquanto a outra, mais heterogénea, é constituída por pequenos contos e poemas que não estão directamente relacionados entre si. Apesar de nesta «segunda vertente» podermos apreciar as qualidades literárias do autor e encontrar os principais temas e concepções que o preocuparam ao longo da sua vida, foi, sem dúvida, às narrativas da Terra Média que Tolkien deu maior importância: constituíam «a grande obra» que

³⁴ John Ronald Reuel TOLKIEN, *Ancrene Wisse: The English Text of the Ancrene Wisse*. London: Oxford University Press, 1962.

³⁵ John Ronald Reuel TOLKIEN, *Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo*. London: Unwin Paperbacks, 1979.

³⁶ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 272.

ambicionava escrever³⁷ e as que trouxeram o seu nome para o primeiro plano da literatura mundial.

No ponto anterior, ocupámo-nos sobretudo de certos aspectos da vida pessoal e profissional de Tolkien e vimos de que forma os seus interesses e actividades, combinados com a sua personalidade, contribuíram para o tornarem no professor e investigador respeitado por alunos e colegas. É nesses mesmos interesses, que detectámos como tendo origem na sua infância, que encontramos também a génese da criação literária deste autor.

Como vimos, duas das primeiras « paixões » de Tolkien foram as línguas e as histórias relacionadas com o longínquo Norte, com a sua mitologia particular tão diferente do universo greco-latino. O interesse pelas línguas e literaturas teve sempre no autor um carácter de complementaridade. Não é, portanto, estranho que estas duas « paixões » actuem também complementarmente no universo complexo da Terra Média, apesar do seu carácter ficcional.

Desde muito jovem, Tolkien fez da invenção de línguas o seu passatempo preferido, sendo esta actividade cronologicamente anterior à criação literária propriamente dita. A primeira língua que inventou foi o *Naffarin* que, tendo sido baseado nos seus conhecimentos de castelhano, possuía uma gramática e fonologia próprias, embora o corpo lexical fosse ainda reduzido. Quando aprendeu gótico antigo, Tolkien abandonou o trabalho no *Naffarin* e começou a desenvolver o limitado vocabulário que conhecia nesse idioma, inventando novos vocábulos.

Esse passatempo « linguístico » foi, de facto, o seu predilecto durante toda a adolescência mas, das diversas línguas que inventou, só uma atingiu um grau de complexidade elevado: baseava-se no idioma finlandês e tornou-se, mais tarde, numa das principais línguas da Terra Média, sob a designação de *Quenya*.

Sabemos da busca constante de perfeição que Tolkien perseguia em todas as suas actividades. Não é, portanto, de estranhar que o

³⁷ Das várias obras que constituem a mitologia e história da Terra Média, apenas duas foram publicadas durante a vida do autor: *The Hobbit* e *The Lord of the Rings*. Foram publicadas postumamente, sob a orientação de Christopher Tolkien, as seguintes: *The Silmarillion*, *The Book of Lost Tales*, *The Lays of Beleriand*, *The Shaping of Middle-Earth*, *The lost Road* e *The Return of the Shadow* (2 vols.).

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

facto de inventar línguas e alfabetos e de com eles escrever os seus diários, não satisfizesse totalmente este criador insaciável. O que ele realmente procurava era uma língua que correspondesse à sua concepção do que deveria ser a « língua perfeita ». Isto mesmo é por si afirmado no rascunho de uma carta datada de 1967:

... este processo de inventar línguas era e é uma actividade particular iniciada para me dar prazer, dando expressão à minha « estética » ou gosto linguístico pessoal e suas flutuações. Foi muito anterior à composição de lendas e « histórias » nas quais estas línguas pudessem ser « aplicadas »³⁸.

Nesse mesmo ano, numa carta onde introduz correcções ao texto de uma entrevista dada por si, Tolkien aconselha os jornalistas a escreverem:

As histórias imaginárias nasceram da predilecção de Tolkien por inventar línguas. Ele descobriu (...) que uma língua requer uma localização adequada e uma história na qual se possa desenvolver³⁹.

A justificação que Tolkien apresenta para a génese da sua obra literária, claramente expressa nas duas citações anteriores, terá no entanto de ser considerada como algo superficial, uma vez que um universo tão complexo como o criado para a Terra Média tem necessariamente de se desenvolver a partir de raízes bem mais profundas do que as indicadas pelo autor. Uma criação deste tipo não se pode basear unicamente numa língua, mesmo quando esta apresenta uma evolução diacrónica como sucede com o *Quenya* e com a sua « parente » mais próxima, o *Sindarin*⁴⁰. A história da Terra Média resulta também (e principalmente) do gosto e conhecimentos profundos das estruturas míticas e linguísticas, aliados às suas capacidades imaginativa, criativa e conceptual.

³⁸ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 380.

³⁹ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 375.

⁴⁰ A partir do *Quenya*, Tolkien inventou também uma outra língua de onde, teoricamente, aquela se pudesse ter desenvolvido: o *Primitive Eldarin*. Com base nesta « genealogia » Tolkien inventou o *Sindarin*, criado a partir da fonologia do galês, que devia tornar-se numa língua élfica contemporânea do *Quenya*, mas falada pelos Elfos pertencentes a outros clãs.

Tolkien começou a trabalhar na língua *Quenya* entre 1911 e 1912, época em que publicou também os seus primeiros poemas⁴¹. O interesse pela poesia acompanhou sempre este autor na sua procura de lendas e mitos que lhe alimentaram e formaram a imaginação. Podemos dizer que é em 1914 que Tolkien assume a sua capacidade poética, depois de várias experiências tanto em prosa como em verso. Nesse ano dá o primeiro passo para a criação da Terra Média com um poema intitulado *The Voyage of Earendel the Evening Star*⁴².

Earendel é um nome que se encontra no poema *Christ* de Cynewulf, o qual Tolkien tinha lido havia pouco tempo. A interpretação que faz deste nome difere da tradicional uma vez que, segundo ele, Earendel não significa « luz » ou « raio de luz » como pretendem os estudiosos de Old English, mas é antes o nome do planeta Vénus, sob a sua designação de « Estrela da Manhã ». É com base nesta interpretação que surge na sua imaginação a visão de um marinheiro que navega pelo firmamento⁴³.

Um ano mais tarde (1915), Tolkien voltou a trabalhar no poema « Earendel » e, embora a ideia inicial da viagem do marinheiro/estrela se mantenha nessa nova versão, a história inclui agora uma descrição mais pormenorizada do que a personagem observa durante o seu percurso pelos céus. Surgem assim novos elementos que serão mantidos nas narrativas da Terra Média, como é o caso dos Elfos, da ilha Valinor e das « Duas Árvores ». Podemos dizer que esta segunda versão do poema é o ponto de união entre o trabalho de criação linguística e o de criação literária, pois o *Quenya* é a língua dos Elfos, que Earendel observa do firmamento.

Esta fusão das criações literária e linguística é, no fundo, a expressão a nível artístico da ideia que defendeu ao longo da sua vida profissional de que linguística e literatura são dois campos que se interpenetram e cujos limites se esbatem nessa interdisciplinaridade. Ao decidir incluir as línguas inventadas na sua produção literária, Tolkien não estava a privilegiar a criação linguística em detrimento da criação literária, ao contrário do que as suas palavras acima transcritas parecem indicar. Essas afirmações têm provavel-

⁴¹ John Ronald Reuel TOLKIEN, « The Battle of the Eastern Fields », *The King Edward's School Chronicle*: vol. XXVI, n.º 186, March 1911, pp. 22-27.

⁴² J. R. R. Tolkien: *A Biography*, p. 79.

⁴³ J. R. R. Tolkien: *A Biography*, pp. 72-79.

mente origem no desinteresse manifestado por certos críticos, que consideravam as indicações de carácter linguístico presentes na trilogia *The Lord of the Rings* como « aberrações profissionais » de um académico, às quais não era necessário dar atenção ⁴⁴.

Uma atitude crítica que seguisse este caminho era, de facto, suficiente para despertar em Tolkien uma reacção parecida com a que lemos no ensaio *Beowulf: The Monster and the Critics*, pois era inconcebível para este autor que a crítica especializada se revelasse incapaz de analisar um texto literário como constituindo um todo onde forma e conteúdo são indissociáveis.

O que motivou Tolkien para a criação da Terra Média não foi de facto a ambição única de « dar vida » às suas línguas, mas também a vontade de criar um universo poderoso e coerente, comparável ao das mitologias que havia estudado e que o tinham impressionado tão profundamente. Numa carta datada de 1951, onde fala da sua paixão pela linguística e pela literatura (em particular pelas lendas e mitos), afirma a dado passo:

Era estudante universitário antes de o pensamento e a experiência me terem revelado que estes interesses não eram divergentes — pólos opostos da ciência e do romance — mas estavam profundamente relacionados. (...) Desde muito cedo que me senti desolado com a pobreza do nosso país amado: não tem histórias suas (ligadas com a sua língua e o seu solo) com aquela qualidade que eu procurava e encontrava (como um ingrediente) nas lendas de outras terras. (...) Claro que havia e há todo o mundo Arturiano mas, poderoso como é, está naturalizado de forma imperfeita, associado ao solo da Bretanha (Britain), mas não ao Inglês (English) e não substitui o que eu sinto que falta. (...) *há muito tempo (...) tive a intenção de criar um corpo de lendas mais ou menos relacionadas, abrangendo desde as vastas e cosmogónicas até ao romântico conto de fadas (...) e o qual eu pudesse dedicar simplesmente: à Inglaterra* ⁴⁵.

A conceptualização deste objectivo foi o elo que faltava para unir as capacidades criativas de Tolkien e, em 1917, o autor iniciou a criação da sua mitologia com um conjunto de narrativas sob o título geral de *The Book of Lost Tales*. A ideia inicial era a de ligar os seus

⁴⁴ T. A. SHIPPEY, *The Road to Middle-Earth*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1982, pp. 19-20 *passim*.

⁴⁵ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 144. Sublinhado meu.

textos à história de Inglaterra⁴⁶. Porém, o método que Tolkien seguia nos seus trabalhos artísticos não diferia muito do que utilizava para a elaboração de textos teóricos, pelo que as constantes revisões lhe introduziram modificações profundas, quer no conteúdo quer na forma como se relacionavam entre si.

O trabalho no projecto *The Book of Lost Tales* continuou até 1926, ano em que reestruturou todo o plano inicial, começando a criação de *The Silmarillion*, no qual trabalhou até 1937. Porém, nos finais da década de 40, a trilogia *The Lord of the Rings* aproximava-se da sua conclusão e as referências que continha a episódios narrados no *The Silmarillion* levaram o autor a novas revisões e reorganizações dessa obra. Tolkien não chegou, porém, a concluir este trabalho, tendo falecido em 1973, sem que a narrativa tivesse sido publicada.

As múltiplas reorganizações e alterações introduzidas nos textos que vieram a constituir a mitologia e história da Terra Média, dificultam uma leitura que siga a ordem cronológica de publicação. À medida que Tolkien ia escrevendo, as relações entre as diversas narrativas iam surgindo naturalmente e originando, por vezes, novos episódios. Tudo isto acontecia como se o autor não estivesse a criar os seus próprios textos mas apenas a relatar algo que « na realidade » já existia. Como ele próprio afirma a Milton Waldman:

[as histórias] surgiram no meu espírito como coisas « dadas » e, à medida que vinham separadamente, também cresciam as ligações. Um trabalho absorvente embora constantemente interrompido (...) e, contudo, eu tinha a sensação de registar o que já estava « ali », algures, e não de « inventar »⁴⁷.

Esta ideia, que aparece também referida, ainda que indirectamente, em várias cartas escritas durante os onze anos de trabalho na trilogia⁴⁸, era, para o autor, a confirmação da teoria por ele defendida no ensaio *On Fairy-Stories*: o escritor não é um inventor, mas um criador subordinado (*Sub-Creator*)⁴⁹.

⁴⁶ A este propósito, ver o comentário de Christopher Tolkien ao « The Cottage of Lost Play », incluído no volume *The Book of Lost Tales 1*, p. 23.

⁴⁷ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 145. Sublinhado meu.

⁴⁸ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, pp. 34, 40, 79 e 104.

⁴⁹ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 139.

Em minha opinião, esta sensação de « dar voz » a algo que já existe e que Tolkien parece ter experimentado durante a criação do seu universo fantástico, resulta claramente do fundo inconsciente que está na base de todo este mundo ficcional. Tolkien dá de facto expressão a algo pré-existente: os arquétipos, estruturas dinâmicas do inconsciente, tal como Jung os definiu. Toda a obra do autor da Terra Média é eminentemente simbólica, como o são todas as mitologias. A leitura e o estudo apaixonado das estruturas míticas permitiu que a consciência e o inconsciente partilhassem uma linguagem comum. Por isso, quando Tolkien sentiu o desejo de criar uma « nova » mitologia, a sua imaginação foi « acordar » todo o material que a *psyche* do autor vinha trabalhando e « armazenando » havia vários anos e a que a consciência acabou por dar uma forma artística: o resultado obtido foi a « história da Terra Média ».

O objectivo deste estudo consiste na análise do tema « A Viagem e a Transformação » na trilogia *The Lord of the Rings*. Esta obra não pode, porém, ser dissociada de outras como *The Hobbit* e *The Silmarillion*, uma vez que só a partir da sua análise conjunta se podem inserir e enquadrar convenientemente os acontecimentos nela narrados num contexto mais geral, como é o universo da Terra Média, com a sua história e mitologia próprias.

Assim, irei proceder no próximo ponto a uma apresentação sumária dos acontecimentos mais importantes narrados em *The Silmarillion* e, no ponto seguinte, a um resumo das obras *The Hobbit* e *The Lord of the Rings*.

Para uma referência espaço-temporal mais completa dos principais acontecimentos da Terra Média, sugiro ainda a consulta dos Apêndices A e B.

2.1 UMA MITOLOGIA PARA INGLATERRA

A história da Terra Média está dividida em quatro grandes períodos — as Quatro Eras. A origem desse mundo é explicada por um mito cosmológico: « Ainulindalë » (palavra da língua *Quenya* que significa *A Música dos Sagrados*).

É com este mito que se inicia *The Silmarillion*, o qual narra a história das Primeira e Segunda Eras. De acordo com o « Ainulindalë »,

o mundo foi criado a partir de temas musicais apresentados por Ilúvatar (ou Eru, que significa Deus) e que os deuses menores (os Ainur) depois desenvolveram. Os Ainur, que estavam sujeitos a uma hierarquia pré-determinada, são, no fundo, extensões do próprio Ilúvatar na medida em que cada um provém de uma parte do seu espírito, embora o seu conjunto não constitua a totalidade do espírito divino que, na realidade, os transcende.

Ilúvatar propôs dois temas musicais que os Ainur embelezaram e desenvolveram, trabalhando todos em harmonia, com excepção de Melkor. Este deus era, de todos, o mais dotado, o que possuía mais conhecimentos e poder. Na sua ânsia de criar, Melkor introduziu a discórdia e a desarmonia entre os Ainur e alterou a forma final desses temas. Ilúvatar propôs depois um terceiro tema no qual nenhum dos Ainur participou, pois era essa a música que criava os « Filhos de Ilúvatar »: os Elfos e os Homens, e que determinava o seu destino.

Depois da criação da última música, Ilúvatar revelou aos Ainur o resultado do seu trabalho, surgindo então perante eles a visão de um mundo projectado no vácuo. Esta visão desvaneceu-se antes de a sua história temporal se ter completado, impedindo assim o conhecimento do futuro da criação. Ilúvatar criou então o mundo físico usando a *Chama Imperecível* e permitiu que os deuses que assim o desejassem entrassem nesse mundo e o ordenassem para, de acordo com a visão que tinham tido, o tornarem no lar dos Filhos de Ilúvatar.

Foram quinze os Ainur que quiseram partir para o mundo criado, tendo recebido a designação de Valar. Entre eles incluía-se Melkor que, ao pretender tornar-se no « Senhor Supremo », acabou por se afastar, introduzindo assim a cisão e o Mal na criação.

Através do seu trabalho, os Valar foram criando a Terra (Arda), até ser atingida a sua forma final. Quando esta fase ficou concluída, Arda era um mundo plano com dois grandes continentes: Aman e a Terra Média, separados pelo mar Belegaer. Os Valar estabeleceram-se então em Almaren, uma ilha próxima da Terra Média, a qual iluminavam com as Duas Luzes (*Two Lamps*). Aí aguardaram a chegada dos Filhos de Ilúvatar, enquanto Melkor se escondeu na escuridão, prosseguindo a sua criação individual.

É neste ponto que termina a narração do mito cosmogónico. A história da Terra Média começa no « Quenta Silmarillion » onde são descritos os principais acontecimentos da Primeira Era. Podemos

assim dizer que o « Quenta Silmarillion » começa onde o mito cosmogónico termina.

Depois de concluída a criação, Melkor e os Valar lutam pela posse da Terra Média, pois era esse o continente predestinado para ser habitado pelos Filhos de Ilúvatar. Melkor havia construído o seu próprio domínio (Utumno) no Norte longínquo e escuro de Arda. Quando os deuses deram por concluída a sua obra, Melkor decidiu apoderar-se dela, invadindo a Terra Média. A sua acção levou à destruição das Duas Luzes, fontes de luz e vida. Como consequência, a harmonia que caracterizava o mundo dos Valar foi também destruída e a vida entrou num período letárgico.

Melkor falhou na sua intenção de dominar a criação mas conseguiu fugir à fúria dos Valar, os quais tiveram de dirigir a sua atenção para a salvação da Terra Média. Os deuses retiraram-se para Aman e, lembrando-se do que havia sucedido, fortificaram os seus domínios, criando para tal um conjunto montanhoso: as Montanhas Pelóri. Estas eram as maiores elevações de Arda e Manwë, o valar mais importante, colocou o seu trono no cume da montanha mais alta (Taniquetil), para daí poder observar a Terra Média. Nestes novos domínios, conhecidos por Valinor, os Valar recomeçaram a criação. Fundaram a cidade de Valmar (ou Valimar) e a deusa da vegetação, Yavanna, criou as Duas Árvores de Valinor, Telperion e Laurelin, que tinham a característica de emanarem uma luz intensa que iluminava todo o domínio dos deuses.

Telperion tinha folhas e flores prateadas enquanto Laurelin possuía folhas e frutos dourados. Com a criação das Duas Árvores iniciou-se também a contagem do Tempo, uma vez que elas emanavam a sua luz por períodos alternados de doze horas, permitindo o desenvolvimento da vida.

Para atenuar a escuridão da Terra Média, Varda, esposa de Manwë, criou as estrelas e colocou-as no firmamento. Foi sob a sua luz que os Elfos, os primogénitos, surgiram nas planícies da Terra Média. Para os proteger de Melkor, os Valar iniciaram nova luta contra o « Senhor das Trevas », tendo conseguido prendê-lo, enquanto convenceram a maior parte dos Elfos a partirem para Valinor, para aí viverem na sua companhia.

Os Elfos encontravam-se divididos em três grupos: os Vanyar, os Noldor e os Teleri. Enquanto que os dois primeiros partiram para Valinor « a bordo » da ilha Tol Eressëa que o deus Ulmo fez

deslocar sobre as águas, os Teleri recusaram-se a seguir nesta primeira viagem. Muitos permaneceram no interior da Terra Média, passando a ser conhecidos por Elfos Sindar, embora a maioria tivesse posteriormente partido para Aman onde, tendo preferido estabelecer-se junto ao mar, fundaram Aqualondë.

Sob a orientação dos deuses, os Elfos tornaram-se grandes artifices. De todos, os Noldor eram os que demonstravam maiores capacidades e sede de conhecimentos, com particular saliência para Fëanor, cuja maior criação foram as Silmarilli, três jóias que continham a luz das Duas Árvores e que, como estas, não podiam ser duplicadas.

Melkor, que permanecera cativo dos deuses, conseguiu ser libertado, passando a viver entre os Elfos. A visão das Silmarilli despertou nele a inveja e, pouco a pouco, começou a influenciar o espírito de Fëanor levando-o a esconder as jóias e a desconfiar dos seus semelhantes.

Com a ajuda de Ungoliant, uma aranha gigante que vivia na escuridão, Melkor atacou então Valinor, conseguindo destruir as Duas Árvores. Fëanor recusou-se a dar as Silmarilli para as reavivar mas as jóias viriam a ser roubadas por Melkor que regressou com elas à Terra Média, aos seus domínios de Utumno, colocando-as na sua coroa de ferro.

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

Fëanor e os seus sete filhos proferiram então um juramento segundo o qual desejavam a escuridão eterna (longe de Ilúvatar e da Chama Imperecível) se falhassem na sua perseguição ao usurpador das Silmarilli. Muitos Noldor seguiram Fëanor no regresso à Terra Média, apesar da oposição dos deuses. Sobre eles caiu então o castigo divino que os proibia de regressar a Valinor uma vez que não só tinham desobedecido como também haviam derramado sangue Elfo em Aqualondë, para conseguirem roubar os barcos que utilizaram na viagem.

Os Noldor juntaram-se então aos Sindar e conseguiram sobreviver naquela terra mergulhada na escuridão, graças aos seus conhecimentos. A pouco e pouco Fëanor e os seus descendentes foram sucumbindo nas lutas contra as forças de Melkor (também chamado Morgoth). Os Exilados, nome que passou a designar todos os que seguiram Fëanor, dirigiram-se então para Beleriand, região onde se concentrava um maior número de Sindar.

Entretanto, os deuses recolheram a última flor de Telperion e o último fruto de Laurelin, que foram encerrados em duas esferas de cristal. Sob a orientação de Varda, as esferas foram lançadas no firmamento tornando-se no Sol e na Lua. Iluminada por estes novos astros a natureza, que estava adormecida, despertou e continuou a vida que tinha sido interrompida pela destruição das Duas Árvores.

O primeiro nascer do Sol coincidiu com o aparecimento dos Homens na Terra Média, sendo também o momento em que se iniciou a contagem dos anos.

Os Homens (Filhos de Ilúvatar) dividiam-se em várias raças das quais apenas duas são mencionadas nas narrativas da Primeira Era: os Edain e os Easterlings. Isto sucede devido ao facto de o « Quenta Silmarillion » narrar os acontecimentos relacionados com as três jóias de Fëanor, nos quais ambas tomaram parte.

Uma outra raça envolvida no conflito entre os Noldar e Morgoth foi a dos Anões. Estes não faziam parte do plano inicial de Ilúvatar e foram uma criação do deus Aulë, que se impacientou com a demora na chegada dos Filhos de Ilúvatar. Depois de confessar o seu acto a Eru, o deus supremo decidiu incluí-los no seu plano de criação, com a condição de só terem vida depois do aparecimento dos Elfos. Os Anões revelaram-se grandes mineiros e exímios na arte de trabalhar os metais, o que favoreceu o seu relacionamento com os Elfos. Eram de baixa estatura e, embora quando em contacto com os Elfos

e os Homens falassem o seu idioma, mantinham entre si uma língua secreta que nunca revelaram, o mesmo fazendo em relação aos seus verdadeiros nomes.

As guerras de Beleriand, que envolveram os Filhos de Ilúvatar e as forças de Melkor, registaram seis grandes batalhas. A primeira deu-se antes da chegada dos Noldor à Terra Média. Melkor iniciou a sua luta contra os Elfos atacando os Sindar, mas as suas tropas, constituídas por lobos e Orcs, foram derrotadas. A segunda batalha travou-se quando Fëanor desembarcou na Terra Média e, embora os Exilados tenham vencido, Fëanor foi morto quando perseguia os Orcs, que fugiam em debandada. Nesta batalha os Elfos foram ajudados pelo primeiro nascer do Sol que, com a sua luz, lançou o pânico nas hostes das Trevas. Durante os sessenta anos que se seguiram, os Noldor foram-se aproximando da principal fortaleza de Melkor, Angband, estabelecendo-se em seu redor e criando postos defensivos. A terceira batalha deu-se precisamente no ano 60 da Primeira Era e a vitória dos Elfos permitiu, finalmente, o cerco de Angband.

Seguiu-se então um longo período de pequenos conflitos ao qual sucedeu uma época de tréguas. Entre os anos 260 e 455, os Elfos estabeleceram alianças com os Edain, que se fixaram em Beleriand, enquanto Morgoth desenvolvia e aperfeiçoava as suas forças. Em 455 Melkor desferiu novo ataque (quarta batalha) com o qual conseguiu quebrar o cerco e afastar as forças dos Elfos e dos Homens. Nos anos seguintes consolidou as suas posições mas não conseguiu evitar que uma das Silmarilli fosse roubada. Este feito foi realizado por Beren, um Edain, cujo relacionamento com os Noldor o levou a apaixonar-se pela princesa Lúthien. A recuperação da Silmaril foi o preço imposto por Thingol, pai da princesa, para autorizar esta união. Beren foi ajudado por Lúthien e por Huon, um cão que tinha sido oferecido pelo deus Oromë a um dos filhos de Fëanor. Com a ajuda dos seus dois companheiros conseguiu entrar em Angband e, enquanto Morgoth e o lobo gigante Carcharoth permaneciam sob o efeito da magia de Luthien, retirou uma das Silmarilli da coroa de ferro. Porém, quando se preparavam para abandonar Angband, Carcharoth arrancou a mão de Beren que segurava a jóia engolindo-a e fugindo em seguida. Mais tarde, com a ajuda de Huon, Beren conseguiu matar o lobo e recuperar a Silmaril, que entregou a Thingol.

Beren morreu pouco depois de ter cumprido a sua missão e Lúthien deixou-se morrer de desgosto. Porém, devido à intervenção

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

do deus Mandos foi concedida aos dois amantes uma nova vida na Terra Média.

Embora a proeza de Beren permitisse que, alguns anos mais tarde, a Terra Média fosse salva, o seu resultado imediato foi profundamente negativo. Efectivamente, a Silmaril tornou-se no objecto mais cobiçado entre os habitantes de Beleriand tendo a luta pela sua posse originado guerras, traições e assassinatos.

Após ter sido recuperada, a Silmaril foi colocada num colar feito pelos Anões e, depois do assassinio de Thingol, foi Lúthien a sua portadora até ao momento da sua segunda morte. Dior foi então o herdeito do colar mas também ele foi assassinado, por um descendente de Fëanor. Elwing, filha de Dior, conseguiu esconder o colar e fugir para Arvenien, onde conheceu Eärendil, um Edain, de quem teve dois filhos: Elrond e Elros.

Depois da queda das principais cidades élficas e quando todas as defesas de Beleriand tinham sido neutralizadas (quinta batalha), Morgoth julgou ter conseguido derrotar definitivamente os Elfos, tendo então mandado parar as suas tropas.

Elwing aproveitou o facto para fugir à perseguição que lhe era movida pelos filhos de Fëanor (para se apoderarem da Silmaril), abandonando Arvernien com o intuito de se reunir a Eärendil, que se encontrava no mar. Foi então que o deus Ulmo interveio, transformando-a num pássaro, forma que lhe permitiu alcançar o seu objectivo. Juntos dirigiram-se para Valinor onde Eärendil levou a Silmaril até aos Valar, solicitando a sua intervenção para salvar a Terra Média. Eärendil tornou-se no único Homem a entrar no domínio dos deuses, o que o impediu de regressar ao contacto com os seus semelhantes. Foi por isso colocado no firmamento juntamente com a Silmaril, transformando-se numa estrela.

Os deuses acederam ao pedido de Eärendil enviando um exército composto por Valar e outros deuses menores (os Maiar), bem como por muitos Elfos que haviam permanecido em Valinor. Na batalha que os opôs a Morgoth (sexta batalha) saíram vitoriosos, apesar de Beleriand ter sido submergida pelas águas. Morgoth foi capturado nos subterrâneos de Angband e lançado no vácuo.

Foram estes os acontecimentos que marcaram o fim da Primeira Era.

Apesar da sua derrota e expulsão, a influência negativa de Melkor não desapareceu da Terra Média pois Sauron, um seu servo, tornou-se no sucessor do deus da escuridão, desempenhando um papel relevante nas Eras que se seguiram.

Entretanto, enquanto que uma das Silmarili tinha sido colocada no firmamento juntamente com Eärendil, as duas restantes foram recuperadas pelo deus Eanwë, caindo seguidamente em poder de dois dos filhos de Fëanor. Uma vez que as jóias estavam protegidas por um feitiço que provocava queimaduras graves em quem as tocasse, os dois irmãos, na sequência dos ferimentos recebidos, suicidaram-se, tendo as Silmarilli sido novamente perdidas (uma nas profundezas do mar e a outra no fundo de um abismo) mas, desta vez, para nunca mais serem encontradas.

Após a expulsão de Melkor e com o início da Segunda Era, foi restabelecido um certo equilíbrio e harmonia na Terra Média. Muitos Elfos passaram a habitar zonas a Sul de Beleriand, enquanto outros regressaram a Valinor. Os deuses decidiram recompensar os Homens que tinham lutado contra Melkor oferecendo-lhes uma ilha, Númenor, situada perto dos domínios divinos (as Terras Imperecíveis).

O soberano dos Numenóreans (também conhecidos por Dúnedain) era Elros, filho de Eärendil e de Elwing, que optara pela mortalidade ao contrário do seu irmão Elrond a quem os deuses (uma vez que decidira pertencer aos Elfos) concederam o dom da imortalidade. Os Numenóreans tornaram-se exímios marinheiros e disfrutavam de um período de vida mais longo do que a maioria dos mortais. Estavam no entanto proibidos de entrar nos domínios dos deuses.

Enquanto os Dúnedain prosperavam e, a pouco e pouco, iam fundando portos na Terra Média para onde navegavam com muita frequência, os Nordor sobreviventes estabeleceram-se em Eregion. Sauron, o Senhor das Trevas, que permanecera escondido durante vários séculos, entrou em Mordor e aí construiu uma fortaleza: Barad-dur. Sob disfarce, estabeleceu contactos com os Elfos e, em conjunto, criaram os Anéis do Poder. Estes anéis, formados por um aro em liga metálica com uma pedra preciosa encastuada, destinavam-se originalmente aos líderes das três raças que habitavam a Terra Média, na seguinte proporção: três anéis pertenceriam aos Elfos, sete aos Anões e nove aos Homens. Uma vez que tinha participado na sua criação, Sauron conhecia os poderes dos anéis e secretamente, com o intuito de os dominar, criou o Anel Soberano (The One Ring) que fundiu com o calor do vulcão Orodruin, situado em Mordor. Neste anel, com o qual pretendia conseguir subjugar os povos da Terra Média, Sauron colocou muitos dos seus próprios poderes. Apesar disso, apenas conseguiu dominar os nove príncipes dos Homens que assim

se tornaram nos Nazgul ou *Fantasmas do Anel* (Ringwraiths). Por seu lado, os Anões provaram ser imunes ao poder do Anel Soberano e os Elfos, tendo-se apercebido das intenções de Sauron, esconderam os seus anéis, fazendo assim gorar o plano.

Foi neste período que se deu o primeiro confronto entre os Elfos e o Senhor das Trevas. Inicialmente Sauron foi claramente vencedor, conseguindo dominar toda a região de Eriador com excepção de Rivendell, refúgio de Elrond. Gil-galad, um príncipe Noldor, pediu então auxílio aos Dúnedain que enviaram uma armada e derrotaram Sauron, expulsando-o de Eregion. Entretanto os Anões fugiram ao conflito refugiando-se em Khazad-dûm, o seu império labiríntico sob as montanhas.

Sauron regressou a Mordor onde continuou a desenvolver o seu poder exercido pela magia e pela força, até que se declarou Rei dos Homens. Os Numenóreans, cuja riqueza e prosperidade os tinham tornado ambiciosos, reagiram contra esta pretensão de Sauron. Do conflito então iniciado resultou a captura do Senhor das Trevas, que foi levado para Númenor. Aí, a sua capacidade persuasiva manifestou-se novamente e, a pouco e pouco, conseguiu convencer o rei dos Numenóreans, Ar-Pharazón, a atacar Valinor para roubar a imortalidade.

Os Valar reagiram pedindo a ajuda de Ilúvatar e este, na sua única intervenção directa no destino do mundo depois da criação, afundou Númenor e a armada de Ar-Pharazón. Com este acto deu-se a segunda transformação de Arda, que passou a ter uma forma esférica enquanto os domínios dos deuses se tornaram inacessíveis, uma vez que Ilúvatar os colocou fora do mundo físico.

Sauron foi apanhado no afundamento de Númenor e, apesar de não ter morrido, perdeu a capacidade para transformar a sua aparência exterior, tendo adquirido uma forma humana, completamente negra.

A civilização dos Dúnedain não se extinguiu com o afundamento de Númenor. Um grupo, que se tinha mantido fiel às antigas tradições recusando-se a invadir Valinor, conseguiu fugir para a Terra Média onde, chefiado por Elendil e pelos seus filhos Anárion e Isildur, fundou os reinos de Arnor e Gondor e restabeleceu os contactos com os Elfos.

Apesar disto, a perda de Númenor constituía ainda para estes Dúnedain um trauma profundo, pois essa ilha tinha sido o seu paraíso:

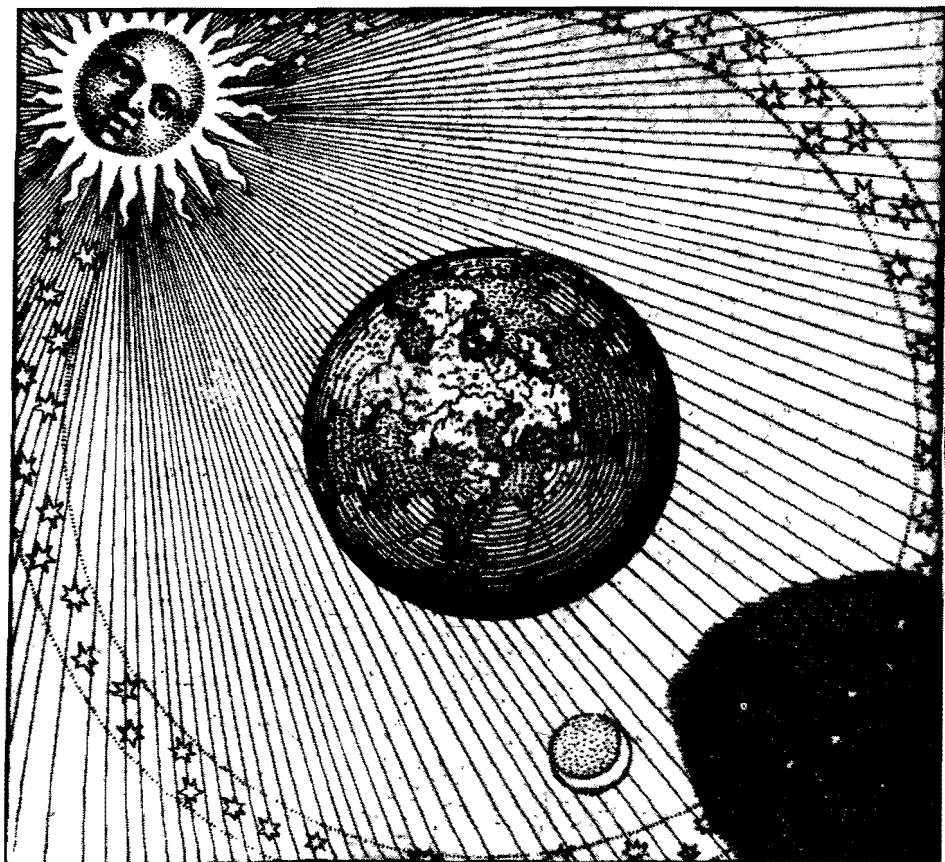


FIGURA 4: O SOL E A SUA SOMBRA

a prenda dos deuses. Assim, nos seus novos reinos, tentaram fazer renascer a cultura e tradição de Númenor. Elendil era o senhor supremo dos Fiéis e o rei de Arnor. Os seus dois filhos compartilhavam a coroa de Gondor, que estava dividido em dois principados: Anóríen, domínio de Anárion e Ithilien, pertença de Isildur. As comunicações entre as diversas regiões eram asseguradas por sete Palantíri, globos de cristal que permitiam aos senhores dos Dúnedain estabelecerem contactos entre si. Voltaram a utilizar como idioma tradicional a língua dos Elfos e a Árvore Branca, descendente da que Yavanna havia oferecido aos Elfos de Tol Eressëa em memória das Ávores de Valinor, foi plantada em Minas Ithil, capital de Ithilien.

Sauron, que regressara a Mordor, não podia tolerar a presença dos Dúnedain tão próxima do seu território e, um século depois da fundação de Gondor, atacou Minas Ithil e destruiu o símbolo da união entre os Homens, os Valar e Ilúvatar: a Árvore Branca.

Para defender o seu reino, Elendil estabeleceu uma aliança com os Elfos e conseguiu assim reunir o maior exército da Terra Média desde o final da Primeira Era, que venceu as forças do Senhor das Trevas e cercou Barad-dûr. Num combate que opôs a Elendil e a Gil-galad, Sauron foi derrotado, mas os dois aliados morreram. Isildur, para vingar a morte de seu pai e de seu irmão Anárion, cortou o dedo a Sauron e, apoderando-se assim do Anel Soberano, impediu que o Senhor das Trevas pudesse continuar a assumir forma física. Desde então, do seu corpo só era visível um olho vermelho, que nunca se fechava, e a forma difusa que as roupas conferiam ao seu espectro negro.

Foram estes os acontecimentos que marcaram o fim da Segunda Era.

2.2. A LENDA DE *THE LORD OF THE RINGS*

A Terceira Era é caracterizada pelo aparecimento dos Hobbits e pelo afastamento verificado entre as três principais raças da Terra Média: Homens, Elfos e Anões.

Os reinos de Arnor e Gondor tiveram um grande desenvolvimento no início desta Era mas, à medida que Sauron e os Nazgûl aumentavam o seu poder, entraram em lento declínio.

O Anel Soberano tinha constituído até este período um elemento catalizador, capaz de unir povos e vontades na mesma luta contra o poder que representava, mesmo quando as circunstâncias apontavam no sentido da separação. Depois de o ter retirado a Sauron e apesar de aconselhado a proceder à sua destruição, Isildur não o fez, preferindo guardá-lo. Com este acto acabou por conduzir os Dúnedain ao declínio e permitiu que o Senhor das Trevas « renascesse ».

Durante uma viagem em que seguia acompanhado por quase todos os filhos, Isildur foi atacado por Orcs e morreu quando tentava fugir. O Anel Soberano, que levava no dedo, perdeu-se nas águas do rio Anduin, tendo permanecido submerso durante vários anos, até ser descoberto por dois hobbits.

Esta raça até então desconhecida surgiu na Terra Média durante esta época, ignorando-se a sua história anterior. São eles os heróis das narrativas *The Hobbit* e *The Lord of the Rings* nas quais Tolkien descreve os principais acontecimentos da Terceira Era, integrando desta forma a lenda e o conto na sua mitologia fantástica.

No conto *The Hobbit*, Tolkien narra a viagem de Bilbo Baggins, um hobbit que o mágico Gandalf convence a abandonar a vida calma e ordenada para participar numa caça ao tesouro. Nesta viagem cheia de peripécias, Bilbo toma contacto com o mundo exterior. Entre as várias acções que pratica e seres que conhece, Bilbo visita Rivendell onde trava conhecimento com Elrond e outros Elfos e colabora na morte do dragão Smaug que roubara o tesouro dos Anões. Porém, o acto que se revelaria de importância capital para o futuro da Terra Média consistiu na recuperação do anel de Isildur. Como vimos, este permaneceu no fundo do rio Anduin até que dois hobbits, Déagol e Sméagol, o encontraram, tendo este assassinado o seu companheiro para se apoderar do achado. O Anel Soberano tinha, porém, poderes mágicos que, começando a dominar o hobbit, tornaram o seu comportamento estranho. Assim, afastou-se progressivamente dos seus semelhantes preferindo viver em cavernas e lugares escuros. Foi precisamente nas profundezas de uma caverna das Misty Mountains que Bilbo Baggins encontrou Sméagol (a quem dá o nome de Gollum) e o conseguiu iludir depois de um concurso de adivinhas, fugindo e levando consigo o Anel mágico.

O conto *The Hobbit* dá-nos poucas informações sobre Gollum ou o próprio Anel, mas este vai ser precisamente o elo de ligação com a trilogia, na qual é desenvolvido em pormenor. No final do conto, Bilbo regressou a casa e, embora o seu aspecto exterior fosse o mesmo, tinha mudado interiormente. O seu comportamento, estranho para a comunidade, valeu-lhe a reputação de excêntrico, perdendo o respeito e consideração de que gozava anteriormente. Os seus contactos com Elfos e Anões e até mesmo com o próprio Gandalf, não eram bem aceites pelos restantes hobbits do Shire.

É esta a situação que encontramos no início da trilogia *The Lord of the Rings*. Bilbo adoptou um primo órfão, Frodo, que passou a habitar em Bag End. Com ele, o jovem hobbit aprendeu a língua dos Elfos e tomou também contacto com o pequeno mundo que circundava Hobbiton, pois Bilbo manteve o hábito de realizar pequenas viagens.

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

FIGURA 5: BILBO BAGGINS EM BAG END

Durante todo este tempo, o hobbit manteve em segredo a origem do Anel, bem como os seus poderes. Porém, Gandalf, um dos Maiar enviados pelos Valar em auxílio dos Elfos na sua luta contra Sauron, adivinhou a verdadeira proveniência do Anel de Bilbo e aconselhou-o a partir, deixando o anel a Frodo. Este facto veio a concretizar-se no dia do aniversário de Bilbo, que coincidia com o de Frodo, em que o hobbit abandonou Shire, dirigindo-se para Rivendell.

Ao tornar-se no herdeiro de Bilbo, Frodo recebeu a pesada herança. Gandalf revelou-lhe a verdadeira origem do Anel mágico, a identidade de Gollum e a existência de Sauron. Frodo apercebeu-se então que tinha sido o « escolhido » para tentar salvar a Terra Média, impedindo que Sauron se reapoderasse do Anel. Perante tal responsabilidade, decidiu abandonar o Shire embora desconhecesse ainda o seu destino e até onde a viagem o levaria. Na sua companhia seguiram outros três hobbits: Meriadoc (ou Merry) e Peregrin (ou Pippin), dois amigos de Frodo e Sam Gamgee, o jardineiro.

A primeira etapa devia levá-los até Rivendell. Depois de deixarem o Shire, Frodo e os companheiros entraram na Velha Floresta (*Old Forest*) onde Tom Bombadil, uma personagem estranha, profundamente jovial e que preferia a solidão da floresta, os salvou do ataque do Velho Salgueiro (*Old Man Willow*) e, depois, do Espírito do Dólmén. A primeira povoação que alcançaram foi Bree, uma cidade onde Hobbits e Homens coabitavam em perfeita harmonia. Aí conheceram Aragorn, um Dúnedain que se apresentava enigmaticamente sob o nome de Strider, um Ranger (estes eram cavaleiros que combatiam os Orcs e outras raças dominadas por Sauron, protegendo as terras e povos da influência do Inimigo).

Aragorn encarregou-se de guiar Frodo e os companheiros até Rivendell, protegendo-os dos Nazgûl, que os perseguiram desde a partida do Shire. Este facto não evitou, contudo, que Frodo fosse ferido pelo Senhor dos Nazgûl. Foi pois em dificuldade que o pequeno grupo conseguiu chegar a Rivendell, onde os conhecimentos e poderes de Elrond e Gandalf salvaram o jovem hobbit.

Depois de curado, Frodo participou num conselho que reuniu representantes dos Povos Livres, ou seja, das quatro raças não dominadas por Sauron: Elfos, Homens, Anões e Hobbits. Nessa reunião ficou decidido que Frodo seguiria para Mordor, com o intuito de destruir o Anel Soberano no fogo que o havia fundido — o do vulcão Orodruin. Com ele seguiram Aragorn e Boromir, representando os Homens, Merry, Pippin e Sam, representando os Hobbits, Legolas, o Elfo e Gimli, o Anão. O grupo era guiado por Gandalf e constituía a Irmandade do Anel. De todos os viajantes, Frodo era o único que tinha uma missão específica a cumprir. Os outros seguiriam o Portador do Anel até onde a própria viagem o justificasse.

Durante o conselho, os futuros viajantes tomaram também conhecimento de muitos dos episódios históricos que tinham conduzido os povos da Terra Média à situação em que se encontravam. Ficaram a saber que Aragorn era um descendente de Isildur que tinha sido protegido por Elrond e cujo destino era tentar o restabelecimento da linha real dos Dúnedain. A viagem de Aragorn inseria-se, portanto, numa busca que lhe permitisse cumprir a sua missão, tornando-se rei dos Homens.

Depois de deixar Rivendell, a Irmandade dirigiu-se para Sul, em direcção a Mordor. Porém, no seu caminho encontrava-se Moria, o antigo império dos Anões que estes haviam abandonado, no interior

do qual se abrigavam agora Orcs e um Balrog. Gandalf, que conduzia os seus companheiros através daquela imensidão labiríntica, teve então de enfrentar sozinho o Balrog, no intuito de os salvar. O combate teve lugar no cimo de uma ponte que permitia a passagem sobre uma fenda. Enquanto os companheiros se salvavam, alcançando o exterior da montanha, Gandalf e o Balrog precipitaram-se no abismo. A luta entre ambos prolongou-se por dez dias, até que, por fim, Gandalf saiu vencedor. Perto de Moria, Aragorn decidiu guiar a Irmandade até Lórien, o domínio elfo de Galadriel e Celeborn. Aí os viajantes descansaram durante vários dias, embora todos tivessem a sensação de que, naquele lugar fantástico, o tempo não passava. Antes de deixarem Lórien, Galadriel conduziu Frodo e Sam até ao Espelho, bacia que quando cheia com água reflectia acontecimentos pertencentes ao passado e ao futuro. Foi então que Frodo viu, pela primeira vez, o Olho, isto é, Sauron. No momento da partida, Galadriel ofereceu a Frodo um pequeno frasco contendo água, no qual brilhava a luz de Eärendil. Este objecto tinha a propriedade de iluminar a escuridão com uma luz proporcional à coragem do seu portador a qual, por sua vez, era despertada e/ou aumentada pela luminosidade do frasco.

Ao deixarem Lórien em pequenas canoas, os viajantes foram seguidos por Sméagol. Este tinha acompanhado os seus passos desde a entrada em Moria e, depois de ter desaparecido à entrada do domínio elfo, continuava agora a perseguição sem, no entanto, revelar abertamente a sua presença. Com a aproximação de Gondor e Mordor tornava-se inevitável uma decisão quanto ao destino de cada viajante. Esta cabia a Frodo que, porém, se mantinha hesitante. Foi então que Boromir, pretendendo obrigar o hobbit a seguir para Minas Tirith, o atacou e lhe tentou roubar o Anel. Frodo conseguiu fugir e, seguido por Sam, embarcou numa canoa e dirigiu-se para Mordor. Entretanto os companheiros que tinham permanecido em terra foram atacados por Orcs que capturaram os outros dois hobbits e os levaram para Isengard, domínio de Saruman. Boromir foi morto durante o combate e Aragorn, Legolas e Gimli seguiram os Orcs, na tentativa de salvar Merry e Pippin.

Depois de desembarcarem, Sam e Frodo encaminharam-se para Mordor. Gollum continuava a segui-los mas, perante a perspectiva de conseguir finalmente reapoderar-se do Anel, tornou-se menos cuidadoso. Foi assim que os dois hobbits o conseguiram iludir, capturando-o. Frodo fê-lo então jurar pelo Anel que os conduziria até

Mordor, uma vez que conhecia o caminho. Gollum cumpriu a promessa, levando-os até à única entrada que não estava guardada pelas tropas de Sauron mas que, no entanto, conduzia aos domínios de Shelob, a aranha gigante. Frodo foi então atacado pelo animal, cujo veneno provocava paralisia. Sam, porém, conseguiu matar Shelob usando o frasco de Galadriel e a espada de Frodo. Vendo o seu companheiro caído e pensando que estava morto, retirou-lhe o Anel para prosseguir a missão. Nesse momento surgiu um grupo de Orcs que levou Frodo, tendo-os Sam seguido. Entretanto, Frodo recuperou os sentidos e, auxiliado pelo companheiro, conseguiu fugir aos Orcs, tendo-se ambos dirigido para Orodruin. Durante o percurso, Frodo foi várias vezes amparado por Sam, que constantemente o encorajava.

Chegados ao interior do vulcão e no momento em que o Anel deveria ser lançado na lava, Frodo subjugado momentaneamente pelo seu poder, reclamou-o para si. Foi então que Sméagol, que havia desaparecido à entrada do covil de Shelob, surgiu e, com uma dentada, arrancou a Frodo o dedo em que levava o Anel. Na sua alegria acabou, porém, por se precipitar na lava transportando consigo o Anel Soberano, cumprindo desta forma a missão para a qual Frodo tinha sido escolhido.

A destruição do Anel coincidiu com o momento em que as tropas de Gondor e Rohan se encontravam às portas de Mordor, na tentativa de desviarem a atenção de Sauron do que se passava no seu próprio território. Este exército era chefiado por Aragorn, já reconhecido como sucessor de Isildur, e por Gandalf. Este último tinha sido recolhido em Lórien, depois da luta com o Balrog e encontrado por Aragorn quando, juntamente com Legolas e Gimli, seguia os dois hobbits que haviam sido raptados pelos Orcs. Gandalf já não trajava de cinzento, como era seu hábito, mas de branco, assumindo assim o papel de líder dos Istari, os enviados dos deuses.

Com a destruição do Anel Soberano, deu-se um holocausto dentro dos domínios de Sauron, tendo este sido lançado no vácuo.

Chegava assim ao fim a Terceira Era. Os Três Anéis dos Elfos perderam os seus poderes mágicos e o tempo deste povo na Terra Média aproximava-se do seu fim. Muitos regressaram a Valinor e os que não o fizeram entraram em declínio. Elrond, Galadriel e Gandalf, os portadores dos Três Anéis, sabiam que, com a destruição de Sauron ou sem ela, a sua época tinha terminado. A sua intervenção na guerra do Anel Soberano tinha tido como único objectivo salvar a Terra Média

para os seus sucessores, os Homens, tal como estava previsto no plano de Ilúvatar. A partida para Valinor tornou-se inevitável e, com eles, seguiram Bilbo e Frodo. Este último ocupou o lugar que estava destinado à filha de Elrond, Arwen, que, ao casar com Aragorn, optou pela mortalidade.

Com a partida dos Elfos e dos Portadores dos Anéis, terminou o primeiro ciclo da criação de Ilúvatar e dava-se início ao segundo, no qual os Homens seriam os principais senhores. É precisamente com estes acontecimentos que termina a trilogia *The Lord of the Rings*.

Concluo assim o resumo da mitologia e da história da Terra Média, com o qual pretendi dar, em traços largos, uma visão do fio narrativo que liga a principal obra de Tolkien, *The Lord of the Rings*, a um universo mais vasto. O mundo fantástico criado por este autor alcançou níveis de complexidade, coerência, poder imaginativo e carga simbólica raramente encontrados em outras obras de ficção. Neste resumo omiti vários dos acontecimentos narrados, tendo como objectivo abordar apenas os aspectos directamente relacionados com a análise que irei desenvolver seguidamente.

III

A VIAGEM E A TRANSFORMAÇÃO

1. SIGNIFICADO SIMBÓLICO

Ao ler a obra *The Lord of the Rings*, um dos elementos que mais me impressionou foi o rigor das descrições temporais e espaciais. De facto, raramente encontramos « pontas soltas », anacronismos ou cortes que, de algum modo, comprometam a passagem fluida de uma situação para outra, apesar de serem frequentes as referências a episódios narrativos pertencentes a eras anteriores. Toda a fantasia Tolkieniana é acompanhada por um realismo que confere à situação imaginária um grau de factualidade capaz de a tornar suficientemente real, « verdadeira », para envolver completamente o leitor.

Podemos dizer que na trilogia *The Lord of the Rings*, o autor põe em prática a sua teoria da verdade literária (*Literary Belief*). Segundo ele, esta depende da arte do *sub-criador*, termo que Tolkien utiliza para designar o escritor, que « cria um Mundo Secundário no qual a [nossa] mente pode entrar »¹. E Tolkien continua dizendo:

Dentro dele o que [o *sub-criador*] narra é « verdadeiro »; está de acordo com as leis desse mundo. [Nós] acreditamos como se estivessemos dentro dele. O momento de descrença surge, e o feitiço quebra-se. A magia, ou antes arte, falhou. Então estamos de novo no Mundo Primário, olhando de fora para o pequeno Mundo Secundário falhado².

Em *The Lord of the Rings* não encontramos as « quebras de feitiço » a que Tolkien se refere. A dúvida quanto à « verdade » do mundo fantástico não surge porque ao espírito do leitor não é dada

¹ *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 132.

² *The Monsters and the Critics and Other Essays*, p. 132.

a possibilidade de olhar a história de fora para dentro, pelo menos numa primeira leitura. O seu envolvimento nesse « mundo secundário » é de tal modo profundo e apelativo que o exercício da dúvida, acto exclusivamente consciente, não tem, por assim dizer, motivos para actuar.

Estamos perante uma obra que, sendo ficção fantástica, não é estranha ao mundo racionalmente organizado do leitor, como sucede, por vezes, com os sonhos. Que o escritor foi beber à fonte onírica torna-se claro após uma leitura atenta, mas o resultado final não é sonho, é arte. O universo fantástico, que teve a sua origem no inconsciente, foi organizado e trabalhado pela razão, sem que com isso tenha sido, de algum modo, empobrecido ou despojado dos conteúdos originais. O resultado final é uma obra que apela não à consciência individual do leitor, mas ao que Carl Gustav Jung denominou « consciência e inconsciente colectivos ».

Como já referimos³, a trilogia *The Lord of the Rings* é uma obra eminentemente simbólica, dirigida à totalidade da *psyche* do leitor, convidando-o a realizar uma viagem interior na companhia de povos e seres aparentemente estranhos, por regiões quer agrestes quer paradisíacas. Mas o que é a viagem? Como a podemos definir, e qual o seu valor como símbolo?

Depois de analisar vários estudos de simbologia, chegamos à conclusão que poucos são os teóricos que se debruçaram sobre este tema tão recorrente na literatura universal. Talvez isto se deva ao facto de a viagem ser um símbolo ainda vivo, pelo que todos nós sabemos inconscientemente o que ele significa. Por exemplo, é frequente ouvirmos falar da vida como uma viagem/passagem espiritual para um outro espaço (ou não-espaço) e para um outro tempo (também definível como atemporalidade) onde chegamos diferentes, onde chegamos *outros*. Viagem e transformação são indissociáveis. Quem viaja transforma-se interiormente. Quando tal não sucede, estamos perante um viajante que iniciou uma odisseia estéril e infundável, que permanece estática no ponto de partida.

A nível simbólico podemos dizer que a viagem envolve sempre uma busca interior, um desejo profundo de mudar, de experimentar o novo, ou de sentir o que é diferente. Parte quem se sente incompleto, quem

³ Ver p. 19.

busca um centro espiritual, ou quem tem uma missão individual e/ou colectiva a cumprir. Neste sentido, tempo e espaço perdem a sua importância enquanto realidades exteriores ao indivíduo, para representarem valores psíquicos. Assim, um labirinto, por exemplo, não deverá ser interpretado como se tratando apenas de um espaço de forma geométrica exterior ao herói, no qual este enfrenta uma série sucessiva de aventuras, mas antes como um espaço interior, onde a personagem viaja dentro de si mesma em direcção ao seu centro.

Segundo o *Dictionnaire des Symboles*, « o simbolismo da viagem (...) resume-se sempre na busca da verdade, da paz, da imortalidade, na procura e descoberta de um centro espiritual »⁴. São inúmeros os exemplos de viagens que podemos encontrar na literatura mundial, desde as narrações de viagens iniciáticas, presentes nos mitos e ritos das sociedades primitivas e das sociedades secretas, às viagens míticas (de que *A Divina Comédia* é um dos exemplos mais conhecidos). Num outro contexto, certas obras como *Gulliver's Travels* de Jonathan Swift, podem ainda ser consideradas dentro deste simbolismo, como é sugerido no *Dictionnaire des Symboles*, pois, apesar do seu tom eminentemente satírico e da sua crítica tenaz à sociedade humana, não deixam de ser uma busca de verdade⁵.

Ao abordarmos o simbolismo da viagem, devemos ter sempre presente que o símbolo escapa a toda e qualquer definição, pois só um símbolo *morto* pode ser completamente enquadrado num raciocínio teórico. Segundo Carl Gustav Jung, o símbolo actuante « envia para além dele, para um sentido ainda (...) inatingível, obscuramente pressentido, que nenhuma das línguas que falamos poderia exprimir de forma satisfatória »⁶. Por esta razão, a definição que encontramos no *Dictionnaire des Symboles* é suficientemente lata para poder abranger o vasto leque de significações que este símbolo pode apresentar e que depende, entre outros factores, da situação espaço-temporal que caracteriza o seu surgimento. Uma das funções do símbolo é a de estabelecer uma ponte entre a consciência e o inconsciente de modo que um arquétipo constelado, isto é, activado, se possa

⁴ Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont / Jupiter, 1982, p. 1027.

⁵ *Dictionnaire des Symboles*, p. 1028.

⁶ Carl Gustave JUNG, *Problème de l'Âme Moderne*. (Cito de *Dictionnaire des Symboles*, p. XIV).

exprimir. Segundo Jung, um arquétipo é « uma imagem original, existente no inconsciente (...), é um complexo inato (...), um centro carregado de energia »⁷, e acrescenta ainda o mesmo autor:

Não há arquétipo que se deixe prender a uma forma simples; o arquétipo é um recipiente que nunca se pode esvaziar ou encher. Ele não existe a não ser em estado potencial e, quando toma forma numa matéria, já não é o que era antes. [*O arquétipo*] persiste através dos tempos e, apesar disso, exige sempre novas interpretações. Os arquétipos são elementos impermutáveis do inconsciente, mas variam constantemente a sua forma⁸.

Ao lermos esta definição de Jung é fácil notar certas características comuns entre os arquétipos e os símbolos, nomeadamente quanto à dificuldade de apreender o seu significado total. Porém, enquanto o arquétipo pertence ao inconsciente colectivo, esse património comum a toda a humanidade, o símbolo apresenta normalmente duas vertentes, isto é; pode ser o meio de expressão do inconsciente individual e, nesse caso, o seu significado tem de ter em conta o indivíduo singular cuja mente o produziu, ou pode ser expressão do inconsciente colectivo, servindo de elo de ligação com a nossa ancestralidade psicológica.

Como dissemos na introdução⁹, é nossa convicção que o valor literário indiscutível da obra de J. R. R. Tolkien vem precisamente do facto de ela ter tido origem nas profundezas do inconsciente, num arquétipo constelado que, ao se exprimir, utilizou a sua linguagem natural, a linguagem simbólica, que a arte do autor tornou numa obra literária. Coloca-se agora a questão de saber, que arquétipo desencadeou o processo. No caso da trilogia *The Lord of the Rings*, o arquétipo constelado que está na sua base é precisamente aquele que, segundo Jung, ocupa uma posição central na « geografia » da *psyche* humana — o Eu-Universal (*Selbst*).

A Psicologia das Profundezas fundamenta grande parte do seu edifício teórico na existência de vários arquétipos como realidades

⁷ Carl Gustav JUNG, *L'Homme à la Découverte de son Âme*. Paris: Payot, s.d., p. 311.

⁸ Carl Gustav JUNG, Carles KERENYI, *L'Essence de la Mythologie*, Paris: Éditions Payot, 1980, p. 142.

⁹ Ver pp. 17-18.

psíquicas do inconsciente colectivo. É o caso, por exemplo, dos arquétipos de Deus, da Anima (e do Animus), do Velho Sábio, da Quaternidade, etc. Entre estes, Jung considera o Eu-Universal como o mais importante, pois ele « ... é o sujeito da totalidade da *psyche*, incluindo o inconsciente »¹⁰. Diz ainda o mesmo autor: « É dele que brota, desde o início, toda a nossa vida psicológica e é para ele que parecem tender todos os objectivos últimos e supremos de uma vida »¹¹.

Ao ser activado, o Eu-Universal vai como que despertar uma série de outros arquétipos que, ao se exprimirem simbolicamente, abrem caminho para que a consciência os apreenda de uma forma progressiva, preparando-se para a integração do arquétipo supremo. É como se a consciência tivesse de ultrapassar (integrar) barreiras sucessivas e inevitáveis, todas elas capazes de comprometer definitivamente a chegada ao objectivo final, a realização do Eu-Universal.

Se este arquétipo é o início e a finalidade da vida psicológica, ele também pode ser o início de um texto literário, e o seu fim. Nas palavras de Yvette Centeno:

O texto literário será tanto mais literário quanto do inconsciente, ou do todo da personalidade, provier, e quanto mais ao inconsciente, ao todo da personalidade se dirigir, com ele se encontrando e sobre ele actuando¹².

Torna-se, assim, perfeitamente clara a nossa ideia de que a obra *The Lord of the Rings* provém e dirige-se ao inconsciente colectivo, exprimindo, fundamentalmente, a procura/tentativa de realização do Eu-Universal. Esta é a sua temática aglutinadora, sendo a realização do arquétipo procurada não só a nível individual, isto é, na tentativa de individuação de algumas personagens, mas também a nível colectivo, o que significa a busca da realização plena de alguns povos. Para utilizar a terminologia das Profundezas, podemos dizer que ao ler a obra *The Lord of the Rings*, nos tornamos espectadores activos, na medida em que participamos da obra literária, de processos de individuação colectivos e individuais.

¹⁰ Carl Gustav JUNG, *Dialectique du Moi et de l'Inconscient*. Paris: Gallimard, 1981, p. 471.

¹¹ *Dialectique du Moi et de l'Inconscient*, p. 243.

¹² *A Alquimia do Amor*, p. 55.

Tal como dissemos atrás ¹³, os arquétipos exprimem-se através dos símbolos mas, uma vez que os primeiros « variam constantemente as suas formas », também a sua expressão está sujeita a alterações que permitam uma adequação mais perfeita às novas situações. Disto resultam, em última análise, a mutabilidade e ambivalência que caracterizam os símbolos. Assim, o mesmo arquétipo pode estar na base de várias obras artísticas, mas cada uma dela exprime-o segundo uma estrutura simbólica própria, que tem em conta não só a especificidade de cada obra, mas também a época em que foi realizada e os valores sócio-culturais então defendidos. Transpondo este pensamento para a trilogia de Tolkien, vemos que o tema é a individuação, ou seja, o processo de realização do Eu-Universal, o qual se encontra organizado em torno de um símbolo aglutinador — o **símbolo da Viagem**.

Toda a individuação é um caminhar nas profundezas do inconsciente, uma viagem ao desconhecido que existe em cada um de nós. Na obra *The Lord of the Rings* viajamos desde o **Shire**, o pequeno e esquecido país dos Hobbits, até **Mordor**, a Terra das Sombras, para regressarmos de novo ao **Shire** sem o fazermos de facto, pois ele já não é o mesmo que tínhamos conhecido à partida. É para as **sombras** que a Irmandade do Anel parte, caminhando através de povoações e desertos, estradas e pântanos, escalando montes e percorrendo vales, atravessando rios e vagueando por escuras e imponentes cavernas labirínticas. Todos os elementos da Irmandade têm uma missão individual e colectiva a cumprir, de cuja realização (ou não) depende o regresso e o futuro. Findo o percurso, desfeita a Irmandade, os viajantes já não são os mesmos que partiram são **outros**, porque a viagem os transformou.

Dizer que a viagem e transformação são o tema da narrativa *The Lord of the Rings*, não significa que todas as personagens tenham feito exactamente a mesma viagem e sofrido a mesma transformação. Como veremos mais adiante, Tolkien consegue, com grande mestria manter sempre presente na história dois níveis complementares de narrativa. Nela estão englobados pequenos microcosmos, o mundo individual de cada personagem, que se integram num macrocosmos que é a Terra Média (*Middle Earth*). Num primeiro nível teremos, assim, nove personagens que partem para cumprir o seu destino

¹³ Ver p. 64.

individual, enquanto que, num segundo nível, as viagens dessas mesmas nove personagens integrar-se-ão no plano mais vasto da individuação do mundo. Do mesmo modo, o regresso englobará o nível individual e o colectivo.

A par do simbolismo da viagem, encontramos nesta obra de Tolkien numa série de outros símbolos e arquétipos que são activados pelo Eu-Universal. Esta situação, que é frequente quando o arquétipo central está activo, torna inevitável o estudo de várias estruturas arquetípicas como, por exemplo, a do Velho Sábio, do Herói, de Deus, da Quaternidade, etc., e de vários símbolos com eles relacionados como o do anel, da montanha, da água, do espelho e da caverna, entre outros. Todos eles serão analisados, na medida em que contribuam para um aprofundamento e esclarecimento do nosso tema, pelo que temos consciência de não esgotar toda a significação simbólica em que a trilogia é fértil.

2. UM ANEL PARA NAS TREVAS OS UNIR

*One Ring to rule them all, One Ring to find them,
One Ring to bring them all and in the darkness bind them*¹⁴.

Como vimos anteriormente¹⁵, o que constitui o elo de ligação entre a trilogia *The Lord of the Rings* e a primeira narrativa editada por Tolkien, *The Hobbit*, é o anel que Bilbo « ganhou » a Gollum durante um concurso de adivinhas. Este anel, que na história para crianças tem apenas as características de um anel mágico que torna invisível o seu portador, cresce claramente em carga simbólica ao ser incluído na trilogia. O mesmo sucede a algumas personagens que surgem simultaneamente nas duas narrativas, como, por exemplo, Gandalf, Elrond e os próprios Anões, se tomados apenas como uma raça. Podemos mesmo dizer que o conto *The Hobbit* ganha uma outra profundidade após a leitura da trilogia.

¹⁴ John Ronald Reuel TOLKIEN, *The Lord of the Rings*. London: Unwin Paperbacks, 1981, vol. 1, p. 77.

¹⁵ Ver p. 42.

A história de Bilbo pode, e deve, ser integrada no drama mais vasto que a obra *The Lord of the Rings* desenvolve. A experiência deste hobbit celibatário, a sua viagem fora das fronteiras conhecidas e acolhedoras do Shire, abre as portas desse pequeno território à fantasia, permitindo que esta se instale e sacuda, por assim dizer, o marasmo que envolve as pequenas comunidades de Hobbits. Há muito que estas se habituaram a um racionalismo estreito, mas cómodo, a uma vida superficial mas segura. Os Hobbits são pequenos seres de forma humana, com alturas compreendidas entre sessenta centímetros e um metro e vinte centímetros. Caracterizam-se por estarem muito ligados às realidades imediatas, o que de certo modo é simbolizado pelos seus pés muito largos, cobertos de pêlos e com uma planta de pele grossa ¹⁶. A sua visão do mundo é extremamente racional, a ponto de negarem tudo o que não se apresenta como realidade palpável. As suas semelhanças físicas e psicológicas com o homem moderno são evidentes. Podemos dizer que os Hobbits são personificações do homem comum fechado no seu pequeno mundo, seguro dos seus conhecimentos baseados num empirismo instintivo. Ao longo da sua história desenvolveram um racionalismo tão radical que são levados a negar ou escarnecer do que é novo ou « fantástico », pois o domínio do imaginário está como que « amordaçado ». É por este motivo que toda a população de Hobbiton pensa que o desaparecimento súbito de Bilbo se deveu à sua morte, pois esta é a única explicação **lógica** para a sua prolongada ausência ¹⁷. Ao lermos *The Lord of the Rings* encontramos várias passagens onde a estrutura mental típica dos Hobbits está exposta de uma forma clara como, por exemplo, no episódio em que Sam, o jardineiro de Bilbo, tenta falar acerca de dragões com os seus congéneres, no pequeno *pub* de Bywater.

« Queer things you do hear these days, to be sure. » said Sam.

« Ah. » said Ted, « you do, if you listen. But I can hear fireside — tales and children's stories at home, if I want to. »

« No doubt you can. » retorted Sam, « and I dare say there's more truth in some of them than you can reckon. Who invented the stories anyway? Take dragons now. »

¹⁶ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 18.

¹⁷ John Ronald Reuel TOLKIEN, *The Hobbit*. London: Unwin Paperbacks, 4th ed., 1981, p. 282 *passim*.

« No thank 'ee', » said Ted, « I won't. I heard tell of them when I was a youngster, but there's no call to believe in them now. There's only one Dragon in Bywater, and that's Green, » he said, getting a general laugh ¹⁸.

É desta raça esquecida e fechada no seu pequeno território que vão ser chamados os heróis que ultrapassarão barreiras que o espírito racional típico daquela comunidade se recusa a conceber, ou prefere ignorar. O Shire mantém-se ignorante dos grandes conflitos que abalam a Terra Média, ameaçando a sua existência. Mas, assim como Bilbo ultrapassou as fronteiras e penetrou no desconhecido (ou seja, deixou o seu ego penetrar na escuridão do inconsciente), também o seu primo Frodo se tornará o herói salvador, que partirá do Shire para a sua viagem redentora.

Os Hobbits são um dos quatro Povos Livres (*Free Peoples*) que habitam a região ocidental da Terra Média. Os restantes são os Elfos, os Homens e os Anões. Todos se opõem a Sauron, o Senhor dos Anéis (também denominado « Senhor da Escuridão » e « Inimigo »). A missão de « salvador » poderia parecer, à primeira vista, destinada aos Elfos ou aos Homens, povos que, ao longo das Primeira e Segunda Eras, tinham produzido grandes heróis como Beren, Eärendil, Gil-galad e Glorfindel. Porém, estes são precisamente os povos que se encontram em decadência, incapazes de deter o declínio progressivo em que se encontram mergulhados os seus valores sociais, culturais e éticos.

Quando a narrativa *The Lord of the Rings* se inicia estamos no ano 3001 da Terceira Era. Os destinos destes quatro povos pareciam ter-se separado definitivamente. Homens e Elfos deixaram crescer a desconfiança entre si, os Anões fecharam-se nas suas montanhas, e os Hobbits foram esquecidos. Simultaneamente a força da Sombra cresceu e Sauron, inimigo mortal dos Povos Livres, regressou aos seus domínios em Mordor. Aí reconstruiu Barad-dûr (a Torre da Escuridão), a maior fortaleza da Terra Média erigida durante a Segunda Era com o poder do Anel Soberano (*One Ring*). Os exércitos do Inimigo multiplicaram-se à medida que os dos Homens diminuía em número e poder. A pouco e pouco, o equilíbrio de forças desapareceu e o prato da balança inclinou-se claramente para o lado das Sombras.

¹⁸ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 69.

Para compreendermos todo o alcance desta situação temos de conhecer a História das Eras anteriores. No grande universo fantástico que é a Terra Média, nenhum acontecimento surge isolado. A viagem de Frodo e da Irmandade do Anel só atinge o seu significado pleno quando se toma em atenção a herança do passado. Esta está sempre presente em *The Lord of the Rings*. Toda a narrativa se desenvolve com referências frequentes a acontecimentos significativos pretéritos que, de certo modo, explicam a Terceira Era.

Tolkien tinha consciência que a presença referencial do passado é um dos factores que contribui significativamente para o fascínio que a sua mitologia desperta. Dizia ele em 1963, enquanto trabalhava na última obra do ciclo da Terra Média:

Part of the attraction of *The Lord of the Rings* is, I think, due to the glimpses of a large history in the background: an attraction like that of viewing far off an unvisited island, or seeing the towers of a distant city gleaming in a sunlit mist¹⁹.

No conto *The Hobbit* não encontramos, de facto, um passado a funcionar como « ponto de fuga », a não ser quando o integramos no « romance heróico », como Tolkien gostava de definir a trilogia²⁰. Quando consideramos as duas obras como complementares vemos então o tempo surgir como um contínuo não linear mas antes espiralado, no qual se enquadra a evolução geral da Terra Média, de acordo com o plano divino de Ilúvatar. Este fora parcialmente revelado aos deuses, e o facto de desconhecerem os desígnios divinos em toda a sua extensão levou-os a diminuir progressivamente a sua intervenção no destino dos filhos de Eru.

A viagem e transformação de Frodo e dos elementos da Irmandade do Anel integra-se no plano mais vasto da transformação dos povos da Terra Média. Não podemos por isso deixar de analisar a evolução dos Homens, pois eles são os herdeiros dos Elfos no domínio do Oeste, sucessão essa que é assegurada por um herói inesperado — Frodo Baggins.

¹⁹ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 333.

²⁰ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 414.

2.1. UM COMPLEXO CHAMADO NÚMENOR

Como dissemos, o plano divino do deus superior fora parcialmente revelado aos Valar e Maiar que entraram no mundo (Eä) desde a sua formação. Os seus conhecimentos tinham quase unicamente a ver com a criação das condições necessárias que tornassem Eä num lar acolhedor para os Filhos de Ilúvatar. No entanto, os destinos destes seres constituíam precisamente a parte não revelada dos desígnios divinos. Elfos e Homens, nomeados respectivamente como Primogénitos (*Firstborn*) e Segundogénitos (*Secondborn*), tinham um destino a cumprir, que dependia exclusivamente de Ilúvatar e, em função do qual, receberam as dádivas divinas. Assim, aos Elfos foi concedida a imortalidade, mas, em contrapartida, o seu destino estava profundamente ligado a Eä, pelo que não poderiam abandonar os Círculos do Mundo, fora dos quais se encontrava Ilúvatar. Os Homens, apesar de serem apenas segundogénitos, seriam os herdeiros da Terra Média. O seu dom divino era a mortalidade, pelo que, depois da morte, seguiam um destino desconhecido. Em última análise a liberdade dos Homens, tal como surge definida em *The Silmarillion* era maior que a dos Elfos ²¹.

Quando os Homens surgiram na Terra Média esta já não era nova. Melkor já tinha envenenado as Árvores de Valinor, fontes de luz e garantes de vida. O Mundo tinha mergulhado na escuridão total, e a esperança estava adormecida pois até os Silmarilli tinham sido roubados. No seio dos Elfos deu-se a cisão, e os Noldor (os seguidores de Féanor) desobedecendo aos deuses, perseguiram Melkor, regressando à Terra Média. Este acto de rebeldia corresponde, assim, a uma falta cujo castigo foi a expulsão do Paraíso, no que constituiu a primeira « queda » dos Filhos de Ilúvatar.

Com a destruição das Duas Árvores iniciou-se um período de infertilidade que recebeu o nome de « Sono de Yavanna », isto é, da deusa da vegetação. Varda, que está simbolicamente associada, na mitologia de Tolkien, à deusa-mãe, criou então novas estrelas e colocou no céu a Lua e depois o Sol. Estas novas fontes de luz/vida provinham respectivamente da última flor de Telperion (uma das Árvores de

²¹ Esta é também a opinião de Robert Foster, que a expressa na obra: Robert FOSTER, *The Complete Guide to Middle-Earth*. London: Unwin Paperbacks, 1978, p. 161.

Valinor a qual imitia uma luz prateada) e do último fruto de Laurelin (a segunda Árvore de Valinor, mas esta produzia uma luz dourada). Apesar de a Lua ter sido o primeiro astro a ser colocado no firmamento, foi com o primeiro nascer do Sol que os Homens fizeram o seu aparecimento na Terra Média e que, simultaneamente, a vida animal e vegetal despertou. Foi também com o primeiro dia que se iniciou a contagem dos anos, prática até então desnecessária.

Até ao « nascimento » dos Homens a vida não estava equilibrada. Homens e Elfos formam, pelas suas características psicológicas, os dois pólos complementares da vida. Os Elfos nasceram sob o ciclo da noite, os Homens sob o ciclo da luz. Enquanto os Elfos se caracterizam pela sua sede de conhecimento e pela sua arte, os Homens são perseverantes e corajosos. O relacionamento dos Filhos de Ilúvatar corresponde, assim, à união dos pólos diurno e noturno, cujo equilíbrio traz a vida. Nesta dialéctica existencial os Elfos foram ajudados pelos Homens na sua luta contra Melkor, devendo-lhes, em última análise, a sua sobrevivência. Por seu lado os Homens cresceram em inteligência e conhecimentos, à medida que os contactos com os Elfos se tornaram mais estreitos. Nos períodos imediatamente anteriores e posteriores ao fim da Primeira Era, Homens e Elfos pareciam destinados a partilhar para sempre a Terra Média.

Depois da Grande Batalha, os Valar ofereceram aos Homens a Ilha de Númenor, a qual foi criada perto das Terras Imperecíveis (*Undying Lands*) para permitir a estes seres a visão do Paraíso. Neste período o rei dos Numenóreans (ou Dúnedain) era Elros, irmão de Elrond. Eles eram os filhos de Eärendil, Senhor de Arvernier, e de Elwing, uma princesa Elfo. Os destinos dos dois irmãos separaram-se porque os Valar impuseram a escolha. Uma vez que neles corria o sangue das duas raças, tiveram de optar definitivamente por uma delas aceitando, assim, uma única Dádiva. Elrond optou pela raça Elfo, tornando-se imortal, enquanto que Elros preferiu sofrer o destino dos Homens, tornando-se rei do novo domínio. Vemos, assim, reunidos nos dois irmãos os símbolos da Luz e da noite que caracterizam os Filhos de Ilúvatar. Podemos, por isso considerá-los como símbolos de uma *Coincidentia Oppositorum*²².

²² Este equilíbrio de opostos que Elros e Elrond simbolizam, reflecte-se na estrutura colectiva. É o equilíbrio psicológico das raças humanas e élficas que permite o intercâmbio cultural e, em última análise, o desenvolvimento económico, intelectual e social que caracterizou os Filhos de Ilúvatar no início da Segunda Era.

Númenor ficava perto de Tol Eressëa, uma ilha no extremo oriental das Terras Imperecíveis (nome que designa todos os domínios dos Valar). Esta ilha era habitada por Elfos, os quais começaram a visitar com certa frequência o novo reino dos Homens. Porém, estes contactos eram, de certo modo, unilaterais pois uma das imposições dos deuses dizia precisamente respeito à proibição de qualquer mortal entrar nos seus domínios. Consigo, os Elfos levavam não só os seus conhecimentos mas também as suas oferendas, que iam enriquecendo material e espiritualmente os Numenóreans. Uma das ofertas de maior valor foi precisamente Nimloth, um rebento de Celeborn, a Árvore Branca de Tol Eressëa. Esta árvore descendia de Galathilion, uma cópia de Telperion feita por Yavanna, mas que não tinha, como a primeira, a capacidade de imanar luz. Do simbolismo da árvore falaremos mais adiante. Para já importa reter que Nimloth e as suas descendentes acompanharam a história dos Homens, com eles atravessando os momentos de esplendor e de sofrimento, morrendo e renascendo, conforme o desenvolvimento psicológico da raça atravessava períodos de maior ou menor estabilidade.

Graças ao convívio com os Elfos e ao não esquecimento da herança do passado, os Dúnedain aumentaram o seu domínio e estabeleceram colónias na Terra Média (movimento que se iniciou por volta do ano 1200 da Segunda Era). A prosperidade dos Numenóreans manteve-se até ao século XIX. Nessa altura, o império era já muito vasto, e as riquezas enormes. Progressivamente o orgulho dos Dúnedain como que os embriagou. O seu ego ficou inflamado perante tanto poder e riqueza, e a voz do inconsciente tornou-se incómoda e foi reprimida. O passado foi esquecido e por isso a Sombra cresceu.

Ao lermos o mito cosmogónico, apercebemo-nos que a desarmonia coexiste com a harmonia desde o início da criação, uma implicando a outra. Estes dois opostos encontram-se *ab initio* no deus supremo, origem da vida.

There was Eru, the One who in Arda is called Ilúvatar; and he made first the Ainur, the Holy Ones, that were the offspring of his thought, and they were with him before aught else was made²³.

²³ John Ronald Reuel TOLKIEN, *The Silmarillion*. London: Unwin Paperbacks, 2nd ed., 1983, p. 15.

O problema da origem do Bem e do Mal está, assim, colocado no próprio Eru. O seu espírito é a origem de toda a criação, pois, fora dele nada existe. Porém, a perfeição precisa da imperfeição, tal como a luz precisa das trevas para brilhar, e o Bem precisa do Mal para se lhe opor. Assim, Ilúvatar criou os deuses e criou também Melkor.

To Melkor among the Ainur had been given the greatest gifts of power and knowledge, and he had a share in all the gifts of his brethren. He had gone often alone into the void places seeking for the Imperishable Flame; for desire grew hot within him to bring into Being things of his own ²⁴.

Ao conceber este ser divino, Ilúvatar não só lhe conferiu poderes superiores aos dos seus semelhantes, mas também permitiu que se envolvesse na criação do mundo, nela introduzindo a discórdia.

Then the discord of Melkor spread even wider, and the melodies which had been heard before foundered in a sea of turbulent sound. But Ilúvatar sat and hearkened until it seemed that about his throne there was a raging storm, as of dark waters that made war one upon the other in an endless wrath that would not be assuaged. Then Ilúvatar arose, and the Ainur perceived that he smiled ²⁵.

No seu estudo intitulado *Variações sobre a Aurora*, Yvette Centeno afirma a dado passo: « O mal tem o seu lugar no Mundo criado, a força negativa e tão “essencial”, pela sua origem, como a força positiva que se gosta de ver rodear a luz e a vida. » ²⁶ Esta é também a situação no mundo fantástico de Tolkien. Ilúvatar é a origem e enquanto tal inclui o Bem e o Mal, as trevas e a luz e todos os outros pares de opostos. Este é também o significado das palavras profetizadas pelo deus:

« Mighty are the Ainur, and mightiest among them is Melkor; but that he may know, and all the Ainur, that I am Ilúvatar, those things that ye have sung, I will show them forth, that ye may see what ye have done. And thou, Melkor, shalt see that *no theme may be*

²⁴ *The Silmarillion*, p. 16.

²⁵ *The Silmarillion*, p. 16.

²⁶ *A Alquimia do Amor*, p. 12.

*played, that as not its uttermost source in me, nor can any alter the music in my despite. For he that attempteth this shall prove but mine instrument in the devising of things more wonderful, which he himself hath not imagined. »*²⁷

Ilúvatar é, assim, o α e o ω de toda a criação, a envolvente que contém e determina a evolução. Enquanto os Valar e os Maiar tiveram uma intervenção directa no destino da Terra Média e da criação em geral, o confronto entre a Luz e as Trevas situou-se ao nível divino. Porém, Elfos e Homens, ao participarem na criação como os seres para quem tudo foi ordenado, foram também envolvidos na dialéctica da vida. Por isso alguns se opuseram às Trevas, enquanto que outros foram por elas seduzidos. Com o fim da Primeira Era o confronto Luz/Trevas, que se situava principalmente no plano divino, foi transposto para o nível imediatamente inferior — o dos Filhos de Ilúvatar. A comprovar isto, está o facto de os Valar intervirem raramente no destino das duas raças, a partir da criação de Númenor. Os Elfos que permaneceram na Terra Média durante a Segunda Era foram os que se tinham recusado a regressar às Terras Imperecíveis, ou os que delas foram banidos. Por outro lado, os deuses parecem nunca ter entendido os Homens, nascidos longe da sua protecção, e tão diferentes dos Primogénitos.

A deslocação do conflito tem como consequência o desaparecimento da figura divina como símbolo da Sombra: Melkor foi expulso dos Círculos do Mundo e deu-se a transposição desse símbolo para a figura de um servidor do antigo deus. É assim que se deve interpretar, em nosso entender, o papel de Sauron, o Maiar que lutara ao lado de Melkor, mas que, ao contrário deste, conseguiu fugir no final da Primeira Era, evitando o castigo infligido aos servos do deus. A Sombra (isto é, Sauron) permaneceu escondida durante quinhentos anos. Porém, passado este período o seu poder aumentou à medida que os Homens e Elfos esqueceram o passado e se abandonaram progressivamente a uma vida claramente desequilibrada a nível psicológico, pois deixaram-se dominar pelo ego preocupado apenas com o presente.

²⁷ *The Silmarillion*, p. 17. Sublinhado meu.

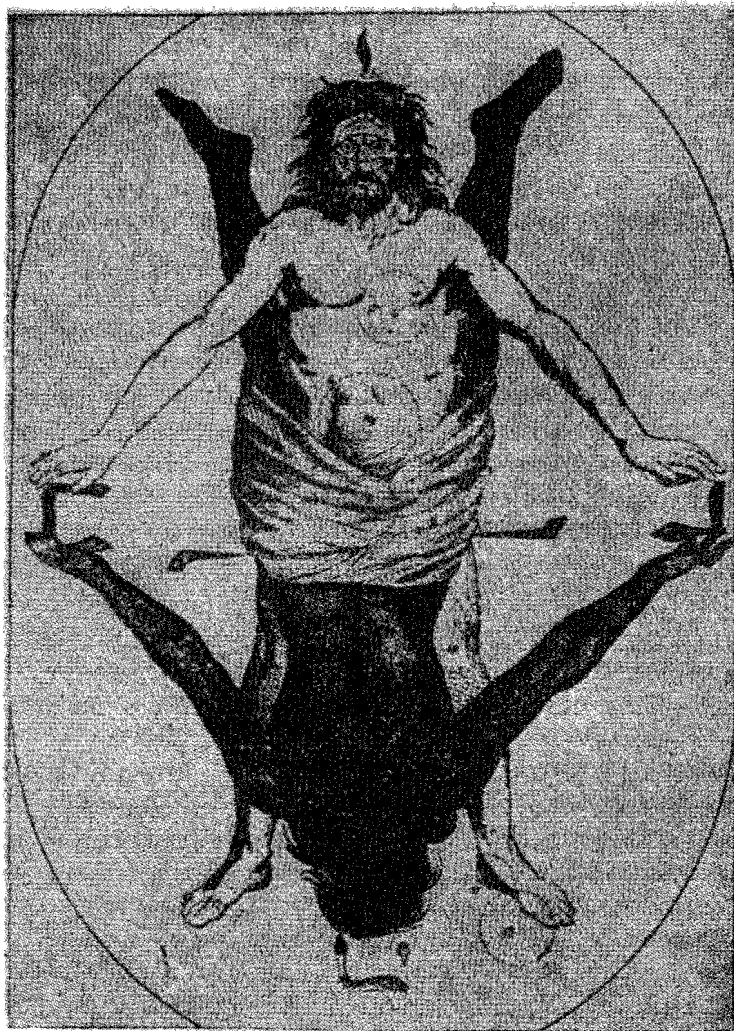


FIGURA 7: ANTHROPOS GNÓSTICO

Para a Psicologia das Profundezas, a Sombra é o oposto da personalidade consciente, relacionando-se directamente com esta, pois « todos transportamos uma sombra e quanto menos ela estiver incorporada na vida consciente individual, mais negra e densa será »²⁸. Vemos, assim, que o comportamento da sombra depende directamente do contacto que o ego conseguiu manter com ela. Ao negar-lhe o direito à expressão, valorizando apenas os aspectos conscientes da *psyche*, o indivíduo permite que a sua sombra assuma um aspecto bestial e ameaçador.

A sombra nunca desaparece pois ela é uma realidade psíquica. O ego tem de a reconhecer como parte integrante da estrutura mais vasta que inclui e transcende o próprio ego. Como afirma Timothy O'Neill:

... a individuação e a realização do Eu-Universal (Self) não se alcançam com a conquista ou a destruição da sombra. Apenas maior desigualdade resulta de tal batalha, pois a sombra é uma parte integrante da *psyche*, a fonte de criatividade, bem como de impulsos mais negros²⁹.

Com o final da Primeira Era assistimos à passagem da luta Luz/Trevas para o plano humano (na medida em que Elfos, Homens, Anões e Hobbits são, na fantasia de Tolkien, personificações do Homem). A Segunda Era prometia ser, no início, um período de equilíbrio; Elfos e Homens evoluíram e beneficiaram do contacto mútuo. Porém, a dialéctica dos opostos nunca está adormecida pelo que o equilíbrio inicial se revelou extremamente precário, e a sombra que permanecera latente, ganhou novas formas. Toda a estrutura dupla tende para uma evolução, para uma resolução do conflito. A Segunda Era não podia fugir a este princípio.

Os Elfos da Terra Média estabeleceram contactos comerciais com os Anões de Moria, grandes artífices e mineiros, e com eles aperfeiçoaram a sua arte ancestral de joalheiros (lembremo-nos que na Primeira Era Fëanor criou as mais belas jóias feitas pelos Filhos de Ilúvatar — as Silmarilli). Por outro lado, os Numenóreans aumentaram

²⁸ Carl Gustav JUNG, *Psychology and Religion: West and East*. (Cito de Timothy O'NEILL, *The Individuated Hobbit*. London: Thames and Hudson Ltd., 1980, p. 53).

²⁹ *The Individuated Hobbit*, p. 62.

as suas riquezas e o seu poder. Quase simultaneamente Sauron fechou-se em Mordor, um vale cercado pela cordilheira Ered Lithui a Norte e Oeste, e a sul pelas montanhas do complexo rochoso Ephel Duath. Foi esse o território que a Sombra escolheu para estabelecer os seus domínios. Este refúgio de Sauron em Mordor simboliza precisamente a atitude de recusa da consciência colectiva de aceitar o contacto com a sombra, « obrigando-a » a um silêncio prejudicial que inevitavelmente a alimenta e faz crescer cada vez mais negra.

A riqueza de Moria, o maior e mais rico império subterrâneo dos Anões, e também a de Eriador, a região a oeste habitada pelos Elfos, atraiu Sauron porque essa era a zona mais « luminosa » da Terra Média a partir do século X. A sombra actuou sobre os Elfos, alimentando precisamente o seu ponto fraco: a sede desmesurada de saber.

It was in Eregion that the counsels of Sauron were most gladly received, for in that land the Noldor desired ever to increase the skill and subtlety of their works. Moreover they were not at peace in their hearts, since they had refused to return into the West, and they desired both to stay in Middle-earth, which indeed they loved, and yet to enjoy the bliss of those who had departed. Therefore they hearkened to Sauron and they learned of him many things, for his knowledge was great³⁰.

Deste modo a sombra participou no que seria a segunda grande obra dos Elfos. Porém, tal como Melkor dominou o segundo tema da criação³¹, também Sauron dominou esta obra dos Noldor — os Anéis do Poder. Com eles os Elfos pretendiam presentear as três principais raças da Terra Média. É a estes anéis que se refere o pequeno poema do folclore da Terra Média

Three rings for the Elven-kings under the sky,
Seven for the Dwarf-lords in their halls of stone,
Nine for Mortal Men doomed to die, (...) ³².

Sauron participou directamente na criação de todos os anéis, com excepção dos Três Anéis destinados aos Elfos. Estes, ao contrário dos

³⁰ *The Silmarillion*, p. 346.

³¹ *The Silmarillion*, p. 17.

³² *The Lord of the Rings*, p. 77.

restantes, não conferiam ao seu portador poder ou invisibilidade. Caracterizavam-se antes por dar maior capacidade para **compreender** (função desempenhada pelo anel Vilya, também chamado O Anel do Ar, e considerado o mais perfeito e importante), para **criar** (que podemos atribuir ao anel Narya, ou O Anel da Água, o segundo na escala hierárquica) e ainda para **curar** (esta claramente conotada no texto de Tolkien com o anel Narya, O Anel do Fogo).

Secretamente Sauron fabricou o Anel Soberano, com o qual controlou todos os outros, incluindo os três anéis dos Elfos. Na criação desse anel, Sauron investiu muitas das suas próprias capacidades e poder. Do simbolismo do Anel Soberano falaremos mais adiante. Por agora interessam-nos fundamentalmente as consequências da intervenção de Sauron.

Com os Anéis do Poder Sauron dominou nove príncipes dos Homens, os quais se tornaram os seus lugares-tenentes, transformando-se, assim, nos nove Nazgûl ou Fantasmas do Anel. Porém a Sombra não obteve o mesmo efeito com os Anões, pois estes provaram ser imunes à influência do Anel Soberano. Por seu lado os Elfos conseguiram esconder os Três Anéis até ao final da Segunda Era. Com a criação do Anel Soberano iniciou-se um novo conflito entre a Luz e as Trevas. Os Elfos conseguiram, no entanto, dominar temporariamente a Sombra, graças à intervenção dos Numenóreans.

Depois da derrota que lhe foi infligida pelos Elfos e Homens, Sauron centrou a sua atenção nos Dúnedain. No século XIX o seu império era já muito grande mas estava ainda suficientemente ligado à herança do passado para que um exército comandado por Sauron o pudesse derrotar. A Sombra tinha assim de actuar directamente sobre Númenor, e foi o que sucedeu. Instigados pelo próprio Senhor das Trevas, os Dúnedain cortaram as ligações com o passado (o mesmo é dizer que ignoraram as mensagens do inconsciente) e perderam de vista o significado profundo da Dádiva Divina. A mortalidade passou, assim, a ser um fardo em vez de uma bênção. Influenciados por Sauron, os Dúnedain cessaram os contactos com os Elfos, proibindo mesmo o uso das línguas élficas dentro das fronteiras do império.

Ao negarem voz ao inconsciente, a atitude colectiva dos Homens forneceu à Sombra um terreno propício para se desenvolver, ameaçando as já debilitadas estruturas psíquicas, introduzindo a dúvida e « inflamando » o orgulho. Podemos assim dizer que o fim de Númenor, e com ele o da época dourada dos Homens, tinha já chegado,

mesmo antes de a armada dos Dúnedain tentar invadir as Terras Impecíveis para « roubar » a imortalidade que, erradamente, procuravam não neles próprios mas no mundo exterior.

Ilúvatar interveio então directamente no destino dos seus Filhos, afundando Númenor e toda a raça dos Dúnedain com excepção de um pequeno grupo que se tinha mantido fiel ao passado. Com o afundamento de Númenor deu-se uma nova alteração na forma física do mundo (a primeira tivera lugar no final da Primeira Era com o afundamento de Beleriand) e o domínio dos Deuses foi colocado definitivamente fora da esfera terrestre.

O tema de Númenor tem ressonâncias múltiplas com o mito da Atlântida. O próprio nome *Akallabêth*, que é o termo *Westron* (língua comum da Terra Média) pelo qual é designado o episódio ao afundamento de Númenor, tem como equivalente na língua *Quenya* (língua dos Elfos) o termo *Atlantë*. O próprio Tolkien reconheceu que *Akallabêth* é a integração desse mito na sua obra. Referindo-se a este facto ele afirmou em 1965:

[Númenor] is my personal alteration of the Atlantis myth and/or tradition, and accomodation of it to my general mythology. Of all the mythical or « archetipical » images this is the one most deeply seated in my imagination, and for many years, I had a recurrent Atlantis dream: the stupendous and ineluctable wave advancing from the sea or over the land, sometimes dark, sometimes green and sunlit³³.

O mito de Atlântida não deve ser entendido independentemente do mito do paraíso. O afundamento desse estado perfeito torna-o no paraíso perdido, resultado do castigo divino. Os Numenóreans erraram ao desobedecer aos limites impostos por Ilúvatar. Temos assim, na mitologia de Tolkien, dada de novo expressão ao símbolo da queda tão frequente nos relatos míticos como explicação para a situação do Homem no mundo. A dádiva da mortalidade, garante da liberdade do homem, não chegou para manter os Dúnedain fiéis às regras divinas, porque o ego colectivo inflacionado acreditava ser a única realidade. Por isso Númenor se afundou sob as águas agitadas pela fúria do deus, o mesmo é dizer submergiu nas águas profundas e escuras do inconsciente colectivo.

³³ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 361.

Os Fiéis, os Dúnedain que fugiram de Númenor antes do castigo final, tentaram restabelecer na Terra Média o seu império perdido. Elendil, descendente de Elros, e os seus dois filhos, Isildur e Anarion, fundaram os reinos de Arnor, no Norte, e de Gondor, no Sul. Com eles trouxeram não só as tradições e costumes do antigo império, mas também um rebento de Nimloth e os Palantíri³⁴. Elendil, senhor supremo dos Fiéis governava directamente Arnor, enquanto que Anarion e Isildur compartilhavam o trono de Gondor. Para que tal divisão de poderes desse resultados positivos para o povo, Gondor encontrava-se dividido em duas províncias: Ithilien, cujo nome significa Terra da Lua e que era governado por Isildur, o senhor do território compreendido entre as montanhas Ephel Duath e o rio Anduin; e a província de Anórien, cujo nome significa Terra do Sol e que compreendia as terras entre a outra margem do rio Anduin e as montanhas Lamodor.

Do império dos Dúnedain, Gondor era sem dúvida a região mais próspera porque era também a mais equilibrada. Os seus governantes eram dominados pelos dois astros, como indicam os radicais dos seus nomes: Isil-dur e Anar-ion que em *Quenya* significam Lua e Sol respectivamente. Este equilíbrio astral estendia-se ainda às duas principais cidades dos dois reinos: Minas Anor, a Torre do Sol, e Minas Ithil, a Torre da Lua; que estavam unidas por Osgiliath, a Cidadela das Estrelas, construída nas duas margens do rio Anduin e abrindo as suas portas para as duas capitais. Vemos, assim, que tudo se conjugava para que Gondor fosse a nova Númenor. Porém, este novo império dos Dúnedain durou apenas cem anos. Em 1429 Sauron regressou, apesar de também ele ter sofrido os efeitos da fúria divina que afundou a ilha dos Dúnedain.

Sauron was indeed caught in the wreck of Númenor, so that the bodily form in which he long had walked perished: but he fled back to Middle-earth, a spirit of hatred borne upon a dark wind. He was

³⁴ Os Palantíri eram globos de cristal, criados pelos Noldor, que permitiam a observação de cenas distantes no espaço e no tempo. Com dois desses globos podia-se estabelecer uma comunicação, independentemente da distância que os separasse. Os Fiéis possuíam sete Palantíri, que tinham trazido de Númenor, os quais foram colocados nas principais cidades do seu novo domínio na Terra Média. Por seu intermédio, os principais governantes: Elendil, Anarion e Isildur, podiam comunicar entre si e tomar conhecimento da situação vivida nos seus vastos territórios.

unable ever again to assume a form that seemed fair to men, but became black and hideous, and his power thereafter was thought terror alone. He re-entered Mordor, and hide there for a time in silence ³⁵.

A permanência da Sombra em Mordor permitiu-lhe recuperar e reunir as suas forças para o que projectou ser a sua vingança. Os Dúnedain tinham-se, de facto mantido fiéis ao passado, mas não estavam ainda preparados para reconhecerem a sua sombra como parte integrante da sua própria personalidade. Por isso o ataque de Sauron se deu num momento em que os Homens se sentiam confiantes das suas conquistas e do êxito do seu projecto de construir uma nova Númenor. É sem dúvida significativo que o ataque de Sauron fosse desferido sobre Minas Ithil, a Torre da Lua, pois trata-se efectivamente de um ataque que tem origem no inconsciente.

Com este assalto a Minas Ithil iniciou-se a última Grande Guerra em que Elfos e Homens se aliaram. Nela morreram Elendil, rei dos Dúnedain, Gil-galad, o último rei dos Noldor na Terra Média, e Anarion. Sauron foi derrotado sofrendo a sua primeira morte física numa luta individual com os representantes dos Filhos de Ilúvatar: Elendil e Gil-galad; e o seu espírito desapareceu. Isildur apoderou-se do Anel Soberano, e ao fazê-lo trouxe a desgraça à linha reinante dos Dúnedain. A maldição começou a cumprir-se pouco tempo depois da Grande Batalha quando Isildur e três dos seus quatro filhos foram mortos e o Anel foi perdido nas águas do rio Anduin.

Com a vitória da última Aliança terminou a Segunda Era e as civilizações da Terra Média entram em declínio. Os Elfos diminuíram em número pois muitos começaram a regressar às Terras Imperecíveis. Os que permanecem na Terra Média diminuíram os seus contactos com os outros povos. Os Homens perderam de novo a ligação com os seus valores mais profundos e os seus símbolos essenciais ficaram adormecidos no inconsciente colectivo: a linha real entrou na clandestinidade, sendo substituída pelos Regentes (*Ruling Stewards of Gondor*), a Árvore Branca secou sem que fosse possível encontrar um rebento, a espada do rei permaneceu partida e os principais Palantíri foram perdidos ou capturados pela Sombra.

³⁵ *The Lord of the Rings*, vol. 3, pp. 385-386.

2.2. DOIS HOBBITS E UMA HERANÇA INESPERADA

No século XII da Terceira Era surgiu um novo povo no mundo ocidental da Terra Média — os Hobbits — que estavam inicialmente divididos em três etnias: os Harfoots, os Stoors e os Follohides. Por razões desconhecidas, abandonaram as suas terras perto das Misty Mountains e dirigiram-se para ocidente. Destes, apenas os Stoors regressariam às terras de origem, enquanto que as outras duas raças se misturaram vindo, mais tarde, a obter um pequeno território entre o rio Baranduin e Far Downs, onde se estabeleceram definitivamente. Foi assim que, no ano 1601, o Shire surgiu como país independente, domínio dos Hobbits. Como dissemos atrás, esta raça constituiu, juntamente com os Homens, os Elfos e os Anões, os Povos Livres (Free Peoples) assim denominados pela sua oposição a Sauron. Porém, seria apenas nos anos finais da Terceira Era que os Hobbits (também chamados Halflings) teriam um papel importante nos conflitos com a Sombra.

Sauron fez o seu reaparecimento na Terra Média e entre os anos 1100 e 2850 estabeleceu o seu domínio em Dol Guldur. Com ele ressurgiram os Nazgûl que começaram de novo a reorganizar as tropas da Sombra. Enquanto as civilizações continuavam o seu lento declínio, Sauron reuniu os Anéis do Poder que se encontravam ainda na posse dos Anões, ao mesmo tempo que iniciou a busca do Anel Soberano perdido por Isildur. Os Istari³⁶ Gandalf e Saruman associaram-se aos Elfos para lutar contra a Sombra. Surgiu, assim, o Conselho dos Sábios que, presidido por Saruman, se reunia em Lórien, domínio da princesa Elfo Galadriel. Faziam parte deste conselho os três Elfos mais importantes da Terra Média: Elrond, Galadriel e Cirdan. Eram precisamente eles que possuíam os Três Anéis do poder. Elrond, de

³⁶ Os Istari eram Maiar enviados pelos deuses para ajudarem os Povos Livres na luta contra Sauron. Aparentavam ser homens idosos mas possuíam, no entanto, grandes poderes físicos e psíquicos. Formavam um grupo hierarquicamente organizado e a cada um tinha sido atribuída uma cor e um estatuto dentro da ordem. Dos vários Istari que entraram na Terra Média, apenas três são referidos em *The Lord of the Rings*: Saruman, Gandalf e Radagast. Destes, apenas os dois primeiros estão directamente envolvidos nos acontecimentos narrados na trilogia.

todos os Elfos o mais sábio, era o portador de Vilya, Galadriel, de quem falaremos mais adiante, era a portadora de Nenyia e Cirdan, o Senhor dos Grey Havens, aquele que conhecia o caminho para as Terras Imperecíveis, fora o portador do Narya até o entregar a Gandalf, quando da sua chegada à Terra Média.

No ano 2941 o Conselho dos Sábios decidiu atacar Sauron em Dol Guldur. Foi também neste ano que Bilbo efectuou a sua viagem, durante a qual se apoderou do Anel Soberano. De todos os anéis, este era o único que não tinha qualquer jóia. É descrito como um anel de ouro, perfeitamente circular, contendo uma inscrição no interior e exterior, a qual surgia quando o anel era aquecido ao fogo. Como mandala que é o Anel Soberano simboliza o Eu-Universal, como afirma Timothy O'Neill.

The ring is perfect and stands for the Self — The Ruling Ring (...) is the way in which the archetype of the Self-in-potential personifies himself (...).

The Ring's symmetry is perfectly balanced, a graceful circle, distilling the concepts of balance and perfection and the union of opposites that will characterize the Self after its realization. (...) The form and function of the Ring are not left in doubt. The Ring's fate is etched inside and out in fiery letters:

« One Ring to rule them all, One Ring to find them.

One Ring to bring them all and in the darkness bind them. »

The Ring is the Self, the potential force that promises finally to make whole both hobbit and Middle-earth³⁷.

Estes versos que Timothy O'Neill cita e que constituem a inscrição do Anel Soberano, fazem parte de uma estrofe muito antiga do folclore élfico³⁸ cuja forma completa é a seguinte:

Three Rings for the Elven-kings under the sky,

Seven for the Dwarf-lords in their halls of stone.

Nine for Mortal Men doomed to die,

One for the Dark Lord on his dark throne

³⁷ *The Individuated Hobbit*, pp. 64-65. Sublinhado meu.

³⁸ Esta estrofe do folclore élfico exprime, afinal, uma mensagem/aviso do inconsciente funcionando, salienta Timothy O'Neill (*The Individuated Hobbit*, p. 131), do mesmo modo que alguns sonhos como os que serviam de base às previsões dos oráculos antigos.

*In the Land of Mordor where the Shadows lie.
One Ring to rule them all, One Ring to find them.
One Ring to bring them all and in the darkness bind them
In the land of Mordor where the Shadows lie.*³⁹

O facto de Sauron ter utilizado versos de origem élfica no seu Anel é, em minha opinião, um elemento importante para a compreensão do significado profundo deste símbolo. Alguns críticos vêem o Anel Soberano como uma obra exclusivamente negativa, porque fabricada por Sauron. Mesmo que tal fosse verdade, o facto de o anel ser uma produção da Sombra não a torna, obrigatoriamente, numa criação exclusivamente negativa. Como dissemos atrás a Sombra é também fonte da inspiração, de criatividade. Por isso os Elfos puderam criar os Anéis do Poder, porque Sauron os ajudou com os seus conhecimentos. No entanto, devemos ter em conta que esta atitude não é unilateral; Sauron também aprendeu com os Elfos, pois só assim se pode entender que ele tenha criado um anel capaz de dominar todos os outros, isto é, que encerrasse todas as suas qualidades e as superasse. Esta é também a ideia de Timothy O'Neill, quando afirma que o Anel Soberano é « formado pelas forças do Bem e do Mal »⁴⁰.

O Anel foi descoberto por Bilbo no ano 2941, 478 anos após Sméagol/Gollum se ter apoderado dele. Esta personagem que surge no conto *The Hobbit* como Gollum, e mais uma das que, ao ser incluída na trilogia, cresce em complexidade psicológica. Em *The Lord of the Rings* ele é claramente definido como sendo um Hobbit da raça dos Stoors, que teria sido sempre fascinado, e mesmo dominado, pelo inconsciente, Gandalf descreve o seu comportamento do seguinte modo:

The most inquisitive and curious-minded of that family was called Sméagol. He was interested in roots and beginnings; he dived into deep pools; he burrowed under trees and growing plants; he tunnelled into green mounds; and he ceased to look up at the hill-tops or leaves or trees, or flowers opening in the air: his head and his eyes were downward⁴¹.

³⁹ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 77.

⁴⁰ *The Individuated Hobbit*, p. 130.

⁴¹ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 80. Sublinhado meu.

O que observamos em Sméagol não é a existência de um ego dominador, como sucede com os Homens de Gondor durante toda a Terceira Era, mas precisamente o oposto — uma consciência que se abandonou ao fascínio do inconsciente e que, de modo progressivo, foi por ele parcialmente submersa. Esta ideia de um domínio crescente do inconsciente sobre a consciência está expressa na frase de Gandalf, através da enumeração de ângulos de visão sucessivamente mais curtos. Depois da obtenção do Anel, o comportamento de Sméagol transformou-se, tendo sido reforçada a influência do inconsciente sobre a consciência. Por isso, todo o seu comportamento para com Frodo se caracteriza pela existência de uma dupla personalidade, à qual está associada uma forma de expressão verbal completamente distinta, como é frequente suceder nos casos de esquizofrenia. Esta é a situação que observamos na seguinte passagem em que « Sméagol discute com Gollum » qual a atitude a tomar.

« Sméagol promised, » said the first thought.

« Yes, yes, my precious, » came the answer, « we promised: to save *our* Precious, not to let Him have it — never. But it's going to Him, nearer every step. What's the hobbit going to do with it, we wonders, yes we wounders. »

« I don't know. I can't help it. Master's got it. Sméagol promised to help the Master. »⁴²

Por ser um símbolo do Eu-Universal, o Anel Soberano confere poder ao seu portador, mas um poder que está sempre de acordo com a estatura psicológica do ser que o usa. Esta característica é frequentemente salientada ao longo da trilogia. É por essa razão que Gandalf, Elrond e Galadriel recusam a sua posse, pois como explica o príncipe dos Elfos:

The very desire of it corrupts the heart (...). If any of the Wise would with this Ring overthrow the Lord of Mordor, using his own arts, he should then set himself on Sauron's throne, and yet another Dark Lord would appear⁴³.

O Eu-Universal não é objecto de conquista ou de submissão, porque ele é a totalidade da *psyche* de que o ego é apenas uma parte.

⁴² *The Lord of the Rings*, vol. 2, p. 298.

⁴³ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 350.

Foi isto que Isildur não compreendeu, quando recusou o conselho dos Sábios de lançar o Anel no fogo que o fundira, e que Boromir e Sméagol não compreenderiam mais tarde.

Bilbo parece ter sido o único sobre quem o Anel Soberano não teve um efeito negativo. Mas tal deve-se ao facto de Bilbo se ter transformado com a sua viagem, iniciando a realização do seu Eu-Universal. É este o significado da observação de Gandalf, feita no final da viagem narrada no conto *The Hobbit*:

« My dear Bilbo! (...) Something is the matter with you! You are not the hobbit that you were. »⁴⁴.

Quando falamos da realização do Eu-Universal, devemos entendê-la não como um acontecimento, mas como um processo. Étienne Perrot define-o como um « percurso circular » e acrescenta:

É (...) a circum-ambulação em forma de espiral em torno de um centro. A claridade e a sombra alternadamente, sendo toda a nova claridade o resultado de um mergulho nas trevas inconscientes⁴⁵.

É por esta razão que, cinquenta e nove anos depois de ter encontrado o Anel, Bilbo sente outra vez o apelo da viagem, o desejo de « ver montanhas de novo »⁴⁶. Bilbo como que tinha parado, adormecido a meio do percurso, e o inconsciente incitava-o a prosseguir. A experiência deste hobbit permite-lhe também ver que Frodo, o seu herdeiro, não está ainda preparado para iniciar, de livre vontade, a sua própria viagem.

« [Frodo] would come with me, of course, if I asked him. In fact he offered to once, just before the party. *But he does not really want to, yet, (...) he is still in love with the Shire, with woods and fields and little rivers.* »⁴⁷

Mas Frodo é um viajante « predestinado ». Ao herdar o Anel, é como que « obrigado » a percorrer os caminhos do inconsciente e a

⁴⁴ *The Hobbit*, p. 281.

⁴⁵ Étienne PERROT, *C. G. Jung et la Voie des Profondeurs*. Paris: La Fontaine de Pierre, 1980, p. 351.

⁴⁶ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 55.

⁴⁷ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 55. Sublinhado meu.

trocar os pequenos bosques e rios do Shire pelas densas florestas e rios de águas profundas que correm dentro dele próprio. Ele sabe que tal viagem é « uma fuga de perigo em perigo », arrastando-o sempre atrás de si ⁴⁸.

Frodo recebe o Anel Soberano no dia em que celebra o seu trigésimo terceiro aniversário, idade que marca, para os Hobbits, o início da fase adulta. Decorrem dezassete anos até que inicie a **Viagem**. Durante esse período Frodo começa a sentir-se inquieto, o inconsciente começa a produzir símbolos de mudança que se exprimem nos seus sonhos.

He found himself wondering at times, especially in the autumn, about the wild lands, and strange visions of mountains that he had never seen came into his dreams ⁴⁹.

Através do símbolo da montanha, o inconsciente anuncia a Frodo, pela primeira vez, o seu destino: Frodo deve procurar o seu centro, e iniciar a escalada, o caminho para a realização plena. O sonho da montanha pertence à categoria dos « sonhos iniciáticos » de que fala Jung e que Etienne Perrot define do seguinte modo:

Quando alguém aborda o domínio interior é frequente que um sonho lhe apresente imediatamente o objectivo final como no início de uma ascensão se apercebe o cume da montanha, antes de o perder de vista para enfrentar as etapas do caminho ⁵⁰.

Apesar deste « sonho anunciador » a partida é algo que ainda vem longe no tempo, facto de que o próprio Frodo tem consciência.

« Perhaps I shall cross the River myself one day. ». To which the other half of his mind always replied: « Not yet. » ⁵¹

Gandalf surge então como guia. Dentro destas funções podemos considerar que o velho feiticeiro corresponde ao arquétipo do « velho sábio » que surge em muitos contos e mitos onde desempenha as

⁴⁸ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 93.

⁴⁹ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 67.

⁵⁰ *C. G. Jung et la Voie des Profondeurs*, p. 347.

⁵¹ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 67.

funções de « guia, ajudante e intérprete de mistérios »⁵². É ele que revela a história do Anel Soberano ao atónito hobbit, orientando a sua escolha e advertindo-o dos perigos a enfrentar. Não fazia porém parte das suas funções **impor** o percurso. O caminho da transformação é uma tarefa penosa na qual o ego tem de se envolver de livre vontade. Por isso Gandalf diz a Frodo:

« ... I could not 'make' you [destroy the Ring] — except by force, which would break your mind. But as for breaking the Ring, force is useless (...). It cannot be unmade by your hands, or by mine. »⁵³

Porém, como guia que é, Gandalf indica o caminho a seguir, tendo em vista a realização do objectivo final.

There is only one way: to find the Cracks of Doom in the depths of Orodruin, the Fire-mountain, and cast the Ring in there, if you really wish to destroy it, to put it beyond the grasp of the Enemy for ever⁵⁴.

A partir deste momento Frodo já não pode voltar atrás. A caminhada interior fora iniciada e, unida a ela, estava o percurso para a individuação da própria Terra Média. A viagem individual de Frodo tornou-se numa missão colectiva, dependendo do seu êxito ou inêxito o destino do mundo ocidental.

« ... You have been chosen, and you must therefore use such strength and heart and wits as you have. »⁵⁵

São muitas as etapas e os perigos que o aguardam e, neste momento, Frodo não alcançou ainda o significado pleno da sua missão. Por isso o seu guia o aconselha a seguir para Rivendell, o domínio de Elrond, antes de iniciar o percurso final, encetando assim, de uma forma mais cautelosa, os seus primeiros contactos com o inconsciente, ao qual era negada expressão há muito tempo.

Tomada a decisão, Frodo decide abandonar o Shire e adoptar, sob sugestão de Gandalf, o nome de **Frodo Underhill** pois era de facto uma

⁵² *The Individuated Hobbit*, p. 182.

⁵³ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 90.

⁵⁴ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 91.

⁵⁵ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 91.

descida às profundezas do inconsciente que o pequeno hobbit iniciaria antes da escalada final.

Nesta viagem Frodo é acompanhado inicialmente por três hobbits. Esta é a primeira quaternidade a nível das personagens que encontramos na trilogia *The Lord of the Rings*. Será sobre este núcleo central que se irão verificar diversas transformações, para no final do percurso o encontrarmos de novo perfeitamente estabelecido.

Para Carl Gustav Jung, a quaternidade representa « a totalidade dos processos psíquicos conscientes e inconscientes »⁵⁶. Esta quaternidade denota uma estrutura de 3+1, isto é, o portador do Anel Soberano e mais três hobbits. É em torno de Frodo que a quaternidade se desenvolve; ele é o centro organizador. Temos, assim, uma estrutura perfeitamente equivalente à definida por Aniela Jaffre:

A quaternidade ou quaternion tem frequentemente uma estrutura de 3+1, na qual, um dos termos que a compõem, ocupa uma posição excepcional ou possui uma natureza diferente da dos restantes (...) Este é o « Quarto » que unido aos outros três, os torna « Um », simbolizando a totalidade⁵⁷.

Esta estrutura não faz mais do que confirmar o significado profundo que a viagem do pequeno hobbit de facto possui. Ele parte em busca do Eu-Universal, missão essa que não é apenas individual, como a que ocorre na vida de alguns seres humanos quando atingem a fase da vida definida por « meia idade ». O processo de individuação narrado na trilogia tem também um significado colectivo, e por isso o apelo e envolvimento do leitor é tão profundo.

A viagem espacial de Frodo iniciou-se a 23 de Setembro do ano 3081. Estávamos portanto no período de equinócio de Setembro. Esta fase do movimento solar simboliza o momento de equilíbrio entre a luz e as trevas (uma vez que o Sol e a Lua iluminam a Terra durante o mesmo número de horas). As forças diurnas e nocturnas, o mesmo é dizer o inconsciente e a consciência, estão numa fase de equilíbrio. Porém, esse equilíbrio é apenas momentâneo, pois todos os períodos de estabilidade são prenúncio de uma alteração futura.

⁵⁶ Carl Gustav JUNG, *Types Psychologiques*. (Cito de *Dictionnaire des Symboles*, p. 798).

⁵⁷ Cito de *The Individuated Hobbit*, pp. 148-149.

O significado profundo do equinócio de Setembro vem precisamente do facto de ele anunciar o fim do domínio da luz que caracteriza o Verão, e o início do domínio das trevas.

A viagem de Frodo tem assim a noite como símbolo dominante. Frodo parte para as fronteiras do Shire acompanhado de dois hobbits. Três dias depois tem início a **grande viagem**, aquela que o levará até rios e florestas desconhecidas. Neste momento a quaternidade está completa e as fronteiras do Shire são definitivamente transpostas. Surge então o momento do primeiro grande confronto com as forças desconhecidas da *psyche*. Até à chegada a Rivendell Frodo terá três encontros com as produções do inconsciente, todos eles de gravidade crescente.

O primeiro « teste » surge na Old Forest, uma reminiscência da floresta ancestral que antes cobrira toda a região de Eriador. O confronto eminente com esta produção do inconsciente é como que anunciada na véspera num sonho que, numa linguagem simbólica, mistura o futuro próximo e o longínquo, bem como as produções do inconsciente individual e colectivo.

Eventually he fell into a vague dream, in which he seemed to be looking out of a high window over a *dark sea of tangled trees*. Down below among the roots there was the sound of creatures *crawling and snuffing*. He felt sure they would smell him out sooner or later.

Then he heard a noise in the distance. At first he thought it was a great wind coming over the leaves of the forest. Then he knew it was not leaves, but *the sound of the Sea far-off; a sound he had never heard in waking life*, though it had often troubled his dreams. Suddenly he found he was out in the open. There were no trees after all. He was on a dark heath, and there was a strange salt smell in the air. Looking up he saw before him a *tall white tower*, standing alone on a high ridge. A great desire came over him to climb the tower and see the Sea. He started to struggle up the ridge towards the tower: but suddenly a light came in the sky, and there was a noise of thunder⁵⁸.

Frodo estava já preparado para abandonar o Shire pela única via possível, através da floresta, e tinha acabado de fugir a um Nazgûl. As marcas deixadas por estas duas situações estão presentes na primeira parte do sonho, e nesse sentido podemos considerá-las

⁵⁸ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 151. Sublinhado meu.

produções do inconsciente individual de Frodo. A segunda parte do sonho muda completamente de « cenário ». Frodo faz então a experiência de uma situação que nunca lhe tinha surgido na vida « real » — o apelo do mar.

O simbolismo do mar compartilha do simbolismo da água, fonte de vida e lugar de morte. O mar agitado simboliza, no sonho de Frodo, o apelo do inconsciente que, uma vez encontrada uma forma de comunicar com a consciência, se anuncia como água primordial, na qual o ego deve mergulhar para beber o alimento da vida. Mas para entrar na água da vida (e da morte) Frodo deve seguir um percurso previamente preparado pelo inconsciente. Por isso a escalada da torre é interrompida por uma raio de luz e um trovão. Frodo não está ainda pronto para a visão desse mar.

É também por mar que os Elfos da Terra Média alcançam as Terras Imperecíveis quando abandonam o mundo. Essa viagem constitui a última travessia, de onde ninguém regressa. Esse será também o destino de Frodo, no final da Guerra do Anel. Vemos, assim, o símbolo do mar actuar a dois níveis de significação: como símbolo que anuncia simultaneamente a possibilidade de realização psicológica e o resultado último da viagem de Frodo.

A floresta é então o primeiro obstáculo da escalada de Frodo, aquilo que o forçará a abandonar a visão do cume da montanha, e a dirigir os seus olhos para o caminho. Na tradição dos Hobbits, a Old Forest era considerada como um lugar hostil, possuidor de vontade própria a qual era emanada do centro da floresta. Era intenção dos hobbits atravessar a Old Forest em direcção ao norte para alcançarem rapidamente a Estrada do Oriente. Porém, os seus passos são guiados para o sul, para o centro da floresta, domínio do Old Man Willow e do Rio Withywindle. Este rio é caracterizado por ter a sua nascente perto de um dólmen e por apresentar uma cor castanha que confere uma extrema opacidade à água. O salgueiro, que no mundo ocidental está conotado com a morte, é aqui o senhor da floresta. Estamos, assim, perante dois símbolos, a água e a árvore, caracterizados pelo seu sentido negativo de morte.

O que Frodo e aos seus companheiros têm de enfrentar de facto é o medo. Este é um sentimento frequente do ego quando se sente perante possíveis revelações do inconsciente, de que a floresta é um símbolo. Por isso Frodo, Merry e Pippin são « apanhados » pelo salgueiro que prende dentro do seu tronco os dois hobbits mais jovens,

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

enquanto mergulha Frodo nas águas do rio. Apenas Sam não se deixa afectar pelo sono/medo não perdendo o domínio do seu ego, da luz da consciência.

Para ajudar o ego a libertar-se desse medo, o inconsciente fornece um novo guia — Tom Bombadil. Timothy O'Neill define esta personagem como o Homem Original, o *Anthropos* « concebido como α e ω do desenvolvimento do Homem »⁵⁹. Tom, como ser individuado que é anuncia-se como « Senhor de si-mesmo » (*His own Master*), habitante da Terra Média desde a sua criação. Por isso o velho salgueiro se submete ao seu poder, o mesmo fazendo todos os seres da floresta, pois nenhuma força é superior à desse Homem Original, nem mesmo a do Anel Soberano. A função de Tom Bombadil é a de libertar os hobbits do medo da floresta, o mesmo é dizer do medo do inconsciente, e colocá-los de novo no caminho de que se tinham desviado.

Tal como Gandalf fizera antes, também Tom adverte Frodo dos perigos que a sua viagem encerra. Alerta-o muito claramente para o cuidado a ter no próximo confronto — o encontro com o Espírito do Dólmén; sugerindo o caminho a seguir. Mas Frodo e os seus companheiros são ainda viajantes muito inexperientes; o seu ego deixa-se confundir e iludir facilmente quando viaja sozinho. Por isso o Espírito do Dólmén os atrai, tal como o Old Man Willow fizera antes. Mas agora é Frodo que não mergulha cegamente na escuridão e consegue manter acesa a luz da consciência.

But though his fear was so great that it seemed to be part of the very darkness that was round him, he found himself as he lay thinking about Bilbo Baggins and his stories, of their jogging along together in the lanes of the Shire, and talking about roads and adventures⁶⁰.

Ao descer ao dólmén Frodo dá mais um passo na sua descida ao inconsciente e enfrenta sozinho o seu próprio medo e as forças negativas. É a incomunicabilidade das várias partes constituintes da *psyche* que torna as produções do inconsciente tão ameaçadoramente destrutivas. Ao enfrentar o Espírito do Dólmén, Frodo vence o seu

⁵⁹ *The Individuated Hobbit*, pp. 122-123.

⁶⁰ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 192.

primeiro fantasma, pondo fim ao combate iniciado dias antes na velha floresta, e que a intervenção de Tom Bombadil tinha interrompido, impedindo que a viagem terminasse logo no seu início.

Desta vez Tom surge já depois de Frodo ter vencido o seu opositor, e o seu trabalho consiste em colocar os quatro hobbits de novo na estrada que os levará até Bree. Lá um novo guia os aguarda, mas este tem funções diferentes das desempenhadas por Gandalf e Tom Bombadil. A primeira etapa termina apenas em Rivendell e até lá novos perigos espreitam e ameaçam pôr termo à aventura. Em Bree os pequenos hobbits conhecem Aragorn, a quem Gandalf pedira que os guiasse e protegesse. Aragorn não é, porém, um guia psicológico. Ele é um Homem, o herdeiro de Isildur, o Portador da Espada Quebrada. Também ele é um viajante que busca a perfeição que lhe permita assumir o seu papel de rei, de condutor de Homens.

Ao desenvolver o tema do rei, Marie Louise von Franz afirma a dado passo:

O rei incarna um princípio divino. É um símbolo do Eu-Universal pois este é o centro do sistema auto-regulador da *psyche*, do qual depende o equilíbrio e o bem-estar do indivíduo ⁶¹.

O rei é assim, a nível colectivo, o garante da estabilidade e prosperidade do reino. São inúmeros os registos de ritos ancestrais de substituição do rei, quando a comunidade atravessa períodos de desequilíbrio, ou mesmo para evitar que tal suceda. Nestes casos, o rito da substituição está quase sempre associado aos ciclos da natureza, como demonstra Sir James Frazer no seu livro *The Golden Bough* ⁶².

Quando a viagem de Frodo se efectua, os Dúnedain não têm rei, isto é, a *psyche* colectiva está a atravessar um período de profunda instabilidade. O arquétipo do Eu-Universal está encerrado fundo no inconsciente. Este é o significado do anonimato de Aragorn e da entrada na clandestinidade a que foi sujeita a casa reinante. É pois necessário que sejam criadas condições para o « renascer » do Eu-

⁶¹ Marie Louise von FRANZ, *L'Interprétation des Contes de Fées*. Paris: La Fontaine de Pierre, 1980, p. 69.

⁶² Sir James George FRAZER, *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. London: Macmillan Press Ltd., 1978.

-Universal, para que o equilíbrio se restabeleça. Por isso Aragorn viaja despojado de títulos e honras, no caminho da sua própria individuação e simultaneamente da raça humana cuja fraqueza, desequilíbrios sociais e culturais resultam do domínio cego da consciência.

Com a reunião de Frodo e Aragorn temos, assim, o cruzar de dois percursos individuais que serão, a partir deste momento, paralelos e, simultaneamente, um só no que diz respeito à sua finalidade colectiva. A ajuda que o futuro rei pode oferecer ao Portador do Anel é a de alguém que já percorreu aquele caminho, mas que ainda não domina as forças que nele possam surgir. Por isso Aragorn e os quatro hobbits não conseguem evitar o confronto com os Nazgûl em Weathertop, a colina meridional das montanhas Weather Hills.

Este terceiro confronto de Frodo com o inconsciente é, por assim dizer, a sua primeira grande batalha. O que se opõe agora ao hobbit já não é o medo do inconsciente, mas a Sombra. Neste confronto o único visado é o Portador do Anel, do símbolo do Eu-Universal. É o Anel Soberano que dá origem e mantém a existência a esses seres. Os Nazgûl não são meros servidores do Anel; são também suas vítimas, no sentido em que, enquanto Príncipes dos Homens, o seu ego fora dominado pelo lado escuro da *psyche*.

Long ago they fell under the dominion of the One, and they became Ringwraiths, shadows under his great Shadow, his most terrible servants. (...) As the Shadow grows once more, they too may walk again⁶³.

Ao enfrentar os Nazgûl, Frodo assume definitivamente o papel do herói salvador da Terra Média. Não devemos, no entanto, confundir-lo com um símbolo do herói solar arquetípico. Este « propõe um modelo de eu funcionando de acordo com o Eu-Universal »⁶⁴. Como afirma Marie-Louise von Franz:

O símbolo do herói comporta a corrente de energia vital, a certeza de que a tarefa tem de ser cumprida mesmo se ele próprio ou qualquer outro tiver de morrer. Nisto consiste o sentimento de uma vocação, de uma obediência a uma voz interior transcendente que tem de ser obedecida⁶⁵.

⁶³ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 78.

⁶⁴ *L'Interprétation des Contes de Fées*, p. 80.

⁶⁵ Marie Louise von FRANZ, *La Voie de l'Individuation dans les Contes de Fées*. Paris: La Fontaine de Pierre, 1978, p. 140.

Dos quatro hobbits que iniciaram a viagem encontramos de facto um, Sam, que tem consciência de seguir aquele percurso porque algo lhe diz que o deve fazer.

I seem to see ahead, in a kind of way. I know we are going to take a very long road, into darkness: *but I know I can't turn back*. It isn't to see Elves now, nor dragons, nor mountains, that I want — I don't rightly know what I want: *but I have something to do before the end, and it lies ahead, not in the Shire. I must see it through*, sir, if you understand me⁶⁶.

Sam será no fim um dos que mais lucra a nível individual com a viagem, um dos que verdadeiramente se transforma, alcançando uma forma superior de consciência. Mas Sam não é o Portador do Anel, ele não é o herói predestinado para tentar a salvação da Terra Média, embora a sua contribuição seja decisiva. O escolhido, é o seu companheiro. Mas Frodo não segue qualquer voz interior. Os seus passos, iniciados por um imperativo abstracto que ele ainda não compreendeu totalmente, são dados ao sabor da situação. Embora em nenhum momento a decisão seja imposta e o hobbit tenha sempre direito ao exercício do livre arbitrio, a decisão certa é, até determinado momento, sempre sugerida por terceiros, antes de Frodo a tomar.

O herói da trilogia *The Lord of the Rings* é um herói moderno que hesita constantemente nas suas decisões, que enfrenta um conflito interior que não tem a certeza de poder resolver e, mais importante ainda, é um **herói que erra** nos momentos cruciais. Um exemplo dessa atitude típica do herói moderno é a que Frodo tem perante o ataque de Nazgûl. Nesse momento Frodo erra ao colocar o anel para fugir ao confronto. Ao fazer isso ele perde a protecção da luz, expondo-se às sombras e tendo como única defesa o medo instintivo perante a visão do horrível. É o facto de as sombras impressionarem profundamente o seu ego desprotegido que o leva a reagir, pelo que a sua salvação não deixa de ter o gosto amargo da derrota.

Por ter errado Frodo é ferido e cai em profunda letargia até que os conhecimentos de Elrond o salvam. Como herói moderno que é, Frodo é capaz de reconhecer as suas fraquezas, e de aprender com

⁶⁶ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 124. Sublinhado meu.

elas. Por isso a viagem não termina em Weathertop e Frodo pode beneficiar da beleza, paz e conhecimentos do paraíso élfico que é Rivendell (também chamado *Imladris* em Sindari) o qual é mantido pelo poder do Anel de Elrond.

Este domínio élfico era a primeira meta da viagem de Frodo, segundo o plano de Gandalf. O pequeno hobbit, apesar das suas hesitações e erros quase fatais, provou ser o herói predestinado para transportar o símbolo do Eu-Universal. O regresso (regressão) era agora quase impossível. Frodo estava envolvido num processo que simultaneamente o incluía e transcendia. A sua viagem individual ia ganhar uma nova dimensão, mais sublime mas também muito mais perigosa. Rivendell, meta do percurso inicial, ia ser também ponto de partida para o destino que urgia cumprir.

2.3. VIAGEM PARA AS TREVAS

Rivendell foi, desde a sua fundação, um local privilegiado onde os perseguidos procuravam refúgio e os necessitados encontravam conselho. Era o centro espiritual dos Elfos, um garante de ligação ao passado (inconsciente) que permitia ao presente preparar-se para cumprir o seu destino. Por isso, não só Gandalf mas também os representantes dos quatro Povos Livres, escolheram esta cidade para encontrar a ajuda e orientação de que careciam.

É neste local que se forma uma nova quaternidade. A que encontramos anteriormente na trilogia simbolizava o equilíbrio da *psyche* individual: os três hobbits mais Frodo. Este novo *quaternion* simboliza o equilíbrio da *Psyche* colectiva e é constituído por Homens, Anões, Elfos e Hobbits. Tal como na primeira, o pólo aglutinador continua a ser o Portador do Anel Soberano.

A par da formação desta nova estrutura que conduz concretamente a um alargamento do significado da viagem iniciada no Shire, dá-se uma evolução de diversas personagens. Um dos heróis que « renasce » e precisamente Aragorn. Em Rivendell ele surge definitivamente como o futuro rei, o portador da Narsil que será reforjada. Esta era a espada do primeiro rei dos Dúnedain na Terra Média, Elendil, e que se tinha partido sob o seu corpo quando do confronto com Sauron, no final da Segunda Era.

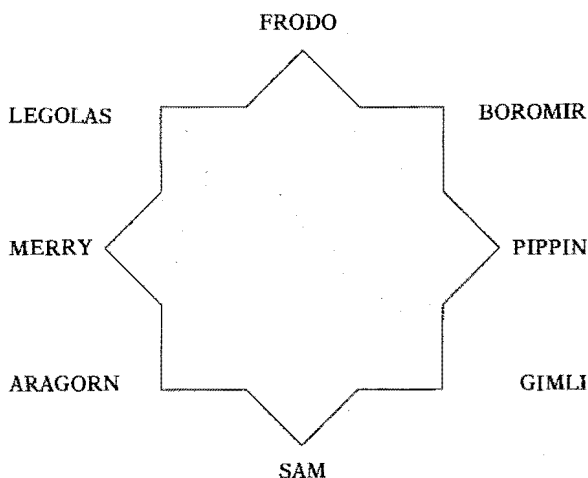


FIGURA 9: A DUPLA QUATERNIDADE

Narsil surge na tradição das espadas míticas medievais. Tolkien era um profundo conhecedor da tradição literária da Idade Média. É clara a influência que os romances e toda a mística dos cavaleiros teve na criação das sociedades humanas, e no ambiente que as rodeia na trilogia *The Lord of the Rings*. Tanto os cavaleiros de Gondor como os de Rohan são recriações do espírito de cavalaria medieval, com as suas espadas e lanças, os seus corcéis, armaduras e estandartes e os seus códigos de honra integrados numa hierarquia bem definida.

Conforme refere Ruth Noel, Narsil tem como paralelo mítico a espada *Excalibur* descrita no romance *Le Morte Darthur* de Sir Thomas Malory⁶⁷. A morte de Elendil foi a morte do rei, elo de ligação entre o passado e o presente. A espada partida tornou-se, então, símbolo da desunião e simultaneamente do declínio social e cultural que caracteriza as sociedades humanas desde o início da Terceira Era. Uma vez quebrada, perdeu a luminosidade que a distinguia, mas Elrond, senhor do conhecimento, compartilhava com os outros Porta-

⁶⁷ Ruth NOEL, *The Mythology of Middle-Earth*. London: Thames and Hudson, 1977, pp. 164-165.

dores dos Anéis a faculdade de prever o futuro, e era precisamente um dos que evidenciava maior grau de certeza nas suas antevistas.

[Narsil's] blade was broken and its light extinguished, and it was not forged anew. And Master Elrond foretold that this would not be done until the Ruling Ring should be found again and Sauron should return⁶⁸.

Narsil, nome em cuja formação surgem os elementos **fogo** (NAR — « fire ») e **luz branca** (THIL — « white light »), simbolizando a luz do Sol e da Lua⁶⁹, ao ser reforçada por ferreiros elfos na Terceira Era, recupera as suas qualidades antigas, necessárias ao novo rei.

The Sword of Elendil, was forged anew by Elvish smiths, and on its blade was traced a device of seven stars set between the crescent Moon and the rayed Sun, and about them was written many runes; for Aragorn son of Arathorn was going to war upon the marches of Mordor. Very bright was that sword when it was made whole again; the light of the Sun shone redly in it, and the light of the Moon shone cold and its edge was hard and keen. And Aragorn gave it a new name and called it Andúril, Flame of the West⁷⁰.

Os símbolos gravados na Andúril são, sem dúvida, significativos. A Lua e o Sol, princípios passivo e activo (*yin* e *yang*) estão ligados por sete estrelas. Timothy O'Neill chama a atenção para o significado simbólico do número **sete**, pois « este número tem um significado peculiar e específico nos mitos de renovação, como o que Aragorn Elessar representa »⁷¹. E acrescenta este autor citando Henderson e Oakes:

Sete é um número normalmente associado com a iniciação, denotando este número os degraus ou passos numa *viagem interior*, enquanto oposto a uma *viagem exterior* (...). [O número sete é significativo] pelas suas múltiplas conexões com a iniciação... associada à ideia de Deus⁷².

⁶⁸ *The Silmarillion*, p. 356.

⁶⁹ *The Letters of J. R. R. Tolkien*, p. 425.

⁷⁰ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 361.

⁷¹ *The Individuated Hobbit*, p. 141.

⁷² *The Individuated Hobbit*, p. 141. Sublinhado meu.

Para que a evolução se realize, isto é, para que Aragorn possa ser o rei reunificador que porta a Andúril, ele tem de participar nessa nova quaternidade designada por Irmandade do Anel (*Fellowship of the Ring*), a qual parte para Mordor na tentativa de salvar o Ocidente. O envolvimento do futuro rei nesta viagem é também uma condição imposta por Elrond para permitir que o herdeiro de Gondor e Arnor casasse com Arwen Undomiel. Esta união simbolizará a conquista da Anima, acto necessário para que o próprio símbolo do rei fique completamente estabelecido.

Arwen Undomiel shall not diminish her life's grace for less cause. She shall not be the bride of any Man less than the King of both Gondor and Arnor. To me then even victory can bring only sorrow and parting — but to you hope of joy for a while⁷³.

Mais adiante analisaremos em detalhe a evolução de Aragorn que, tal como Frodo e Sam, tem um papel importante na salvação/individuação da Terra Média. A irmandade do Anel é constituída sob o signo do livre arbítrio, isto é, todos os seus membros auxiliarão Frodo na sua missão de transportar o Anel Soberano até Mordor, mas nenhum é **obrigado** a fazê-lo, podendo abandonar o grupo a qualquer momento. Porém, como salienta Elrond, uma decisão desse tipo será tanto mais difícil quanto mais próximo estiverem da Sombra. Acompanham Frodo os outros três hobbits, Aragorn e Boromir (filho primogénito do Regente de Gondor), Legolas (o elfo que representará a sua raça na última luta contra o Senhor dos Anéis) e o Anão Gimli. O guia da Irmandade é Gandalf que, como representante dos deuses, tem por missão servir todas as raças, sem contudo pertencer a qualquer delas.

A partida está marcada para o dia 26 de Dezembro. Assim como definimos a saída do Shire como estando colocada sob o simbolismo geral da noite, podemos considerar agora que a partida da Irmandade está colocada sob o simbolismo geral da solstício de Inverno, o qual anuncia o « renascimento » do domínio da Luz. De facto, este período do movimento solar » dá início à fase ascendente do ciclo anual »⁷⁴. A caminhada da Irmandade até ao domínio das sombras prolonga-se até ao dia 25 de Março, isto é, até pouco depois do equinócio de Março,

⁷³ *The Lord of the Rings*, vol. 3, p. 422.

⁷⁴ *Dictionnaire des Symboles*, p. 896.

pelo que todo o percurso é acompanhado pelo domínio crescente da Luz sobre as Trevas, para culminar com o equilíbrio anunciado pelo novo ciclo solar.

O simbolismo dos períodos anuais reforça, assim, a ideia central da trilogia de que esta viagem é a da consciência que procura a transformação num estágio superior de perfeição. A dupla quaternidade que caracteriza a Irmandade do Anel Soberano enfrenta vários perigos pois todos eles viajam pelo inconsciente colectivo. O primeiro grande confronto surge em Moria para onde o grupo é, de certo modo, conduzido. Não nos devemos esquecer que cada personagem mantém um percurso individual a cumprir que, ao ser unido aos outros, permite a criação de um sentido colectivo. Cada um tem uma missão que o leva a participar nesta viagem. Não é por isso estranho que Gandalf, o guia, tenha também um percurso a seguir e uma prova a vencer. Essa tem lugar em Moria.

« There is a way that we may attempt, » said Gandalf, « I thought from the beginning, when first I considered this journey, that we should try it. But it is not a pleasant way, and I have not spoken of it to the Company before. Aragorn was against it, until the pass over the mountains had at least been tried. »⁷⁵

Apenas Aragorn tem consciência que o perigo aguarda Gandalf nas cavernas de Moria. Mais do que pela própria Irmandade, é por Gandalf que ele receia a descida ao interior da montanha.

« But the question is: Who will follow me, if I lead you there ? » [asked Gandalf] (...) « I will, » said Aragorn heavily (...) « I will follow your lead now — if this last warning does not move you. It is not of the ring, nor of us others that I am thinking now, but of you Gandalf. And I say to you: if you pass the doors of Moria, beware! »⁷⁶

Como futuro rei, Aragorn revela já neste momento uma das qualidades que são atribuídas a esse símbolo de Eu-Universal: a capacidade de prever o futuro. Gandalf é possuidor dessa mesma capacidade, mas a prova que lhe está reservada não pode ser evitada

⁷⁵ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 385.

⁷⁶ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 387.

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

sem comprometer a sua missão. Como portador do Anel do Fogo Gandalf está no limiar da sua evolução.

Antes de entrarem em Moria, o país por excelência dos Anões, a Irmandade tem de transpor os portões que, na Segunda Era, permitiram o acesso dos artífices Elfos às riquezas que os Anões extraíam das profundezas da montanha. No final da Terceira Era, porém, essa passagem encontrava-se encerrada. Esta situação simboliza não só o afastamento progressivo dos destinos, em princípio coexistentes dos povos da Terra Média, mas explica também, a um nível mais profundo, esse afastamento precisamente pelo facto de a matriz inconsciente se ter tornado inacessível. As portas do inconsciente estavam fechadas ao inimigo, a consciência unilateral e dominadora. É **afirmando a vontade de conhecer** esses domínios insondáveis que o acesso é permitido.

« Say "Friend" and enter. »⁷⁷

Moria compartilha do simbolismo da montanha, da caverna e do labirinto. A função deste último, como é afirmado no *Dictionnaire des Symboles*, é a de:

permitir, por um lado, o acesso ao *centro* através de uma *viagem* iniciática, e proibir esse mesmo acesso aos não habilitados. (...) Trata-se, portanto, de uma figuração de provas iniciáticas discriminatórias, anteriores ao encaminhamento para o *centro escondido*⁷⁸.

Vemos assim que a entrada em Moria é, de facto, uma descida ao inconsciente na qual Gandalf desempenha o papel de iniciado. Toda a Irmandade é afectada por esta « descida », mas é a Gandalf que cabe a dupla função de se orientar no labirinto, e de proteger os companheiros, desempenhando o papel de **consciência guia**. Neste momento ele é o iniciado que viaja para o centro, levando consigo, simbolicamente, a consciência colectiva da Terra Média, para cuja salvação ele tinha de enfrentar a morte e renascer.

O confronto com o Balrog, iniciado no cimo da ponte que ligava a caverna (domínio do inconsciente) ao exterior (domínio da luz) é,

⁷⁷ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 401.

⁷⁸ *Dictionnaire des Symboles*, p. 554. Em itálico no original.

no fundo, a luta final do ego com as criações da Sombra, antes de ascender a um grau superior de consciência. O Balrog, cujo nome significa « ser da sombra », era um Maiar que, ao contrário de Gandalf, se colocara do lado da Sombra Suprema da Criação — Melkor. Neste combate Gandalf enfrenta, portanto, o outro lado da sua própria realidade como ser, com poderes idênticos e objectivos também semelhantes: conquistar o opositor.

Sobre esta passagem da trilogia Timothy O'Neill observa que ela simboliza precisamente uma queda no inconsciente. Diz ele:

[Gandalf e Balrog] caem juntos no mais profundo abismo da terra, reflectindo a descida ao inconsciente, ao lago negro, longe da vista e do som: no lago da sabedoria interior, nas mais longínquas regiões do inconsciente⁷⁹.

Podemos dizer que nenhum outro elemento da Irmandade vai tão longe na sua viagem quanto Gandalf. Embora alguns enfrentem posteriormente o seu próprio « combate singular » nenhum atinge as dimensões do que teve lugar em Moria. Enquanto a Irmandade regressa atônita e amedrontada ao reino da luz, o combate iniciado na ponte sobre o abismo prolonga-se por dez dias e dez noites, até à derrota da Sombra. Na descrição que Tolkien faz deste confronto podemos ver reflectidas, de uma forma muito clara, as concepções jungianas do percurso da individuação.

« Long time I fell (...), and he fell with me. His fire was about me. I was burned. Then *we plunged into the deep water and all was dark.* (...) Yet [*the abyss*] has a botton, behind light and knowledge. (...) Thither I came at last, to the uttermost foundations of Stone. (...) We fought far under the living earth *where time is not counted.* (...) Far, far below the deepest delving of the Dwarves, *the world is grawed by nameless things.* Even Sauron know them not. They are older than he. (...) In my despair my enemy was my only hope, and I pursed him, clutching at his heel. Thus he brought me back at last to *the secret ways of Khaza-dûm.* (...) Ever up now we went, until we came to the Endless Stair. (...) *From the lowest dungeon to the highest peak it climbed, ascending in an unbroken spiral in many thousand steps, until issued at last in Durin's Tower, carved in the living rock of Zirak-zigil, the pinnacle of the Silvertine*⁸⁰.

⁷⁹ *The Individuated Hobbit*, p. 100.

⁸⁰ *The Lord of the Rings*, vol. 2, pp. 128-129. Sublinhado meu.

Imagem retirada para proteção dos direitos de autor

FIGURA 11: AS ESCADAS DE MORIA

É no cume da montanha, no ponto que une o Céu e a Terra, e depois da ascensão da escadaria espiralada na qual a Luz e as Trevas se alternam, que Gandalf derrota finalmente o Balrog, iniciando a última etapa da sua individuação.

« Then darkness took me, and I stayed out of thought and time, and I wandered far on roads that I will no tell.

Naked I was sent back — for a brief time until my task is done. And naked I lay upon the mountain-top. (...) Faint to my ears came the gathered rumour of all lands: the springing and the dying, the song and the weeping, and the slow everlasting groan of overburned stone. »⁸¹

Os sons que chegam até Gandalf são os sons da vida, os opostos sucedendo-se numa dialéctica perpétua, inquebrável. Depois da sua morte iniciática Gandalf atinge um grau superior de consciência que lhe permite compreender a vida em toda a sua plenitude. Era isto que ele buscava nas salas labirínticas de Moria. Por esta evolução estar

⁸¹ *The Lord of the Rings*, vol. 2, p. 129.

prevista no seu destino é que o Elfo Cirdan lhe entregara o Anel do Fogo. O verdadeiro sábio não era aquele que trajava de branco no momento do desembarque nos Grey Havens, mas o que ocupava uma posição subalterna, e que tinha como cor o cinzento. Enquanto Saruman sucumbiu ao fascínio da Sombra, caindo num estado de dissociação, simbolizado pelas suas vestes multicolor, Gandalf vence essa mesma luta e integra os conteúdos positivos e negativos inerentes à *psyche* humana. Por isso o branco será a cor que lhe ficará associada deste a saída do paraíso élfico que é Lórien, até ao regresso às Terras Imperecíveis.

Enquanto Gandalf enfrenta a sua prova, a Irmandade dirige-se para o exterior da montanha. Aragorn assume então o papel de guia mas, tal como tinha sucedido no percurso entre Bree e Rivendell, a função do futuro rei é a de conduzir os companheiros por um caminho que já conhecia, obedecendo simultaneamente ao plano de viagem traçado por Gandalf. O destino é agora Lórien (ou Lothlórien), o domínio de Galadriel.

Enquanto Rivendell era considerado o « santuário da sabedoria » onde a alma procurava o alimento espiritual de que carecia. Lórien era o paraíso reencontrado. A descrição que Tolkien faz deste lugar permite-nos definir o domínio de Galadriel como um éden. Segundo o Génesis:

Plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado do oriente, e aí colocou o homem que ele formara.

E fez germinar do solo toda a espécie de árvores agradáveis à vista e saborosas do paladar, entre as quais a árvore da vida, no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. Para irrigar o jardim brotava do Éden um rio, que em seguida se dividia em quatro braços ⁸².

Tendo em conta a região habitada da Terra Média cuja história é o tema da obra de Tolkien ⁸³, podemos considerar Lórien como o domínio mais oriental dos Elfos. Esse lugar edénico é, tal como o Paraíso, atravessado por um rio, Silverlode, um dos principais afluentes do Anduin. Nesse jardim eterno, onde a morte não tem lugar,

⁸² *Bíblia Sagrada*, Génesis 2, 8-10.

⁸³ Os acontecimentos narrados por Tolkien referem-se apenas à zona ocidental da Terra Média, sendo omitida a história das regiões orientais.

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

predominam os tons dourado e prateado das árvores alimentadas pelas águas calmas do Silverlode, fonte de vida e sabedoria. Tal como sucede no paraíso descrito no Génesis, também Lórien é um centro andrógino que reproduz a beleza do inacessível Valinor, sempre presente no espírito dos Noldor.

Na descrição que Tolkien faz deste domínio élfico, o equilíbrio dos opostos é de facto o elemento predominante, que não pode passar despercebido aos viajantes que nele entram.

It seemed to [Frodo] that he had stepped through a high window that looked on a vanished world. A light was upon it for which his language had no name. All that he saw was shapely, but *the shapes seemed at once clear out, as if they had been first conceived and drawn at the uncovering of his eyes, and ancient as if they had endured forever. He saw no colour but those he knew, gold and white, and blue and green, but they were fresh and poignant, as if he had at that moment first perceived them* and made for them names new and wonderful. In winter here no heart could mourn for summer or for spring. *No blemish or sickness or deformity would be seen in anything that grew upon the earth. On the land of Lórien there was no stain*⁸⁴.

O paraíso, tal como é descrito na maioria dos textos místicos, é um lugar idílico, liberto da cadeia temporal à qual toda a vida terrena está sujeita. Lórien compartilha também esta característica edénica, pois aí o tempo parece não existir.

Frodo felt that he was in *a timeless land that did not fade or change or fall into forgetfulness*. When he had gone and passed again into the outer world, still Frodo the wanderer from the Shire would walk there, upon the grass among *elanor* and *niphredil* in fair Lothlórien⁸⁵.

Este éden, concebido à semelhança de Valinor, é a obra de um ser andrógino — a dama Galadriel. Lórien foi criado pelo seu poder e mantido graças ao Anel da Água, de que era a Portadora. Enquanto Galadriel permanecer na Terra Média Lórien perdurará mas sem ela,

⁸⁴ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 455. Sublinhado meu.

⁸⁵ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 455. Sublinhado meu. « *elanor* » e « *niphredil* » surgem em itálico no original.



FIGURA 13: ANDRÓGINO COROADO

sem o poder que o criou e mantém, a sua beleza diluir-se-á. Esse é, afinal, o destino que este paraíso compartilha com os restantes domínios élficos.

Sendo a androginia a característica dominante deste lugar, é inevitável que o trono de Lórien seja ocupado pela figura do andrógino coroadado, de que Galadriel e Celeborn são, afinal, o símbolo.

On two chairs beneath the bole of the tree and canopied by a living bough there sat, side by side, Celeborn and Galadriel. (...) Very tall they were, and *the Lady no less tall than the Lord*; and they were grave and beautiful. *They were clad wholly in white; and the hair of the Lady was of deep gold, and the hair of the Lord Celeborn was of silver long and bright*; but no sign of age was upon them, unless it were in the depths of their eyes; for these were keen as lances in the starlight, and yet profound, the wells of deep memory ⁸⁶.

Embora a actuação deste par real se caracterize pela complementaridade, é Galadriel que, sem dúvida, desempenha um papel mais activo na luta contra a Sombra. É ela a detentora do conhecimento, a « dama do espelho de água » no qual observa os movimentos e designios quer da Sombra quer das forças da Luz.

A Irmandade entra em Lórien depois de ter atravessado o labirinto de Moria. A sua estadia neste domínio élfico surge, assim, como uma recompensa oferecida aos viajantes que, tendo sobrevivido ao primeiro grande confronto com a Sombra desde a partida de Rivendell, se preparam agora para alcançar Mordor. Galadriel conhece a missão que une os seus destinos e, por isso, para além de contribuir para a sua recuperação física e anímica, tenta dar a cada um a ajuda específica de que carece. Dos oito membros da Irmandade, Frodo e Sam são os que recebem mais atenções e os únicos convidados a observar o « Espelho de Galadriel » que, uma vez cheio com **água da fonte**, permitia a observação de imagens fugazes distantes no espaço e/ou no tempo ⁸⁷.

O simbolismo geral da fonte está normalmente associado ao do jardim do Éden. Nesse contexto é designada como « fonte de vida, de

⁸⁶ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 460. Sublinhado meu.

⁸⁷ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 469.

imortalidade, de juventude ou ainda de ensinamento »⁸⁸. A fonte de onde brota a água para o Espelho de Galadriel é, em termos simbólicos, a **fonte do ensinamento** que orienta quem o contempla. O próprio Espelho é descrito como uma bacia de prata, símbolo feminino, colocada sobre um pedestal em forma de árvores, símbolo masculino⁸⁹. Esta união de opostos reforça precisamente o significado profundo das imagens que se sucedem no Espelho, reflexos da voz conjunta do inconsciente e da consciência.

« Many things I can command the Mirror to reveal, (...) and to some I can show what they desire to see. But the Mirror will also show things unbidden and those are often stranger and more profitable than things we wish to behold. What you will see, if you leave the Mirror free to work, I cannot tell. For it shows things that were, and things that are, the things that yet may be. »⁹⁰

No Espelho, Frodo observa uma sucessão de acontecimentos que parecem não produzir em si grande perturbação, até que surge uma imagem do presente — a visão da Sombra que procura o Anel Soberano e o seu Portador. Sem ter ainda vencido o combate com Sauron, o significado de certas imagens que o Espelho reflecte (como a visão do mar) não pode ser totalmente captado por Frodo, uma vez que pertencem ao futuro que se esconde ainda por detrás do presente. A sua observação tem, porém, como consequência o fortalecer da decisão dos dois hobbits de prosseguirem a sua busca.

Na véspera da partida, Galadriel ofereceu a cada viajante um objecto que o iria ajudar a superar as dificuldades do percurso: Aragorn recebeu uma bainha para a Andúril, com o poder de a tornar inquebrável; Boromir, um cinto de ouro e os dois hobbits mais novos, cintos de prata; a Legolas foi oferecido um arco e flechas, feitos pelos Elfos de Lórien, e a Gimli, uma madeixa do longo cabelo dourado de Galadriel. Sam, o jardineiro, recebeu um pequeno cofre com sementes, que constituiriam a sua recompensa quando regressasse ao Shire. Para o Portador do Anel, a dama de Lórien preparou um pequeno frasco que continha água da « fonte do ensinamento », onde brilhava

⁸⁸ *Dictionnaire des Symboles*, p. 453.

⁸⁹ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 469.

⁹⁰ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 469.

a luz de Eärendil. Este vaso de vidro (símbolo feminino) contém, como salienta Timothy O'Neill⁹¹, a luz da consciência, aquela que poderá salvar Frodo na luta contra a Sombra. É esse, no fundo, o objectivo de Galadriel.

« In this phial (...) is caught the light of Eärendil's Star, set amid the waters of my fountain. It will shine still brighter when night is about you. May it be a light to you in dark places, when all other lights go out. Remember Galadriel and her Mirror! »⁹²

Chegado o momento da partida, os viajantes deixam Lórien descendo o rio Anduin em quatro canoas. A separação da Irmandade aproxima-se, porém, à medida que o tempo decorre e Minas Tirith surge no horizonte. Aragorn hesita entre seguir o seu percurso individual, que o deve conduzir àquela cidade, e acompanhar Frodo. A decisão pertence, porém, ao Hobbit, que vem a tomá-la em Amon Hen. No cimo desse monte, os reis de Gondor tinham construído um trono assente sobre quatro pilares, de onde se avistavam as Misty Mountains, Isengard, o delta do rio Anduin e ainda Mordor⁹³. Frodo chega a este lugar usando o Anel Soberano, que colocara para fugir ao ataque de Boromir o qual, desconhecendo o significado profundo deste símbolo do Eu-Universal, pretendia forçá-lo a seguir para Minas Tirith, a fim de, com o poder do Anel, salvar a cidade do ataque de Sauron. Do cimo do monte, e ainda com o Anel no dedo, Frodo observa cenas de guerra e destruição. Perdido na contemplação de Barad-dûr, quase sucumbe então ao ataque da Sombra. O texto de Tolkien mostra claramente, nesta passagem, que a luta do hobbit é, na realidade, **uma luta interior**.

He heard himself crying out: *Never, never!* Or was it: *Verily I come, I come to you?* He could not tell. Then as a flash from some other point of power there came to his mind another thought: *Take it off! Take it off! Fool, take it off! Take off the Ring!*

The two powers strove in him. For a moment, perfectly balanced between their piercing points, he writhed, tormented. Suddenly he was aware of himself again. *Frodo neither the Voice nor the Eye*: free to choose and with one remaining instant in which to do so. He took the Ring off his finger⁹⁴.

⁹¹ *The Individuated Hobbit*, p. 132.

⁹² *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 489.

⁹³ *The Lord of the Rings*, vol. 1, pp. 520-521.

⁹⁴ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 521. Sublinhado meu.

Depois deste confronto com a Sombra, Frodo decide abandonar a Irmandade e dirigir-se sozinho para Mordor. Sam, porém, acompanha-o, provando mais uma vez a sua fidelidade ao companheiro e seguindo também « a voz interior » que, no Shire, lhe apontara Mordor como destino.

Enquanto os dois hobbits descem o rio numa das canoas, um ataque dos Orcs impede que os restantes elementos sigam o Portador do Anel. Boromir tem então a possibilidade de se redimir da falta cometida em Amon Hen, morrendo heroicamente durante o combate. Pippin e Merry são raptados e levados para Isengard. Depois do enterro do companheiro, Aragorn, Legolas e Gimli seguem os trilhos deixados pelos raptadores, na tentativa de salvar os pequenos hobbits.

Com o desmembrar da Irmandade, impõe-se o percurso individual. O objectivo comum, porém, continuava presente na mente de todos.

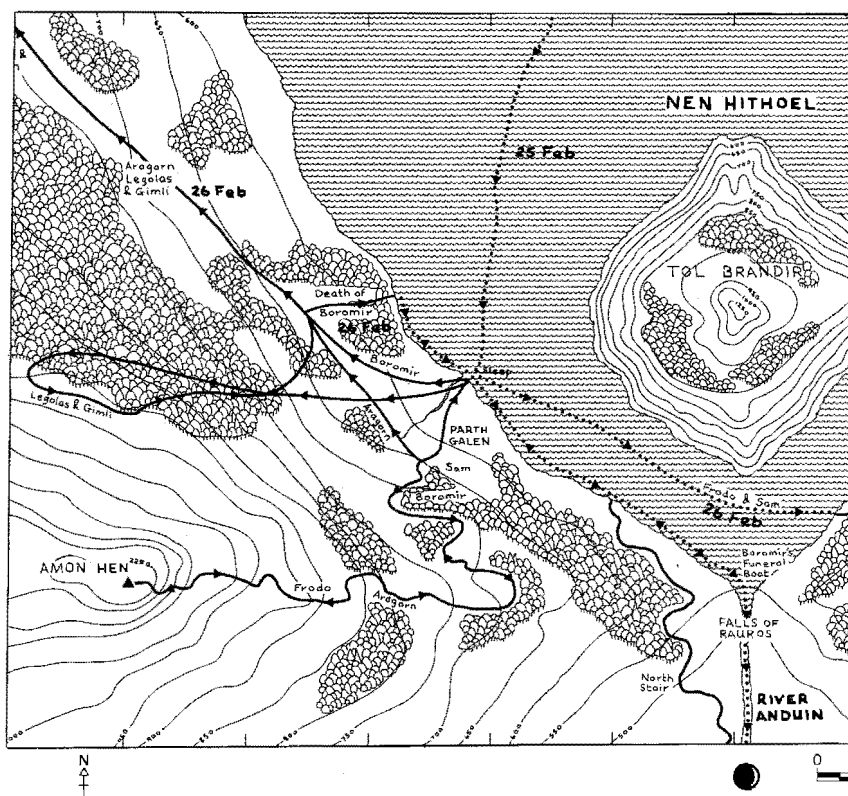


FIGURA 14: A SEPARAÇÃO DA IRMANDADE

2.4. A LUZ (RE)NASCE DAS TREVAS

2.4.1. A VITÓRIA DO REI

Com a separação da Irmandade, Tolkien prova mais uma vez a sua mestria como « contador de histórias ». Ao longo de trinta e quatro capítulos consegue narrar os três percursos que têm início no sopé de Amon Hen sem que o leitor perca o fio cronológico que os une numa teia. O reaparecimento de Gandalf, a iniciação de rei de Gondor e o percurso de Frodo e Sam através de Mordor tornam-se nos grandes pólos aglutinadores.

Depois da sua prova em Moria, Gandalf é recolhido por uma águia que o transporta até Lórien. Aí, Galadriel recebe o velho sábio e veste-o de branco, reconhecendo, com este acto, a verdadeira identidade do Istari. A partir deste momento, Gandalf torna-se no superior hierárquico da ordem dos feiticeiros, substituindo Saruman. Como Portador do Anel do Fogo, tem por missão curar e encorajar aqueles que enfrentavam Sauron. Depois de recuperar as suas forças, o Feiticeiro dirige-se para a floresta Fangorn, onde se reúne a Aragorn, Legolas e Gimli.

É este reaparecimento de Gandalf que permite, em última análise, a individuação de Aragorn. De facto, depois de participar na luta contra os Orcs que atacaram Rohan, Gandalf parte para Gondor a fim de preparar Minas Tirith para a guerra contra as forças de Sauron, permitindo assim que Aragorn siga o seu destino.

Segundo a tradição da Terra Média, o futuro rei tinha de percorrer o labirinto sob a Montanha Dwimorberg e dominar os espíritos dos cavaleiros Dunharrow, condenados por Isildur a aí permanecerem para sempre, por faltarem à promessa de lutar a seu lado. Para que a Maldição fosse retirada, o futuro rei de Arnor e Gondor tinha de atravessar o domínio dos mortos e chamá-los a cumprir o seu voto, para que pudessem então descansar em paz ⁹⁵.

Para que a tradição fosse cumprida, Aragorn teve de abandonar o percurso mais fácil, que o levaria até Gondor, na companhia dos Cavaleiros de Rohan. Mas o processo de individuação é, muitas vezes,

⁹⁵ *The Lord of the Rings*, vol. 3, pp. 64-70.

Imagem retirada para proteção dos
direitos de autor

doloroso. Quem o inicia tem de estar preparado para enfrentar a própria morte pois só vencendo-a se obtém uma nova vida, isto é, se alcança um estado superior de consciência. Depois de entrar na montanha, Aragorn assume, pela primeira vez, o comportamento de um verdadeiro guia e os cavaleiros que com ele percorrem o labirinto subterrâneo são dominados pela sua coragem e determinação, evidenciadas de um modo muito claro no desafio que lança aos espíritos.

« For that is not errand! » he cried, turning back and speaking to the whispering darkness behind. « Keep your hands and your secrets hidden in the Accursed Years! Speed only we ask. Let us pass and then come! I summon you to the Stone of Erech! »⁹⁶.

Quando Aragorn sai do labirinto com os seus cavaleiros, o exército dos espíritos segue-o. Neste momento Aragorn é o **Rei** que, junto à pedra negra e perfeitamente esférica de Erech, símbolo do Eu-Universal⁹⁷, assume o seu verdadeiro nome, Elessar, e os seus deveres de soberano.

... Aragorn dismounted, and standing by the Stone he cried in a great voice:

« Oathbreakers, why have ye come? »

And a voice was heard out of the night that answered him, as if from far away:

« To fulfil our oath and have peace. »

Then Aragorn said: « The hour is come at last. Now I go to Pelargir upon Anduin, and ye shall come after me. And when all this land is cleaned of the servants of Sauron, I will hold the oath fulfilled, and ye shall have peace and depart forever. For I am Elessar, Isildur's heir of Gondor. »⁹⁹

Desde o momento em que, junto à pedra de Erech, dominou o exército dos espíritos, o percurso de Aragorn é o do rei que regressa vitorioso. O combate com as Trevas (o inconsciente) foi vencido e os opostos estão agora sob o seu domínio. O poder que Aragorn evidencia a partir deste momento tem precisamente origem no equilíbrio interior que, como ser individuado, agora possui. Por isso a sua intervenção na batalha que se desenrola às portas de Minas Tirith é decisiva, possibilitando a derrota do poderoso exército de Sauron.

⁹⁶ *The Lord of the Rings*, vol. 3, p. 67.

⁹⁷ *The Individuated Hobbit*, p. 141.

⁹⁸ *The Lord of the Rings*, vol. 3, p. 69.

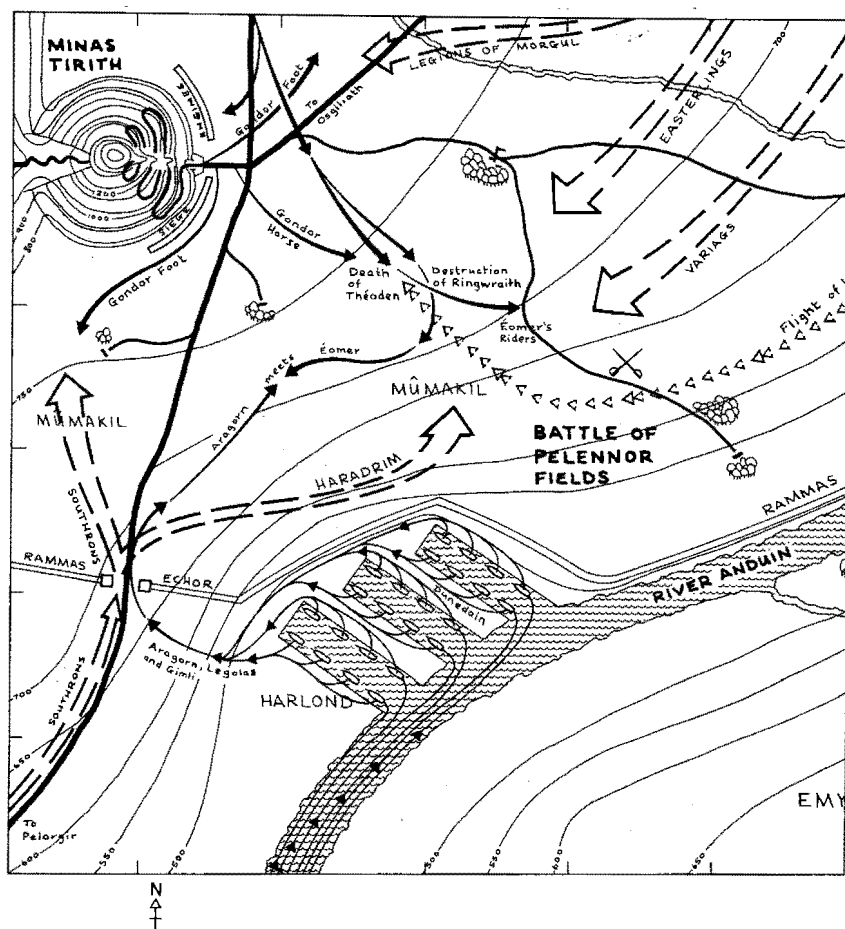


FIGURA 16: A BATALHA DE PELENNOR

Mas como afirmámos atrás⁹⁹, o rei não tem apenas uma função militar, sendo também o garante da estabilidade e prosperidade do reino. Para tal, tem de provar ao povo que é capaz de o proteger e de, simultaneamente, curar as « chagas » que destroem a sua felicidade e bem-estar.

⁹⁹ Ver 96.

É precisamente esta a ideia subjacente às palavras proferidas por Ioreth, uma mulher de Gondor:

Thus spake (*sic*) Ioreth, wise woman of Gondor:
The hands of the King are the hands of a healer, and so shall
the rightful king be known¹⁰⁰.

A prova imposta a Aragorn pelo povo de Gondor é cumprida, de tal forma que os seus poderes, que meses antes tinham sido insuficientes para curar Frodo, são agora capazes de sarar todas as feridas, mesmo as infligidas pelo Senhor dos Nazgûl.

O percurso de Aragorn está praticamente concluído e, com ele, a sua contribuição para a salvação da Terra Média. A partir deste momento, o futuro depende exclusivamente de Frodo e é com esta convicção que Aragorn e Gandalf conduzem as suas tropas até às portas de Mordor, numa tentativa para afastar a atenção de Sauron do que se preparava no seu próprio domínio.

2.4.2. A DERROTA DE FRODO

Enquanto o percurso de Aragorn decorre, Frodo e Sam dirigem-se para Mordor seguidos por Gollum, que parece assim confirmar as palavras de Gandalf proferidas no início da viagem:

« I have not much hope that Gollum can be cured before he dies, but there is a chance of it. And he is bound up with the fate of the Ring. My heart tells me that he has some part to play yet, for good or, ill, before the end...¹⁰¹.

À medida que se aproxima de Mordor, a determinação que Frodo tinha evidenciado ao abandonar a Irmandade começa a diminuir. A pouco e pouco, as ligações com o passado perderam-se e o hobbit caminha vergado sob o peso da responsabilidade que a sua missão comporta e que não pode partilhar. A fraqueza do Portador do Anel contrasta com a força interior de Sam que constantemente o anima, incentiva e tenta trazer à vida. Ao esquecimento Sam opõe a

¹⁰⁰ *The Lord of the Rings*, vol. 3, p. 164.

¹⁰¹ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 89.

lembrança, à fraqueza física e psíquica a força. Assim, os acessos de desespero de Frodo são sucessivamente superados com o recurso a vagas recordações ou pormenores sugeridos quer por Sam quer pela própria paisagem. Um exemplo desta situação é a visão da estátua mutilada do Rei, no cruzamento das quatro estradas.

Suddenly, caught by the level beams, Frodo saw the old king's head: it was rolled away by the roadside. « Look, Sam! » he cried, startled into speech. « Look! The king has got a crown again! »

The eyes were hollow and the cavern beard was broken, but about the high stern forehead there was a coronal of silver and gold ¹⁰².

A nível simbólico, o cruzamento pode ser o lugar perigoso onde se preparam emboscadas ou onde se enfrentam as forças infernais. Quando tal sucede, estamos perante um símbolo que actua de acordo com a sua natureza negativa. Porém, todo o símbolo é ambivalente e, assim como o cruzamento pode conduzir à perdição, pode também ser um convite dirigido à personagem para ir mais além, para continuar o seu percurso. Neste momento, Frodo já não é o herói que hesita quanto ao caminho a seguir pois sabe exactamente qual a estrada que o levará a Mordor. As dúvidas que o assaltam centram-se na sua própria capacidade de cumprir a missão. Por isso, o cruzamento das quatro estradas constitui um incentivo e não um perigo. Esta ideia é reforçada pela configuração particular que aquele lugar apresenta. De acordo com a descrição que o autor nos oferece, o cruzamento encontra-se cercado por árvores e o centro é ocupado pela estátua do rei. A forma geométrica deste lugar corresponde assim a uma cruz centrada, rodeada por um círculo. Estes três símbolos (o círculo, a cruz e o centro) estão normalmente associados ao arquétipo do Eu-Universal, constituindo-se como veículos preferenciais da sua manifestação. A sequência simbólica torna-se pois numa mensagem que a Natureza pretende transmitir ao herói. É como se aquela paisagem, semi-destruída pelas forças de Mordor, afirmasse a sua vontade de participar na viagem para assim reconquistar a liberdade/vida que as Trevas obrigam à latência.

Frodo e Sam chegam ao cruzamento das quatro estradas no dia 10 de Março, ou seja, um dia depois de Aragorn ter atravessado o

¹⁰² *The Lord of the Rings*, vol. 2, p. 390.

Caminho dos Mortos. O efeito que a visão daquele lugar e, mais concretamente, da estátua provoca em Frodo não pode ser outro senão o de fortalecer a sua debilitada determinação de prosseguir a viagem. A mensagem está de tal modo reforçada, que não pode ser ignorada.

Durante todo o percurso desde a entrada em Moria até ao vulcão Orodruin Frodo é seguido pela sua sombra: Gollum. Lembrando os palavras de Gandalf meses antes no Shire, Frodo, após capturar Sméagol poupa-lhe a vida e fá-lo jurar pelo Anel Soberano que o conduzirá até Mordor. A dupla personalidade de Sméagol não o impede de cumprir a sua promessa, tornando-se no guia dos dois hobbits.

Se observarmos atentamente estas três personagens que se dirigem para o Reino das Sombras, vemos que os seus destinos estão unidos pelo Anel Soberano, esse símbolo do objectivo último do herói — a realização do Eu-Universal.

Frodo está, nesta fase da sua viagem, entre três pólos possíveis de evolução: pode tornar-se num ser individuado como Sam, que realizou o seu Eu-Universal quando em Lórien se recusou a abandonar o seu amo para regressar ao Shire ¹⁰³; pode ainda tornar-se num outro Gollum, dominado pela Sombra, subjugado pelas forças negativas do inconsciente; ou pode mesmo falhar na sua missão, perdendo assim a possibilidade de se transformar e permanecendo basicamente o mesmo Frodo psicologicamente incompleto, emocionalmente inseguro mas profundamente marcado pelo erro.

Enquanto Sam auxilia o companheiro, Gollum cumpre a sua missão de Sombra de Frodo. Nos processos psicológicos, a Sombra evita geralmente o confronto directo com a consciência, preferindo criar dificuldades que conduzam à derrota e submissão do ego. Esta é a situação normalmente vivida durante os processos de individuação ¹⁰⁴. Por detrás da Sombra está muitas vezes o arquétipo da Anima, a personificação das tendências femininas do inconsciente, e o confronto com ela antecede geralmente o « combate final » do ego com as forças inconscientes. A Anima é, como salienta Timothy O'Neill, a grande organizadora dos conflitos ¹⁰⁵ e a sua não integração impede a individuação.

¹⁰³ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 471.

¹⁰⁴ *The Individuated Hobbit*, p. 39.

¹⁰⁵ *The Individuated Hobbit*, p. 133.

É precisamente até à Anima da Terra Média que Gollum conduz Frodo. Conforme salienta o mesmo autor ¹⁰⁶, Shelob, a aranha gigante, é a personificação dos aspectos exclusivamente negativos da Anima. Ela (a Anima) é usada por Sauron (a Sombra) para proteger Mordor (o inconsciente) dos Homens (o Ego). Para alcançar Orodruin, Frodo teria de vencer Shelob. O hobbit consegue escapar à sua primeira investida porque Sam lhe sugere o uso do frasco de Galadriel. A luz da consciência cega momentaneamente a criatura das Sombras, mas esta recupera rapidamente e consegue paralisá-lo com o seu veneno.

A salvação é de novo trazida por Sam que, empunhando a espada numa mão e o frasco de Galadriel na outra, mata Shelob usando a força que a aranha coloca no seu próprio ataque. Usando o Anel Soberano, Sam consegue depois libertar Frodo que, entretanto, tinha sido capturado pelos Orcs. Ambos se encaminham então para o vulcão.

O momento da destruição do Anel aproxima-se e nele apenas o Portador pode tomar parte. Frodo é o herói sobre quem recai a responsabilidade de se salvar, salvando a Terra Média. Porém, assim como tinha errado, primeiro em Weathertop e depois no combate com Shelob, perde agora a possibilidade de se transformar ao reclamar para si a posse do Anel Soberano. Este erro, o mais grave por ele cometido, surge quando todas as dificuldades pareciam ter sido superadas. A destruição do Anel era um dos poucos actos que Frodo tinha de executar sozinho, a finalidade última da sua longa viagem. Ao reclamar a posse do Anel o hobbit cede ao poder das Trevas, comprometendo o seu futuro e o da Terra Média.

Ironicamente, a solução é trazida pelo ser menos capacitado para actos sublimes: Sméagol. Este, que havia desaparecido após a entrada no covil de Shelob, cumpre então a profecia de Gandalf. Ao arrancar o Anel Soberano da mão de Frodo e na sua alegria bestial, Gollum cai com ele no interior do vulcão, provocando um holocausto confinado ao domínio das Trevas e possibilitando assim a salvação da Terra Média.

¹⁰⁶ *The Individuated Hobbit*, p. 134.

2.4.3. A INDIVIDUAÇÃO DA TERRA MÉDIA

É o fim apocalíptico do domínio da Sombra que permite que a Terra Média se transforme e inicie uma nova Era caracterizada pelo equilíbrio da *psyche* colectiva. O Anel Soberano formava, juntamente com os Três Anéis dos Elfos, uma quaternidade na qual o poder de uns dependia do poder dos outros. Com a destruição do Anel Soberano a quaternidade desfez-se e os Anéis dos Elfos perderam o seu poder, pois o equilíbrio de forças foi quebrado. Esta situação era simultaneamente desejada e temida pelos Elfos pois, se a destruição do Anel de Sauron era condição necessária para a sobrevivência da Terra Média e dos povos que nela habitavam, significava também que a sua época nesse território tinha chegado ao fim. É este o significado profundo das palavras de Elrond:

« ... maybe when the One is gone, the Three will fail, and many fair things will fade and be forgotten. That is my belief. »¹⁰⁷

A destruição do Anel Soberano teve consequências não só a nível macrocósmico mas também microcósmico. Frodo, que procurava a sua individuação no domínio das Sombras, perdeu definitivamente a oportunidade de se transformar, pois o seu oposto desapareceu nas profundezas do vulcão. Ao errar, o hobbit ficou condenado à imperfeição e comprometeu definitivamente a sua vida na Terra Média pois, enquanto esta evoluiu e se transformou, ele permaneceu preso à antiga ordem. Por isso o seu percurso até Mordor tornou-se numa viagem para a morte. É esse o significado das palavras trocadas entre Frodo e Sam, quando se dirigiam para as Grey Havens. Frodo preparava-se para partir para a sua última morada, cumprindo o destino que o sonho e o espelho de Galadriel lhe tinham anunciado meses antes. O « mar » que ele vira então era aquele que atravessaria,

¹⁰⁷ *The Lord of the Rings*, vol. 1, p. 352.

na companhia dos representantes do antigo mundo, para alcançar as Terras Imperecíveis.

« And I can't come. »

« No, Sam. *Not yet anyway*, not further than the Havens. Though you too were a Ring-bearer, if only for a little while. *Your time may come*. Do not be too sad. Sam. You cannot be always torn in two. You will have to be one and whole, for many years. » ¹⁰⁸

Enquanto os Portadores dos Anéis partiam para Valinor, na Terra Média o equilíbrio era restabelecido. Aragorn casou com Arwen. Com esta união encontramos de novo o tema do romance entre um Homem e uma Princesa Elfo que determinou, ao longo da história da Terra Média, os períodos de transformação. O símbolo do rei atinge, com esta união, o seu significado pleno que permite definir o par real como garante da estabilidade e prosperidade. Com a derrota da Sombra a *psyche* colectiva entrou numa nova fase, caracterizada pela realização do Eu-Universal. Estavam também criadas todas as condições para que a Árvore Branca renascesse e com o seu reaparecimento, no início da Quarta Era, o significado profundo deste símbolo fica completo. Ela representa o equilíbrio entre o inconsciente (as raízes que penetram profundamente na Terra) e a consciência (os ramos que se estendem em direcção ao Céu). A Árvore Branca é também um símbolo de desenvolvimento e transcendência que une os Homens aos deuses, afirmando a sua ligação inalienável a Ilúvatar e ao seu plano criador.

¹⁰⁸ *The Lord of the Rings*, vol. 3, p. 376. Sublinhado meu.

IV

CONCLUSÃO

Ao longo da minha análise penso ter deixado uma ideia da complexidade que reveste o mundo fantástico criado por Tolkien. Nenhuma das suas obras pode ser lida ou analisada sem tomar em conta as outras. As ligações são múltiplas e a riqueza simbólica deste universo é enorme. Embora o tema de que me ocupei tivesse em conta a narrativa *The Lord of the Rings* tenho consciência de não ter explorado todos os aspectos que a própria obra sugere. Muitos foram deliberadamente « ignorados » por fugirem ao tema da viagem e transformação. Este sim, parece-me ser o que de facto organiza a trilogia onde Tolkien nos fala de uma viagem efectuada por heróis inesperados. A dupla finalidade da busca tem resultados opostos, pois enquanto que o objectivo colectivo é alcançado com a individuação da Terra Média e a partida dos Elfos, a nível individual o leitor fica « preso » à realidade da condição humana. Frodo está em cada um de nós, com a sua fraqueza e dúvidas, os seus erros e sucessos. Mesmo num mundo fantástico como o da Terra Média a « realidade » não é estranha à nossa visão do « Mundo Primário ».

Como afirmamos atrás, tudo isto se deve ao facto de toda a mitologia de Tolkien ter as suas raízes no inconsciente colectivo. Não creio que seja importante saber se este autor conhecia a psicologia analítica de Jung, nem apoiarmo-nos em qualquer corrente psicológica para analisar a personalidade de Tolkien. Tal tarefa é inútil e irrelevante para a análise literária. O verdadeiro texto literário sobrevive pelos seus próprios meios na leitura/re-criação que cada leitor faz. Sem dúvida que o profundo conhecimento das mitologias nórdicas e medievais contribuíram para fazer desdabrochar no espírito do autor um tipo de literatura específica. No entanto, o que encontramos na mitologia da Terra Média não é uma mera reprodução de temas « antigos e esquecidos », mas a criação de um universo no qual passado e presente se conjugam de forma viva, plena de significado.

De todas as obras de Tolkien a trilogia *The Lord of the Rings* parece ter sido a que mais atrai o público enquanto que *The Silma-*

rillion, a narrativa que o autor sempre ambicionou editar, não regista os mesmos índices de receptividade. Penso que tal se deve à maior « estranheza » que essa obra encerra, onde a falta de um herói individual é sentida a todo o momento. Neste aspecto a trilogia é mais rica pois está mais próxima do leitor, enquanto *The Silmarillion*, se dirige a um público mas restrito, aquele que sente necessidade de « investigar » mais do que « fruir » o texto literário.

É ainda importante salientar o papel relevante que Tolkien assumiu na evolução e divulgação da literatura fantástica. Este género literário surgiu na Europa Ocidental no século XVIII e foi principalmente desenvolvido pelas literaturas inglesa e alemã que encontraram, respectivamente, nas histórias de mistério e nas lendas os elementos necessários para o desenvolvimento de um género narrativo bem aceite pelo público, que parecia revelar aptência natural para uma literatura que requeresse o seu envolvimento emocional.

As narrativas fantásticas, que tiveram o seu apogeu no início do século XX, vivem, em grande parte, precisamente da participação emotiva do leitor que é confrontado com um espaço ficcional semelhante ao mundo real que habita mas onde o herói (também ele imagem do leitor) enfrenta fenómenos inexplicáveis que se lhe opõem de forma indómita. O espaço fantástico torna-se assim numa « variedade do espaço vivido » onde herói e leitor caminham inexoravelmente para o centro emanador de malefícios, mistérios e medos ¹. Deste modo, o leitor vê o seu mundo real e racionalmente cognoscível ser « abalado até aos alicerces » provocando-lhe o medo, a insegurança e a dúvida. Este é, afinal, o objectivo do fantástico. Para o alcançar, recorre a diversos motivos (não se limitando ao sobrenatural) que associa e desenvolve de uma forma sempre diferente, o que contribui para a riqueza temática e vitalidade que a literatura fantástica revela. Alguns dos motivos mais frequentes neste tipo de narrativas são, por exemplo, o do fantasma, do lobisomem, do vampiro, a dupla personalidade, as alterações das relações espaciais, temporais e causais, a animação de órgãos ou membros do corpo humano (como, por exemplo,

¹ Louis VAX, *La Séduction de l'Étrange*. Paris: Presses Universitaires de France, 1965, p. 196. Como introdução a este estudo de Louis Vax aconselha-se a leitura da obra *L'Art et la Littérature Fantastiques* (Paris: Presses Universitaires de France, 1963), do mesmo autor.

a « mão encantada »), o jogo do visível e do invisível e a regressão ². Esta enumeração não esgota, porém, todas as possibilidades temáticas — o único obstáculo que as narrativas fantásticas podem encontrar para o seu desenvolvimento consiste precisamente no limite da capacidade imaginativa.

Embora desde o século XVIII o fantástico horrendo tenha assumido uma preponderância que levou, em muitas ocasiões, à associação quase imediata entre « fantástico » e « terror », estes não são, na realidade, sinónimos. Se a emergência, no mundo real, de um vampiro ou de um lobisomem procura provocar no leitor um medo quase visceral, a perturbação da ordem causal ou temporal incute-lhe o medo do inexplicável pois, embora não provoque a repulsa normalmente associada à visão do horrendo, abala-lhe a crença no real e na sua cognoscibilidade. Delimitar o campo do fantástico revela-se uma tarefa extremamente difícil que resulta, fundamentalmente, do facto de este género literário dar primazia às sensações, em detrimento da racionalização. O leitor deve sentir a sua consciência tremer perante um *possível* que penetra e ultrapassa o mundo real que ele habita, tornando-se simultaneamente familiar e estranho.

A literatura fantástica inglesa tem-se revelado, desde o seu início, uma das mais férteis e inovadoras. Os romances góticos de Mrs. Radcliffe podem ser considerados como o embrião deste género que, nascendo de um conflito entre real e sobrenatural racionalmente explicável, começou progressivamente a emancipar-se do domínio da razão. Robert Louis Stevenson, Rudyard Kipling, Algernon Blackwood e Howard Phillips Lovecraft foram alguns dos escritores ingleses que, entre os séculos XIX e XX, criaram narrativas fantásticas que exploram não só as sensações de angústia e medo, mas confrontam também os seus leitores com o horrendo e o macabro.

Quando, em 1954, Tolkien publicou *The Lord of the Rings*, a literatura fantástica estava sob a influência de obras em que o medo

² Esta enumeração de motivos fantásticos é baseada na obra de Louis VAX, *L'Art et la Littérature Fantastiques* (pp. 24-34). Para um estudo mais aprofundado da problemática dos temas e motivos fantásticos sugere-se a leitura de *La Séduction de l'Étrange* (pp. 53-88) e da obra de Tzvetan TODOROV, *Introduction à la Littérature Fantastique* (Paris: Éditions du Seuil, 1970, pp. 97-164), onde são dadas algumas indicações bibliográficas úteis.

não é superável e, de horror em horror, o leitor é levado às profundezas negras do indizível e do incompreensível. Tudo isto contribuiu para fortalecer a ideia de que « fantástico » e « terror » eram uma e a mesma coisa. Talvez fosse esta uma das razões que levaram os editores a reear os resultados da publicação desta obra de Tolkien pois, se era inegável que se tratava de uma narrativa fantástica, era contudo muito diferente daquilo a que o público estava habituado. Com *The Lord of the Rings* o espaço ficcional ganha dimensões macrocósmicas e o conflito entre o real e o fantástico não se confina a um único ponto — atinge antes toda a dimensão física da Terra.

O Shire, onde a acção se inicia, é no fundo o mundo real de Warwickshire que Tolkien conheceu na infância, com todas as suas estruturas sociais e económicas, enquanto que o « mundo exterior », com as suas florestas, rios e cidades, constitui a transposição, para a fantasia, do que o leitor observa no mundo que o rodeia. A identificação imediata entre o real e o ficcional está assim mais diluída do que na maioria das narrativas fantásticas e o que a razão pode sentir como estranho é atenuado pela descrição de objectos, cenas e lugares familiares.

Um outro aspecto, que podemos considerar inovador na fantasia de Tolkien, é o tempo da narrativa. O nosso mundo real foi colocado num tempo imaginário, não directamente relacionável com qualquer período da história da humanidade. Esta identificação é feita de uma forma indirecta pelas personagens. O leitor sente que o espaço-tempo em que decorre a acção, embora pareçam diferentes dos que conhece na realidade, constituem, de facto, uma imagem do seu mundo contemporâneo, com as mesmas leis, os mesmos fenómenos naturais e até com os mesmos seres. Os Hobbits, Homens, Elfos e Anões que povoam a Terra Média, revelam muitas das características que o leitor sente como comuns a toda a humanidade. Os Hobbits são os que mais claramente espelham o homem comum do século XX, orgulhoso da sua racionalidade, fechado no seu pequeno mundo rotineiro, seguro e irrefutavelmente real.

Ao conceber a Terra Média, Tolkien trouxe para a ficção fantástica elementos que, tendo a sua origem nas lendas e contos de fadas, ele trabalhou e adaptou de modo a que fossem sentidos como reais e próximos do leitor. Só deste modo o efeito próprio da fantasia podia ser conseguido, pois o objectivo supremo do elemento fantástico é « abanar os alicerces do real », nos quais assenta toda a nossa visão

do mundo. Ao dar ao espaço ficcional uma dimensão cósmica e às personagens uma perspectiva colectiva, Tolkien alargou de facto o campo do fantástico. Por isso, a sua obra inclui não um único motivo, mas uma cadeia sequencial, organizada em função de uma emotividade crescente. O leitor acompanha um herói (com o qual se identifica) numa viagem que o conduz ao « centro emanador de medos, mistérios e malefícios ». No seu percurso, enfrenta sucessivamente a « natureza animada de uma vontade hostil » (a Old Forest dominada pelo Velho Salgueiro e pelo Rio), a « mão encantada » (o Espírito do Dólmén), os « fantasmas mensageiros das Trevas » (os Nazgûl) e as « bestas humanas » (os Orcs e o Balrog). Vencidos estes combates com o fantástico negro, herói e leitor penetram na « floresta animada de uma vontade benévola », a qual sentem como liberta da cadeia temporal, partindo depois para o « centro negro » emanador de energia fantástica, onde encontram sucessivamente a aranha gigante e o fantasma supremo.

Em *The Lord of the Rings*, o confronto com o horrendo e o macabro está atenuado e o fantástico negro, embora achesse toda a obra, nunca atinge as dimensões quase insuportáveis que possui, por exemplo, nas narrativas de Lovecraft. Tolkien criou uma fantasia onde se interpenetram os motivos tradicionais da literatura fantástica e dos contos de fadas, que envolve o leitor num conflito individual e colectivo. Dirige-se a todos os que vivem numa época em que a morte e a destruição ameaçam todos os Homens e em que o destino é definido, mais do que nunca, em termos globais.

The Lord of the Rings constitui assim, dadas as suas características inovadoras, um marco dentro da literatura fantástica — abriu novos caminhos tanto ao nível da relação leitor/obra, como da expressão dos próprios motivos fantásticos tradicionais.

APÊNDICE A
A CRONOLOGIA DAS TRÊS ERAS

OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA TERRA MÉDIA ¹

PRIMEIRA ERA:²

- I — Criação do Mundo. Os deuses entram em Eä.
- II — Primeiro conflito entre Melkor e os Valar. Completada a ordenação de Arda.
- III — Criação das Duas Luzes. Início da primeira Primavera.
- IV — Melkor constrói Utumno.
- V — Melkor destrói as Duas Luzes. Fim da Primavera de Arda.
- VI — Os Valar criam as Montanhas Pelóri e estabelecem-se definitivamente em Aman, onde fundam Valinor.
- VII — Criação das Duas Árvores. Início da contagem do tempo.

¹ A cadeia temporal que une os acontecimentos descritos nas obras de Tolkien atingiu uma complexidade comparável à do fio narrativo que lhe está subjacente. Tendo consciência da importância que o « elemento tempo » assume na sua obra, bem como da necessidade de clarificar a ligação espaço-temporal dos episódios narrados, o autor incluiu em *The Lord of the Rings* uma tabela cronológica detalhada, referente às Segunda e Terceira Eras. Com base no estudo de *The Silmarillion*, *The Hobbit* e *The Lord of the Rings* e recorrendo também às cronologias apresentadas por Tolkien e por Robert Foster (*The Complete Guide to Middle-Earth*, pp. 436-441), elaborei este Apêndice com o objectivo de descrever sinteticamente a relação temporal entre os acontecimentos ficcionais a que faço referência nos pontos II e III.

² Como referi na p. 34, a contagem do tempo apenas se iniciou com o primeiro nascer do Sol. daí a utilização de numeração romana para a referência a episódios anteriores a esse acontecimento, aos quais apenas se pode associar uma relação de ordem sequencial.

- VIII — Criação de novas estrelas. Os Elfos surgem na Terra Média. Melkor cria os Orcs.
- IX — Oromë descobre os Elfos. Melkor é feito prisioneiro dos deuses. Os Elfos iniciam a travessia para Aman.
- X — Separação dos Elfos. Os Sindar permanecem em Beleriand, na Terra Média. Criação das Silmarilli por Fëanor.
- XI — Os Anões surgem em Beleriand.
- XI — Orcs e outras criaturas das Trevas surgem em Beleriand.
- XIII — Melkor é libertado pelos Valar e lança a discórdia entre Fëanor e os seus Irmãos. Melkor abandona Valinor.
- XIV — Destruição das Duas Ávores. Melkor rouba as Silmarilli.
- XV — Revolta dos Noldor. Massacre dos Teleri. Melkor invade Beleriand.
- XVI — Fëanor e os Noldor chegam à Terra Média. Morte de Fëanor. Início da criação da Lua e do Sol.
- XVII — A Lua é lançada no firmamento.

PRIMEIRO NASCER DO SOL

- Ano 1 — Fim do sono de Yvanna. Os Homens surgem na Terra Média.
- Ano 52 — Início da construção de Gondolin, a cidade secreta dos Elfos.
- Ano 60 — Início do cerco a Angband.
- Ano 104 — Conclusão da construção de Gondolin.
- Ano 455 — Fim do cerco a Angband.
- Ano 457 — Melkor conquista Tol Sirion, fortaleza élfica situada no rio Sirion. Os Easterlings entram em Beleriand.
- Ano 465 — Beren encontra Lúthien.
- Ano 466 — Beren inicia a busca da Silmaril.
- Ano 468 — Beren recupera a Silmaril. Morte de Beren, Lúthien, Huan e Carcharoth. Os deuses concedem a Beren e Lúthien uma nova vida.

- Ano 502 — Thingol entrega o colar Nauglamir aos Anões para nele colocarem a Silmaril.
- Ano 504 — Nascimento de Eärendil.
- Ano 505 — Thingol é assassinado pelos Anões. Beren recupera o colar onde a Silmaril foi encastuada.
- Ano 509 — Segunda morte de Beren e Lúthien. Elwing foge para Arvernien.
- Ano 511 — Queda de Gondolin. Eärendil foge para Arvernien. Gil-galad torna-se rei dos Noldor.
- Ano 543 — Eärendil casa com Elwing.
- Ano 600 — Grande Batalha: o exército dos Valar e dos Elfos derrota Melkor. Beleriand é submersa. Melkor é lançado no vácuo.

Fim da Primeira Era.

SEGUNDA ERA:

- Ano 1 — Fundação dos Grey Havens e de Lindon.
- Ano 32 — Os Homens (Edain) entram em Númenor.
- Ano 40 — Os Anões entram em Moria.
- Ano 442 — Morte de Elros, rei dos Numenóreans.
- Ano 500 — Sauron começa a actuar na Terra Média.
- Ano 600 — Os primeiros barcos dos Numenóreans navegam perto da costa.
- Ano 750 — Os Noldor fundam Eregion.
- Ano 1000 — Sauron, alarmado pelo poder crescente dos Numenóreans, transforma Mordor numa fortaleza e constrói Barad-dûr.
- Ano 1200 — Sauron tenta seduzir os Elfos (Eldar) mas Gil-galad recusa-se a negociar com ele. Porém, os artífices de Eregion são dominados. Os Numenóreans começam a estabelecer portos permanentes na Terra Média.
- Ano 1500 — Os artífices de Eregion, ensinados por Sauron, aperfeiçoam a sua arte. Início da criação dos Anéis do Poder.

- Ano 1590 — Os Três Anéis são completados.
- Ano 1600 — Sauron forja o Anel Soberano em Orodruin. Com o poder desta sua criação completa a construção de Barad-dûr. Celebrimbor apercebe-se dos desígnios de Sauron.
- Ano 1693 — Início da guerra entre Elfos e Sauron. Os Três Anéis são escondidos.
- Ano 1695 — As forças de Sauron invadem Eriador. Gil-galad envia Elrond em auxílio de Eregion.
- Ano 1697 — Eregion fica deserta. Morte de Celebrimbor. As portas de Moria são fechadas. Elrond recua com os Noldor sobreviventes e refugia-se em Rivendell.
- Ano 1699 — Sauron invade Eriador.
- Ano 1700 — Tar-Minastir (rei dos Numenóreans) envia uma grande armada para Lindon. Sauron é derrotado.
- Ano 1701 — Sauron é expulso de Eriador.
- Ano 1800 — Os Numenóreans começam a estabelecer domínios nas costas da Terra Média. Sauron alarga a sua influência para Leste. Início do descontentamento entre os Numenóreans.
- Ano 2251 — Tar-Atanamir toma o ceptro. Começa a rebelião e divisão entre os Numenóreans. Surgem os Nazgûl pela primeira vez.
- Ano 2350 — Construção da cidade de Pelargir a qual se torna no principal porto dos Numenóreans fiéis aos antigos valores.
- Ano 3175 — Guerra civil em Númenor.
- Ano 3255 — Ar-Pharazôn obtém o ceptro.
- Ano 3262 — Sauron é feito prisioneiro pelos Numenóreans.
- Ano 3262 — Sauron actua em Númenor seduzindo o rei e corrompendo os Numenóreans. A sua acção prolonga-se durante 48 anos.
- Ano 3310 — Ar-Pharazôn inicia a construção da Grande Armada.
- Ano 3319 — O rei dos Numenóreans tenta invadir Valinor. Os Fiéis, comandados por Elendil fogem para a Terra Média. Queda de Númenor. Segunda transformação física da superfície do Mundo.

- Ano 3320 — Fundação dos domínios dos Exilados (outra designação atribuída aos Fiéis): Arnor e Gondor. Distribuição dos palantíri. Sauron regressa a Mordor, porém, perdeu a capacidade de se transformar, sendo agora um espectro negro de que apenas se apercebem os olhos e uma forma difusa.
- Ano 3429 — Sauron ataca Gondor e toma Minas Ithil, queimando a Árvore Branca. Isildur foge e reúne-se a Elendil no norte. Anarion defende Minas Anor e Osgiliath.
- Ano 3430 — A última Aliança é formada. Nela participam Homens e Elfos.
- Ano 3431 — Gil-galad e Elendil dirigem-se para Rivendell para obterem o auxílio de Elrond.
- Ano 3434 — As hostes de Homens e Elfos atravessam as Misty Mountains. Batalha de Dargolad e primeira derrota de Sauron. Início do cerco a Barad-dûr.
- Ano 3440 — Morte de Anárion.
- Ano 3441 — Sauron derrotado no combate individual com Elendil e Gil-galad os quais, no entanto, morrem. Isildur apodera-se do Anel Soberano. Sauron desaparece e os Nazgûl regressam às trevas.

Fim da Segunda Era.

TERCEIRA ERA:

- Ano 2 — Isildur planta um rebento da Árvore Branca em Minas Arnor. Como novo chefe supremo dos Dúnedain entrega o reino de Gondor a Menedil. Isildur e os seus três filhos mais velhos morrem numa emboscada. O Anel Soberano perde-se.
- Ano 3 — Ohtar traz a espada de Elendil para Rivendell.
- Ano 10 — Valandil, filho mais novo de Isildur, torna-se rei de Arnor ao atingir a maioridade.
- Ano 109 — Elrond casa com Celebrian, filha de Celebron e Galadriel.
- Ano 130 — Nascimento dos filhos de Elrond: Elladan e Elrohir.

- Ano 241 — Nascimento de Arwen Undómiel.
- Ano 420 — Rei Ostober reconstrói Minas Arnor.
- Ano 490 — Primeira invasão dos Eästerlings (tribos de Homens primitivos que se opunham a Gondor, muitas vezes instigados por Sauron, outras atraídos pelas riquezas daquele domínio).
- Ano 500 — O primeiro ataque é repellido pelo rei de Gondor.
- Ano 861 — Morre o rei de Arnor, Eärendur, e o território é dividido pelos seus três filhos que formam os reinos de Cardolan, Rhudaur e Arnor.
- Ano 1050 — Gondor atinge o auge do seu poder territorial durante o reinado de Hyarmendacil (décimo quinto rei de Gondor). Forças estranhas entram no Greenwood, e a floresta passa a ser conhecida pelos Homens como Mirkwood. Dol Guldur é construída. A primeira raça de Hobbits, os Harfoots, entra em Eriador.
- Ano 1100 — Os Sábios (conselho formado pelos Istari) descobrem a existência de um poder destruidor em Dol Guldur. Pensam tratar-se de um renascimento dos Nazgûl.
- Ano 1150 — A segunda raça dos Hobbits, os Follohides, entram em Eriador. Os Stoors atravessam Red Horn Pass e dirigem-se para Angle ou Dunland.
- Ano 1300 — As forças da Sombra voltam a desenvolver-se. Aumenta o número de Orcs nas Misty Mountains. Reaparecem os Nazgûl e o seu Senhor dirige-se para Angmar (região ao norte de Arnor). Os Hobbits emigram para o Oeste e alguns estabelecem-se em Bree.
- Ano 1356 — Os Stoors regressam à Wilderland, sendo a única raça de Hobbits que não permanece na região ocidental da Terra Média.
- Ano 1409 — O Senhor dos Nazgûl, agora nomeado como o Rei Feitiço de Angmar (The Witch King of Angmar) invade Arnor. O rei Arvaleg é morto. A Torre de Amon Sûl é destruída. (Esta Torre tinha sido mandada construir por Elendil e depois da divisão de Arnor tornara-se o ponto de confluência das três fronteiras. Esta região e também

conhecida pelo nome de Weather Top, onde alguns anos mais tarde Frodo é ferido pelos Nazgûl).

- Ano 1432 — O rei Valacar, vigésimo rei de Gondor, morre. A ascensão ao trono de Eldacar, filho do rei, é contestada. Inicia-se a guerra civil em Gondor.
- Ano 1437 — Incêndio de Osgiliath e perda do Palantir. Eldacar foge para Rhovanion enquanto o seu filho é assassinado.
- Ano 1447 — Eldacar regressa e derrota Castamir que tinha usurpado o trono.
- Ano 1601 — Muitos Hobbits emigram para Bree. O rei Argaleb II concede-lhes um território perto do rio Baraduin.
- Ano 1630 — Alguns membros da raça Stoor, vindos de Dunland reúnem-se aos Hobbits no seu novo território.
- Ano 1636 — A Grande Epidemia devasta Gondor. Morte do rei Telemnar e dos seus filhos. A Árvore Branca morre em Minas Anor. A Epidemia espalha-se para norte e oeste, levando a desertificação a muitas zonas de Eriador. Os próprios Hobbits do Shire sofrem grandes perdas.
- Ano 1640 — O rei de Gondor muda a corte para Minas Anor. É plantado um novo rebento da Árvore Branca. Osgiliath, ao ser abandonada, começa a cair em ruína. Devido às baixas provocadas pela Epidemia as tropas de Gondor, que até então mantinham uma estreita vigilância sobre Mordor, diminuem o controlo sobre o território das Sombras, devido ao reduzido número de efectivos com que conta agora o exército dos Dúnedain.
- Ano 1856 — O império de Gondor entra definitivamente em declínio. Perda dos domínios orientais.
- Ano 1900 — Construção da Torre Branca em Minas Anor (também conhecida por Minas Tirith). Esta Torre tornou-se depois a residência real de Gondor, sendo aí guardado o Palantir.
- Ano 1940 — Gondor e Arnor retomam a comunicação e formam uma aliança.
- Ano 1974 — Fim do reino de Arnor. O Nazgûl de Angmar destrói Arthedain e toma a capital de Arnor, Fornost.

- Ano 1975 — Derrota do Nazgûl de Angmar que desaparece dos territórios do norte.
- Ano 1976 — Arnanarth toma o título de Chefe dos Dúnedain (Chieftain of the Dúnedain). Os símbolos reais de Arnor são dados a Elrond para guardar.
- Ano 1980 — O chefe dos Nazgûl surge de novo mas agora em Mordor, deixada sem vigilância por Gondor. Aí reúne os outros seis Nazgûl e juntos prepararam a vinda de Sauron. Um Balrog, descendente dos Maiar que se rebelaram com Melkor na Primeira Era e que foram, depois de Sauron, dos seus mais temíveis servidores, entra em Moria e mata o rei dos Anões, Durin VI.
- Ano 1981 — Os Anões fogem de Moria.
- Ano 2002 — Minas Ithil é capturada pelos Nazgûl e é chamada, a partir de então, Minas Morgul. O Palantir é capturado sendo provavelmente este o que Sauron utilizaria mais tarde para dominar e prever os movimentos de Gondor.
- Ano 2043 — Eänur torna-se rei de Gondor. É pouco depois desafiado para um combate com o chefe dos Nazgûl, combate que não aceita.
- Ano 2052 — Eänur é, de novo desafiado pelo Nazgûl. Desta vez aceita o combate e morre em Minas Morgul. Com Eänur termina a linha dos reis de Gondor. Mardil, que fora conselheiro-mor do rei, inicia a linha dos Regentes de Gondor (The Ruling Stewards of Gondor).
- Ano 2060 — O poder das Sombras que dominava Dol Guldur torna-se maior. Os Sábios receiam que se trate de Sauron a recuperar uma nova forma.
- Ano 2063 — Gandalf é enviado a Dol Guldur, mas Sauron recua e esconde-se nas terras mais a leste.
- Ano 2460 — Sauron regressa de novo a Dol Guldur.
- Ano 2463 — Forma-se o Conselho dos Sábios (White Council ou Council of the Wise), o qual reúne os dois Sábios Saruman e Gandalf, Elrond e Galadriel e outros Eldar importantes. O conselho reunia-se em Lórien, território de Galadriel. O hobbit Déagol encontra o Anel Soberano no leito do rio Anduin. Sméagol apodera-se do Anel.

- Ano 2470 — Smégaol, já com a sua personalidade dominada pelo Anel, esconde-se nas cavernas das Misty Mountains.
- Ano 2475 — Novo ataque das forças de Mordor a Gondor. Osgiliath é definitivamente destruída, tornando-se num posto militar.
- Ano 2510 — Os Rohirrin, uma raça humana relacionada com os Dúnedain, prestam ajuda a Gondor. Como reconhecimento dos seus serviços é-lhes concebida a província de Calenordhon por Cirion, Regente de Gondor. Aí os Rohirrin fundam o reino de Rohan.
- Ano 2510 — Reaparecem dragões no Norte os quais ameaçam os domínios dos Anões, ocupando as suas cavernas, e roubando-lhes as riquezas.
- Ano 2758 — Rohan é atacado e devastado. Gondor é atacado por Corsários. Helm, rei de Rohan refugia-se num desfiladeiro desde então conhecido por Helm's Deep.
- Ano 2759 — Início do Grande Inverno que provoca grande sofrimento às populações de Eriador e Rohan. Gandalf vem em ajuda dos Hobbits do Shire. Morte de Helm. Fréaláf vence o inimigo e recupera a capital de Rohan. Inicia a segunda dinastia dos Rohirrin. Saruman instala-se em Isengard, com autorização do regente de Gondor.
- Ano 2770 — O dragão Smaug entra em Erebor.
- Ano 2850 — Gandalf volta a Dol Guldur e descobre que é de facto Sauron que desencadeia as ondas de terror que dominam Mirkwood. Descobre ainda que o Senhor das Sombras está a reunir todos os Anéis do Poder que se encontravam ainda na posse dos Anões, e que procura o Anel Soberano e o Herdeiro de Isildur.
- Ano 2851 — O Conselho dos Sábios reúne-se de novo. Gandalf pretende que se ataque Dol Guldur ao que Saruman se opõe, fazendo prevalecer a sua opinião de Chefe do Conselho.
- Ano 2852 — O regente de Gondor morre. No mesmo ano a Árvore Branca seca e não se consegue encontrar outro rebento.
- Ano 2890 — Nasce Bilbo Baggins.

- Ano 2901 — A maioria dos habitantes de Ithilien foge devido aos ataques de Orcs vindos de Mordor. É construído o refúgio de Henneth Annûn.
- Ano 2911 — Início do Segundo Grande Inverno.
- Ano 2912 — Fim do Grande Inverno que provoca grandes inundações.
- Ano 2929 — Arathorn, sucessor da linha dos Dúnedain do Norte casa com Gilraen.
- Ano 2930 — Arador é morto por Trolls. Arathorn sucede a seu pai como Chefe dos Dúnedain do Norte.
- Ano 2931 — No dia 1 de Março nasce Aragorn, filho de Arathorn.
- Ano 2933 — Arathorn é morto num combate com Orcs. Gilraen leva Aragorn para Rivendell. Elrond recebe o Herdeiro de Arnor e Gondor, criando-o em segredo como se fosse seu filho. Aragorn recebe o nome de Estel que significa em Sindarin « Esperança ». A linha real entra, assim, na clandestinidade.
- Ano 2939 — Saruman descobre que Sauron já sabe como Isildur morreu, e que procura o Anel Soberano no rio Anduin perto de Gladden Fields.
- Ano 2941 — O Anão Thorin e Gandalf visitam Bilbo Baggins no Shire. Bilbo parte em viagem na busca do tesouro dos Anões roubado por um dragão. Bilbo encontra Sméagol a quem chama Gollum, e apodera-se do Anel Soberano. O Conselho dos Sábios reúne-se e Saruman concorda finalmente com o ataque a Dol-Guldur. Sauron abandona os seus domínios fugindo, assim, ao ataque.
- Ano 2941 — Bilbo regressa ao Shire com o Anel Soberano. Por seu lado Sauron refugia-se em Mordor.
- Ano 2944 — Gollum abandona as Misty Mountains e começa a procurar Bilbo.
- Ano 2948 — Nasce Théoden, filho de Thengel, rei de Rohan.
- Ano 2949 — Gandalf e o Anão Balin visitam Bilbo no Shire.
- Ano 2951 — Sauron manifesta-se abertamente e reúne as suas forças em Mordor. Inicia a reconstrução de Barad-dûr. Gollum dirige-se para Mordor. Sauron envia três Nazgûl para

recuperarem Dol Guldur. Elrond revela a Aragorn o seu verdadeiro nome e ascendência. O futuro rei recebe a espada de Isildur. Arwen regressa de Lórien, onde residia habitualmente, e encontra Aragorn. Este revela a Elrond a sua intenção de casar com Arwen e parte para as regiões desérticas, começando a sua iniciação.

- Ano 2953 — Última reunião do Conselho dos Sábios. O tema são os Anéis do Poder. Saruman afirma que descobriu que o Anel Soberano perdido no rio Anduin foi levado pelas águas para o mar. Saruman regressa a Isengard e começa as obras de fortificação da torre. Receando Gandalf, o chefe dos Sábios manda-o seguir por espiões, e repara no interesse que o Mágico tem pelo Hobbits. Saruman coloca agentes seus em Bree e Southfarthing.
- Ano 2954 — O vulcão de Mount Doom entra de novo em actividade. Os últimos habitantes de Ithilien fogem.
- Ano 2956 — Aragorn e Gandalf encontram-se pela primeira vez. Início da sua amizade.
- Ano 2957 — Durante 23 anos Aragorn viaja incógnito pela Terra Média. Sob disfarce serve o rei de Rohan, Thengel, e o regente de Gondor, tomando assim conhecimento com a situação real dos seus futuros domínios.
- Ano 2968 — Nascimento de Frodo Baggins.
- Ano 2976 — Casamento de Denethor, filho do regente de Gondor, com Finduilas.
- Ano 2978 — Nascimento de Boromir.
- Ano 2980 — Aragorn entra em Lórien e encontra-se de novo com Arwen. No monte Cerin Amroth celebram o seu voto. Gollum chega às proximidades de Mordor e encontra Shelob. Théoden torna-se rei de Rohan.
- Ano 2983 — Nasce Faramir, segundo filho de Denethor. No Shire nasce Samwise.
- Ano 2984 — Denethor torna-se regente de Gondor.
- Ano 2994 — Balin, o Anão que tinha voltado para Moria com um grupo de companheiros, é morto num combate com os Orcs. A pequena colónia de Anões é destruída.

- Ano 3000 — O poder de Mordor aumenta. Saruman usa o Palantir de Orthanc mas é dominado por Sauron que se revela como o possuidor da Pedra de Ithil. Saruman torna-se num traidor. Os seus espiões informam-no que o Shire está guardado por Rangers (cavaleiros Dúnedain que combatiam as forças da Sombra, formando o que podemos chamar um bando de guerrilha, fiel aos valores de Arnor).
- Ano 3001 — Festa de despedida de Bilbo. Gandalf suspeita que o anel do hobbit é, de facto, o Anel Soberano. A guarda em torno das fronteiras do Shire é reforçada. Gandalf procura notícias de Gollum e pede ajuda a Aragorn.
- Ano 3002 — Bilbo torna-se hóspede de Elrond em Rivendell.
- Ano 3004 — Frodo é visitado por Gandalf. Estes contactos entre o hobbit e o Mágico mantêm-se, de uma forma mais ou menos regular, durante os quatro anos seguintes.
- Ano 3008 — Gandalf visita Frodo pela última vez.
- Ano 3009 — Gandalf e Aragorn continuam a procurar Gollum, durante os oito anos seguintes. Neste período Gollum entra em Mordor e é capturado por Sauron que o interroga. Elrond manda chamar Arwen que regressa a Rivendell. O poder da Sombra torna as montanhas e as regiões orientais muito perigosas.
- Ano 3017 — Gollum é libertado por Sauron após este ter obtido a informação de que o novo possuidor do Anel Soberano é Bilbo Baggins, um hobbit do Shire. Gollum é levado por Aragorn para as Dead Marshes e posteriormente para Mirkwood. Gandalf visita Minas Tirith e lê o registo de Isildur.
- Ano 3018 — Início da viagem de Frodo e da Irmandade do Anel.
- Ano 3021 — Fim da Terceira Era.

APÊNDICE B
A GEOGRAFIA DA TERRA MÉDIA

Imagens retiradas para proteção
dos direitos de autor

LISTA DE OBRAS CONSULTADAS *

* A editora George Allen & Unwin pertence actualmente à Unwin Hyman, uma divisão da Harper Collins Publishers United (Londres).

- ABELAIRA (Augusto), « Ao pé das Letras », in *J.L.*, Jornal de Letras, Artes e Ideias. Lisboa, 1984 (nº 104).
- BAYARD (Jean Pierre), *La Poétique du Monde Souterrain*. Paris: Payot, 1973.
- BREKILIEN (Yann), *La Mythologie Celtique*. Paris: Marabout, 1981.
- CARPENTER (Humphrey), *J. R. R. Tolkien: A Biography*. London: Unwin Paperbacks, 1978.
- CENTENO (Yvette Kace), *A Alquimia do Amor*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1982.
- *5 Aproximações: Peter Weiss — A. Ramos Rosa — Alquimia e Misticismo — Fernando Pessoa — Hermann Hesse*. Lisboa: Edições Ática, 1976.
- CENTENO (Yvette Kace), GODINHO (Helder), RECKERT (Stephen), LUCAS (Maria Clara Almeida), *A Viagem de « Os Lusíadas »: Símbolo e Mito*. Lisboa: Arcádia, 1981. (Obra organizada por Yvette Kace Centeno e Stephen Reckert).
- CENTENO (Yvette Kace), PIMENTA (Alberto), SANTOS (Eulália), BARRENTO (João), *A (Má)s cara Diante Da Cara: Dos Símbolos do Homem e do Homem como Símbolo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- CHEVALIER (Jean), GHEERBRANT (Alain), *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont/Jupiter S.A., 1969 (1982).
- CHRISTINGER (Raymond), *Le Voyage dans l'Imaginaire*. Paris: Éditions Stock, 1981.
- CRABBE (Katharin), *J. R. R. Tolkien*. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1981.
- FOSTER (Robert), *The Complete Guide to Middle-Earth*. London: Unwin Paperbacks, 1978.
- FRANZ (Marie-Louise von) et al., *C. G. Jung et la Voie des Profondeurs*. Paris: La Fontaine der Pierre, 1980.
- FRANZ (Marie-Louise von), *L'Interprétation des Contes de Fées*. Paris: La Fontaine de Pierre, 1980.
- *Nombre et Temps: Psychologie des Profondeurs et Physique Moderne*. Paris: La Fontaine de Pierre, 1978.
- *La Voie de l'Individuation dans les Contes de Fées*. Paris: La Fontaine de Pierre, 1978.

- FREUD (Sigmund), *The Interpretation of Dreams*. Harmondsworth: Penguin Books, 1976.
- GREENWAY (John L.), *The Golden Horns: Mythic Imagination and the Gothic Past*. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1977.
- JUNG (Carl Gustav), *Dialectique du Moi et de l'Inconscient*. Paris: Gallimard, 1964 (1981).
- *Essai d'Exploration de l'Inconscient*. Paris: Éditions Gonthier, s.d.
- *Métamorphoses de l'Âme et ses Symboles*. Genève: Librairie de l'Université, Georg & C.S.A., 1953 (1978).
- *L'Homme à la Découverte de son Âme*. Paris: Éditions Payot, s.d.
- KERENY (Charles), *L'Essence de la Mythologie*. Paris: Éditions Payot, 1980.
- KOCHER (Paul H.), *Master of Middle-Earth: The Achievement of J. R. R. Tolkien*. London: Thames and Hudson, 1973.
- NIETZSCHE (Friedrich), *Poemas*. Coimbra: Centelha, 2ª ed. revista, 1981. (Seleção, Versão Portuguesa, Prefácio e Notas de Paulo Quintela).
- NITZSCHE (Jane Chance), *Tolkien's Art: A Mythology for England*. Hong Kong: The Macmillan Press Ltd., 1979.
- NOEL (Ruth S.), *The Mythology of Middle-Earth*. London: Thames and Hudson, 1977.
- O'NEILL (Timothy), *The Individuated Hobbit: Jung, Tolkien and the Archetypes of Middle-Earth*. London: Thames and Hudson, 1980.
- SHIPPEY (T.A.), *The Road to Middle-Earth*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1982.
- STRACHEY (Barbara), *Journeys of Frodo: An Atlas of J. R. R. The Lord of the Rings's*. London: Unwin Paperbacks, 1981.
- TODOROV (Tzvetan), *Introduction à la Littérature Fantastique*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- TOLKIEN (John Ronald Reuel), *Farmer Giles of Ham*. London: Unwin Paperbacks, 1983. (Ilustrado por Pauline Baynes).
- *The Hobbit*. London: Unwin Paperbacks, 4th ed., 1981. (Ilustrado pelo autor).
- *The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring; The Two Towers; The Return of the King*. London: Unwin Paperbacks, 3 vols., 1981.
- *The Monsters and the Critics and Other Essays*. London: Unwin Paperbacks, 1983. (Editado por Christopher Tolkien).
- *The Silmarillion*. London: Unwin Paperbacks, 1983. (Editado por Christopher Tolkien).
- *Unfinished Tales*. London: Unwin Paperbacks, 1982. (Edição, Introdução, Comentário, Índice e Mapas de Christopher Tolkien).

-
- *Finn and Hengest: The Fragment and the Episode*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1982. (Editado por Alan Bliss).
- *Pictures by J. R. R. Tolkien*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1979. (Com Prefácio e Notas de Christopher Tolkien).
- *Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo*. London: Unwin Paperbacks, 1979. (Editado por Christopher Tolkien).
- *Smith of Woottan Major and Leaf by Niggle*. London: Unwin Paperbacks, 1983. (Ilustrado por Pauline Baynes).
- *The Adventures of Tom Bombadil*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1961 (1975). (Ilustrado por Pauline Baynes).
- *The Father Christmas Letters*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1976. (Editado por Baillie Tolkien).
- *Mr. Bliss*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1982.
- *The Book of Lost Tales 1*. London: Unwin Paperbacks, 1985. (Editado por Christopher).
- *The Book of Lost Tales 2*. London: Unwin Paperbacks, 1986. (Editado por Christopher Tolkien).
- *The Letters of J. R. R. Tolkien*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1981. (Editado por Humphrey Carpenter).
- TOLKIEN (John Ronald Reuel), SWANN (Donald), *The Road Goes Ever On: A Song Cycle*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1978.
- TYLER (J.E.A.), *The Tolkien Companion*. London: Macmillan Press Ltd., 1976.
- VAX (Louis), *L'Art et la Littérature Fantastiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963. (Collection « Que sais-je », n° 907).
- VAX (Louis), *La Séduction de l'Étrange: Étude sur la Littérature Fantastique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

ÍNDICE DE FIGURAS E MAPAS

FIGURAS:

Figura 1 — AS LÍNGUAS ÉLFICAS. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	36
Figura 2 — AS SILMARILLI. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	44
Figura 3 — OS SÍMBOLOS HERÁLDICOS DE BEREN E LÚTHIEN. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	47
Figura 4 — O SOL E A SUA SOMBRA. (MICHAEL MAIER, <i>Atalanta Fugiens</i> , 1617)	51
Figura 5 — BILBO BAGGINS EM BAG END. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	54
Figura 6 — HOBBITON. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	68/69
Figura 7 — O ANTHROPOS GNÓSTICO. (<i>Dictionnaire Initiatique</i> , 1970)	77
Figura 8 — O SALGUEIRO. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	94
Figura 9 — A DUPLA QUATERNIDADE.	100
Figura 10 — OS PORTÕES DE MORIA. (T. O'NEILL, <i>The Individuated Hobbit</i>)	104
Figura 11 — AS ESCADAS DE MORIA. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	107
Figura 12 — LOTHLÓRIEN. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	109
Figura 13 — ANDRÓGINO COROADO. (Gravura do <i>Rosarium Philosophorum</i> , ms. lat. de 1550)	111
Figura 14 — A SEPARAÇÃO DA IRMANDADE. (B. STRACHEY, <i>Journeys of Frodo</i>)	115

Figura 15 — A ENTRADA PARA O CAMINHO DOS MORTOS. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	117
Figura 16 — A BATALHA DE PELENNOR. (B. STRACHEY, <i>Journeys of Frodo</i>)	119
Figura 17 — TANQUETIL. (TOLKIEN, <i>Pictures By J. R. R. Tolkien</i>)	124/125

MAPAS:

Mapa I — BELERIAND. (TOLKIEN, <i>The Silmarillion</i>)	151
Mapa II — A TERRA MÉDIA NA TERCEIRA ERA. (TOLKIEN, <i>The Lord of the Rings</i>)	152
Mapa III — O SHIRE E ARNOR. (TOLKIEN, <i>The Lord of the Rings</i>)	153
Mapa IV — LÓRIEN E MORKWOOD. (TOLKIEN, <i>The Lord of the Rings</i>)	154
Mapa V — PARTE OCIDENTAL DE GONDOR. (TOLKIEN, <i>The Lord of the Rings</i>)	155
Mapa VI — ANÓRIEN, ITHILIEN E MORDOR. (TOLKIEN, <i>The Lord of the Rings</i>)	156

ÍNDICE GERAL

NOTA PRÉVIA	11
I — INTRODUÇÃO	13
II — JOHN RONALD REUEL TOLKIEN: VIDA E OBRA ...	21
1. ALGUNS ASPECTOS DA SUA VIDA PESSOAL E ACADÊMICA .	23
2. O UNIVERSO LITERÁRIO DE J. R. R. TOLKIEN	34
2.1. UMA MITOLOGIA PARA INGLATERRA	41
2.2. A LENDA DE <i>THE LORD OF THE RINGS</i>	52
III — A VIAGEM E A TRANSFORMAÇÃO	59
1. SIGNIFICADO SIMBÓLICO	61
2. UM ANEL PARA NAS TREVAS OS UNIR	67
2.1. UM COMPLEXO CHAMADO NÚMENÖR	71
2.2. DOIS HOBBITS E UMA HERANÇA INESPERADA	83
2.3. VIAGEM PARA AS TREVAS	98
2.4. A LUZ (RE)NASCE DAS TREVAS	115
2.4.1. A vitória do Rei	115
2.4.2.A derrota de Frodo	119
2.4.3. A individuação da Terra Média	123
IV — CONCLUSÃO	125
APÊNDICE A — A CRONOLOGIA DAS TRÊS ERAS	133
APÊNDICE B — A GEOGRAFIA DA TERRA MÉDIA	147
LISTA DE OBRAS CONSULTADAS	155
ÍNDICE DE FIGURAS E MAPAS	161

ESTE LIVRO, *THE LORD OF THE RINGS*
— *A VIAGEM E A TRANSFORMAÇÃO*,
FOI COMPOSTO, IMPRESSO E BROCHADO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DE BARBOSA
& XAVIER, LIMITADA - BRAGA. INICIADA A
COMPOSIÇÃO EM MAIO DE 1991, ACABOU
DE SE IMPRIMIR 4 DE JUNHO DE 1992.